



3 1761 07149710 1

AMÉRICO F. MARQUES

Livreiro Antiquário

R. da Misericórdia, 92-1.º

Telef. 34977 Lisboa

N.º 2594

m-82 Base-



BIBLIOTECA LUSITANA

---

ALFREDO COELHO DE MAGALHÃES

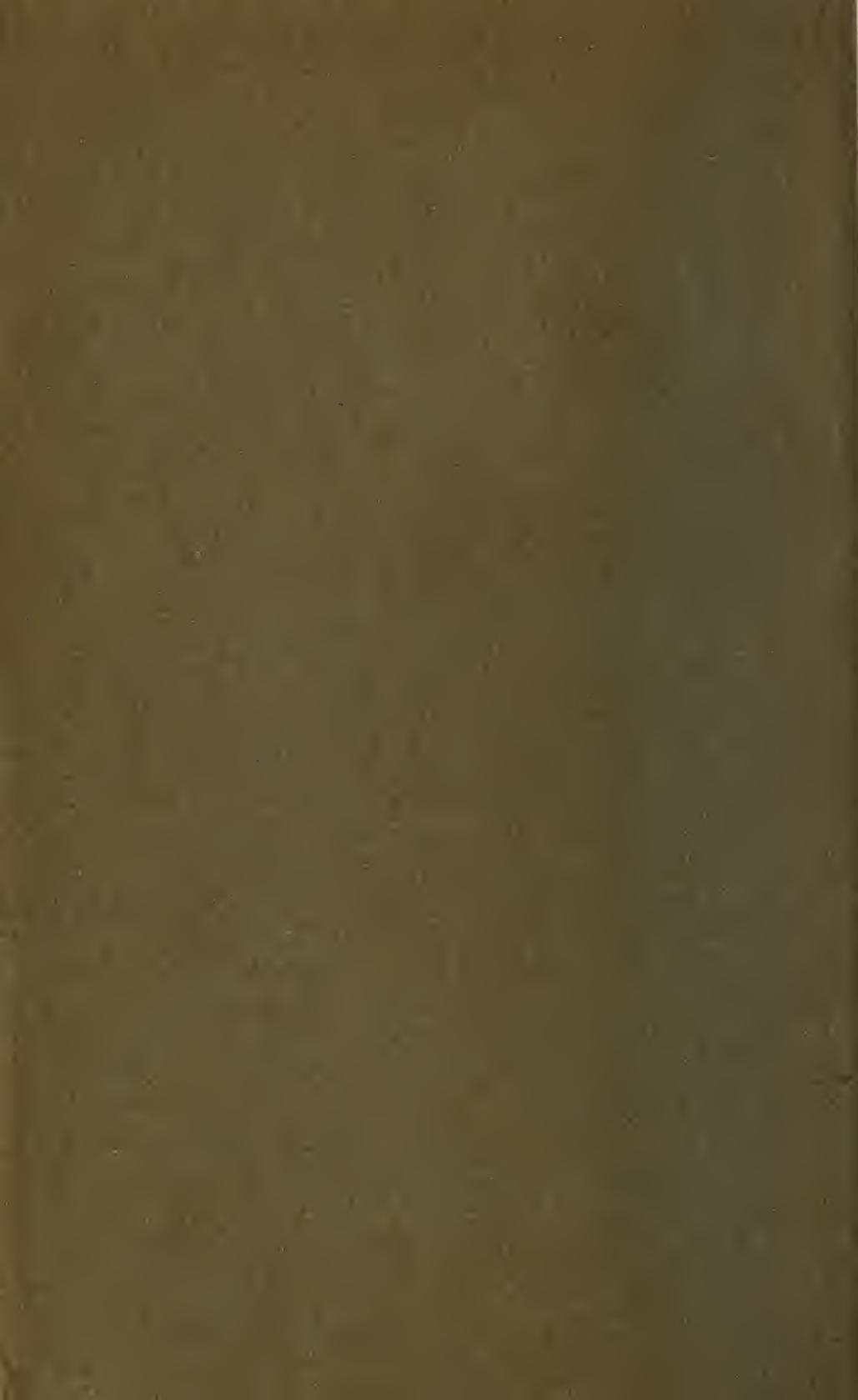
---

# Chronica d'El-Rei D. Duarte

DE RUY DE PINA

COM UM ESTUDO CRITICO, NOTAS E GLOSSARIO

EDIÇÃO DA  
RENASCENÇA PORTUGUESA  
PORTO





Arthur Jackson  
1/1918

Antonio Alfonzo  
12/1918



Direitos reservados

CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE



DO AUCTOR :

Questões de ensino (um folheto fóra do mercado)—1912.  
Elementos para o estudo da litteratura nacional nos lyceus  
—1913.

Litteratura nacional (Programma para o curso complementa-  
tar)—1914.

EM PREPARAÇÃO :

Estudos Vicentinos—I. O povo na obra vicentina.

BIBLIOTECA LUSITANA

---

ALFREDO COELHO DE MAGALHÃES

---

# Chronica d'El-Rei D. Duarte

DE RUY DE PINA

COM UM ESTUDO CRITICO, NOTAS E GLOSSARIO



EDIÇÃO DA  
RENASCENÇA PORTUGUESA  
PORTO

STANDARD LIBRARY

LIBRARY  
MAY 1973  
UNIVERSITY OF TORONTO

DP  
592  
P5  
1914

ESTUDO CRÍTICO



# I

## A HISTORIA PATRIA E O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NACIONAL

**C**OMEÇA Ruy de Pina pelas seguintes palavras o «prologo» da *Chronica de D. Duarte*, dirigido a D. Manuel, o «venturoso»:

«Estorea, muy excellente Rey, he assi mui liberal Princesa de todo bem, que nunca em sua louvada conversação nos recolhe, que della não partamos, sem em toda calidade de bondades, e virtudes spirituaaes, e corporaaes nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós hum outro singular melhoramento.»

O velho chronista do seculo de quatrocentos póde quasi considerar-se um remotissimo precursor d'aquelles que, neste momento, em Portugal, confiam na educação historica, como meio de refazer a antiga alma lusitana, evocando e revivendo as qualidades originaes

que ella revelou naquelle século, o maior da nacionalidade portugueza.

Accrescenta Ruy de Pina ás palavras citadas, querendo indicar os fins e as vantagens da historia, que a sua «virtuosa força he tamanha, que per obras ou vontade, dos fracos faz esforçados . . . ».

Não esquecendo, como já accentuou Herkulano, que «no estudo da historia patria cada povo vae buscar a razão dos seus costumes, a santidade das suas instituições, os titulos dos seus direitos», procurando tirar das experiencias do passado «ensino e sabedoria para o presente e futuro», é certo que a educação historica, presentemente, no nosso paiz, deve ter como primacial fim «dos fracos fazer esforçados», no dizer do chronista.

Portugal tem vivido numa profunda crise moral desde o século de quinhentos. Esse estado d'alma revelou-o Camões, admiravelmente, naquella estancia dos «Lusiadas» em que falla da «apagada e vil tristeza». O desanimo, a desesperança, a falta de confiança no esforço proprio, a não existencia d'um ideal colectivo, e, como consequencia, a desorientação dos espiritos e a dispersão de forças, tudo isto tem caracterisado a vida portugueza, approximadamente ha quatro séculos.

Fômos o maior pòvo do mundo no século XV. As mais bellas qualidades da Alma da Renascença encarnaram em nós: o esforço audacioso e heroico, o amôr á Natureza e o

desejo de a dominar, a alegria de viver, eternizando a Vida, a anciedade de fundir o Ceu e a Terra, na aspiração suprema de realizar a belleza e a justiça perfectas.

Na maravilhosa obra, que então realisamos e com que, sacrificadamente, contribuimos para a civilização do Mundo, gastamos muito esforço, revelado em tenacidade, audacia, rebeldia e abnegação.

A força de vontade, a entranhada fé, a alegria e a exaltada esperança, que manifestamos durante aquelle tão largo e tão fecundo seculo, não terão morrido, de todo, na nossa alma, mas atenuaram-se e apagaram-se tanto que, rarissimas vezes, dão signal de si.

Foi ainda, verdadeiramente, no seculo XV, e em parte do immediato, que vivemos, moral e intellectualmente, dentro da Europa. Bastaria a larguissima obra das descobertas para o confirmar. Mas nós fizemos mais: démos á humanidade algumas grandes figuras moraes e, pelo menos, uma obra de arte eterna, porque interpreta uma época, e, ao mesmo tempo que tem um character eminentemente nacional, é largamente humana.

Depois, ficámos fóra da Europa, vivendo, no entanto, exclusivamente d'ella, e, o que é peor, ficamos fóra de nós mesmos, não nos reconhecendo e desamando-nos, num grande desvairamento . . .

É certo, todavia, que jámais se perdeu, inteiramente, a consciencia da nacionali-

dade, mas persistiu, pôde dizer-se, apenas no fundo da alma do povo, que creou o «Sebastianismo», e a elle se acolheu como a uma derradeira esperança.

O povo sentiu que revelara, pela ultima vez, as suas qualidades caracteristicas em Alcacer-Kibir. Não querer acreditar na morte de D. Sebastião era acreditar que a Raça não morrera, definitivamente. Era o desejo de continuar a viver, tão originalmente, como já havia vivido.

Camões, o maior interprete da Alma da sua Raça, teve tambem uma commovida e exaltada admiração pelo heroi de Alcacer-Kibir. Apesar de velho e doente, desejou acompanhá-lo, tendo sido com lagrimas de enternecida e dolorosa alegria que o viu partir.

Não foi a indignação, propria da época, contra os mouros, ou a opinião, friamente calculada, de que era vantajoso para Portugal a fundação d'um imperio no norte da Africa, que levaram Camões a uma attitude de decidida sympathia e apoio perante a Jornada de Alcacer-Kibir. Não. Foi, antes, o facto de haver sentido que D. Sebastião encarnava antigas e nobres virtudes da alma portugueza.

São essas virtudes, assombrosamente reveladas no século de quatrocentos, que é indispensavel, neste momento, viver de novo, e isso só se conseguirá, evocando e recon-

stituindo as grandes figuras que as encarnaram.

É necessario sentir junto de nós D. Nuno Alvares Pereira, symbolo do amor patriotico que, como Joanna d'Arc em França, creou, verdadeiramente, em Portugal; o Infante de Sagres, audaz e tenacissimo, sacrificando tudo, inclusivamente a Familia e o Amor, á realisação do alto pensamento das Navegações e das Descobertas que o absorvia e cegava de tal modo que, visto á luz d'um criterio estreito, chega a não merecer sympathy; o Infante Santo, alma resignada e sofredora das maiores affrontas e das maiores humilhações, esquecendo-se de si, para só pensar, dolorosissimamente, na desgraça dos companheiros; o Infante D. Pedro, a maior figura moral da nossa Raça, cuja vida é um nobilissimo exemplo de eternas verdades, e, erguendo-se ao lado d'elle, D. Alvaro Vaz d'Almada, que, em Alfarrobeira, encarnou o estado mais alto a que tem subido a alma portugueza, naquelle momento em que, cansado da vida de miseria que se vive na Terra, correu para a Morte, com a esperanza de que começaria, finalmente, a viver uma vida de perfeição, revelada na sua lealdade eterna á Bondade e á Justiça, symbolisadas em D. Pedro.

E recordar, assim, o passado, com o desejo de reencarnar as qualidades que então revelámos, não é dar á alma portugueza

immobilidade, ou querer que ella repita a obra já realisada, mas é, sim, enchê-la de confiança em si mesmo e de decidida vontade, de tal modo que sinta a nobre e justificada aspiração de realisar uma nova obra original.

A que realisamos no seculo das Navegações é imperfeita e incompleta. Compreendeu-o, claramente, Camões, attribuindo ao «Velho do Restello» a sua condemnação.

Não condemnava o divino Epico o que de nobremente audacioso houve nessa obra, enquanto vivemos do desejo de chegar á India, cheios d'aquelle intenso e generoso entusiasmo proprio de quem se sentia encarregado d'uma grande e humanissima missão.

Mas, chegados ao Oriente, esgotadas, durante um largo século de sobrehumano esforço, as nobres virtudes da alma lusitana, a ella afloraram a cega ambição, a desmedida vaidade, o desejo de dominar e opprimir, e tornámo-nos pelejadores e roubadores como, com rude verdade, disse Gil Vicente.

Era isto o que Camões, pela voz prophetica do «Velho do Restello», condemnava, presentindo, ao mesmo tempo, pelo seu genio divinatorio, que Portugal voltaria, um dia, a contribuir para a civilização da Humanidade, numa larga affirmacão de superior vida moral, eternamente creadora de belleza.

Confiar em que assim succederá e desejá-lo anciosamente, como já tantas almas confiam

e desejam, é indício de que na terra portuguesa se forma uma consciencia collectiva, renovando-se o espirito nacional e encontrando-se um alto sentido para a Vida.

É este renascer da nossa alma, alimentada da sua propria essencia, que é preciso avigorar e orientar, não para uma vida de isolamento e egoismo, mas para, dentro da humanidade, crear alguma coisa de original, generoso e grande.

Acreditâmos que a publicação das «Chronicas» do século XV, num intuito de popularisação, muito contribuirá para aquelle renascimento.

Ha, é certo, quem olhe, desconfiadamente, a obra dos nossos primitivos historiadores, suppondo que elles viveram apenas para lisongear e adular os Reis que lhes pagavam, tendo, assim, feito uma obra inteiramente falsa. Ha até quem confunda, neste mesmo criterio, todos os chronistas do seculo de quatrocentos, desde o adoravel Fernão Lopes, que viveu e interpretou, com entusiasmo e com verdade, um dos mais bellos momentos da vida nacional, até ao palaciano Garcia de Rezende cuja obra historica vale apenas como um documento revelador do meio em que elle passou, jovialmente, a existencia.

Aquella desconfiança é injusta. Assim o entendia, pelo menos a respeito de Fernão Lopes, o severo e profundo Herculano, que pelo historiador da época de D. João I tinha

verdadeira adoração. Assim o provou Oliveira Martins, indo beber, como elle mesmo diz, á «fonte limpa das chronicas mais proximas», sempre que precisou de reconstituir uma época ou uma figura. Verifica-se isto, por exemplo, no bellissimo livro, *Os filhos de D. João I*, que o historiador-artista escreveu, d'olhos postos nas narrativas de Azurara e Ruy de Pina, creando, com os elementos que ellas lhe forneceram, uma obra original, cheia de realidade e de emoção.

Para que todos possam viver, alvoroçada e comovidamente, a maior época da nacionalidade portugueza, sentindo a sua alma fundir-se na Alma da Raça, é que suppomos vantajoso, senão indispensavel, popularisar a obra dos nossos três primeiros historiadores, Lopes, Azurara e Pina, na parte em que narram os feitos e as virtudes das grandes figuras representativas.

## II

### OS PRIMEIROS HISTORIADORES PORTUGUEZES

**A** LITTERATURA em Portugal começa, póde dizer-se, ao mesmo tempo que se constitue a nacionalidade. A primeira forma por que se exteriorisa a vida affectiva e o pensamento lusitano é, como acontece entre todos os povos, a poesia.

Nascera, na parte meridional da França, a nova poesia do amôr, que revelava um estado d'alma tranquillo e alegre, devido ás circumstancias em que se encontrava aquella região, quer sob o ponto de vista physico, caracterisada por um clima suave e por um ceu sereno, quer sob o ponto de vista politico, gosando d'uma situação de autonomia e de liberdade, que lhe provinha do seu regimen municipalista.

Aquelle renascimento litterario, que se dava na Provença, no seculo XI, suscitou em Portugal a criação da escola trobadoresca portugueza que teve um periodo de accentuada originalidade, revelada na interpretação

d'um dos aspectos da alma lusitana: a sua vida amorosa, cheia de mysterio, de anciedade, do desejo de eternisar-se, continuando para além da Morte.

Succede, depois, um periodo de imitação, e, portanto, de decadencia, em que se trova «en maneira de provençal», como confessa D. Diniz, o Rei-trovador, podendo chamar-se, por isso, o periodo do «provençalismo».

Começa, ao mesmo tempo, a dominar os portuguezes uma viva predilecção pelas novellas de cavallaria, o que se comprehende, porque vae desabrochando a nossa alma heroica, capaz dos maiores sacrificios, que havia de affirmar as suas qualidades inconfundiveis, dominando o mar Mysterioso. Voltamos, então, a affirmar o nosso espirito creador que já haviamos revelado no primeiro periodo da poesia trobadoresca. Creámos a novella, o *Amadis de Gaula*, cujo original se perdeu definitivamente, sendo uma bellissima e patriotica obra a tentar a sua restituição.

Chegára o nosso grande seculo, e, ao mesmo tempo que contribuíamos, poderosamente, pelas Navegações e pelas Descobertas, para a Renascença, impondo-nos ao Mundo e alcançando um logar primacial na historia da humanidade, a poesia portugueza revestia um character puramente palaciano, artificiosa e falsa, não vivendo da grandeza da época, não a reflectindo sequer

vagamente. Os poetas, fidalgos humilhados, que lisongeavam o Rei e «serviam» as damas, viviam fóra do seu tempo, divorciados do espirito que animava o pôvo, como já notou Menendez y Pelayo. (1) Affirma, no entanto, o eminente crítico hespanhol que «o *Cancioneiro* de Rezende offerecerá sempre grande interesse como monumento de uma época gloriosa para ambos os povos peninsulares e como symbolo de fraternidade entre elles». Não concordamos com a affirmação de Menendez y Pelayo, o qual se contradiz a si mesmo. O *Cancioneiro Geral*, exactamente porque não representa, de modo nenhum, a época a que corresponde, e tem apenas, além do merecimento philologico, o valor restricto de revelar alguns aspectos da vida cortesã, não pôde considerar-se, em verdade, um monumento do seculo XV. E muito menos pôde ser considerado como um symbolo de fraternidade entre a raça lusitana e a raça castelhana. É certo que muitos poetas daquelle seculo escreveram em castelhano, não podendo tambem negar-se a influencia que, por intermedio do Infante D. Pedro, exerceram em Portugal os poetas das côrtes de D. Juan II e dos Reis Catholicos, nomeadamente Juan de Mena. Bastaria, no entanto, para justificar a nossa discordancia da opi-

(1) *Antologia de Poetas Liricos Castellanos*, ed. de 1912, tomo VII, pag. 21 e segs.

ção de Menendez y Pelayo, lembrar que os poetas das Côrtes do Príncipe Perfeito e do Rei Venturoso não interpretam a alma da Raça. Mas nem isso se torna necessario, porque é elle mesmo quem nos affirma que os portuguezes, apesar de terem a consciencia da sua autonomia e de haverem entrado no seu periodo heroico depois do triumpho de Aljubarrota, gostavam de poetar na lingua dos seus «odiados rivaes» . . .

Os motivos de inspiração dos versejadores do seculo de quatrocentos reduziam-se, póde dizer-se, aos incidentes banaes que se davam na Côrte, sendo raro encontrar na sua obra vestigios do vivo e dulcissimo ly-rismo portuguez que ha-de ter a sua plena efflorescencia com Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Gil Vicente e Luiz de Camões. No vasto *Cancioneiro Geral*, que o jovialissimo Garcia de Rezende, homem dotado de muitas e variadas «manhas», paciente e desordenadamente colligiu, não será facil encontrar uma pagina que nos encha de funda emoção, nos eleve a alma ou nos faça sorrir, alegremente, á Vida, cheia de esperanças, num desejo forte de vivê-la. No meio de tanta trivialidade, destacam-se as «Trovas á Morte de D. Ignez», do proprio Rezende, e pouco mais. A graça e a espiritualidade da mulher portugueza, a sua bondade e espirito de sacrificio; a alma religiosa lusitana, desejando, anciosamente, sentir-se divina, e con-

fiando a sua perfeição do Amôr que é a sua propria essencia; a paysagem de Portugal, corporisação da Alma da Raça, revelada em perpetua Saudade do Ceu; a nossa epopeia maritima, em que deixámos a «vida repartida em pedaços pelo Mundo», nada d'isto impressionou, nem de leve, os versejadores do seculo XV.

Só os chronistas, principalmente Fernão Lopes, que tinha a nobre paixão da verdade, procurando sempre evitar que a affeição pelos Senhores fosse influir, favoravelmente, no «recontamento» dos seus feitos, só elles revelaram a sua época, conseguindo eternisar alguns dos seus aspectos e das suas figuras. Foi, lendo-os, que Camões creou em si um profundo sentimento da nacionalidade, ao mesmo tempo que, segundo as ideias então dominantes, adquiria uma educação humanista.

Fernão Lopes corresponde a um grande momento da vida nacional. O pôvo, alvoroçadamente, preparava-se para as Descobertas, presentindo que realisaria uma obra de altissimo alcance humano. Quando soube que D. Fernando ia casar com D. Leonor Telles, «louçaã e aposta e de boom corpo», dotes physicos da mulher de João Lourenço da Cunha que ao chronista aprouve realçar, reprehendeu-o, altivamente, como quem tem a consciencia da sua força. Representa um admiravel movimento democratico a attitude

desses três mil «mesteiraaes de todos mesteres, e beesteiros, e homeens de pee» que «com armas se forom aos paaços hu elRei pousava» e d'esta guisa lhe fallaram, pela bocca humilde e nobre do alfaiate Fernão Vasques, que haviam eleito «por seu capitam e propoedor por elles», o qual foi depois sacrificado á perfidia da coroada barregã:

«Que elles eram alli vijndos, por quanto lhes era dito que elRei seu senhor tomava por sua molher Lionor Tellez, molher de Joham Lourenço de Cunha seu vassallo; e por quanto isto nom era sua honra, mas ante fazia gram nojo a Deos e a seus fidallgos, e a todo o poboo, que elles come verdadeiros Portugueses lhe vijnham dizer, que tomasse molher filha de Rei, qual comvijnha a seu estado; e que quando com filha de Rei, casar nom quisesse, que tomasse huuma filha dhuum fidallgo de seu reino, qual sua merçee fosse de que ouvesse filhos legitimos, que reinassem depos elle, e nom tomasse molher alhea, ça era cousa que lhe nom aviam de consentir; nem el nom avia por que lhe teer esto a mal, ca nom quiriam perder huum tam boom Rei como elle, por huuma maa molher que o tijnha emfeitiçado». (1)

(1) *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, na «Collecção de livros ineditos de historia portugueza», tomo IV, pag. 251.

O povo, que fallava, assim, ao Rei, era já bem o mesmo que affirmaria, nas côrtes de 1385, todo o seu espirito de autonomia, apoiando, com enthusiasmo, as razões patrióticas e cheias de argucia de João das Regras contra as pretensões do Rei de Castella, e havia de revelar, em Aljubarrota, a sua unidade moral e a indomavel aspiração de viver independente e livre.

Fernão Lopes é o interprete da alma portugueza nesse momento, tendo comprehendido, admiravelmente, que não é apenas a figura do monarcha que enche uma época, mas nella tem um logar primacial o povo, com o seu esforço, os seus defeitos e as suas virtudes, o seu sacrificio e as suas aspirações.

Embora anteriormente a Fernão Lopes, tivéssemos tido algumas tentativas de narrações historicas, como a *Chronica da fundação do Moesteyro de S. Vicente* e por ventura a *Chronica do Condestabre* e a *Chronica do Santo e virtuoso Infante D. Fernando*, é aquelle chronista que cabe o direito de ser considerado o creador da historia nacional.

Como já notou Herculano <sup>(1)</sup>, Fernão Lopes «*nasceu* historiador, tendo adivinhado os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu transmittiu-a á

(1) *Opusculos*, tomo II das «Controversias e estudos historicos», 2.<sup>a</sup> ed., pag. 9.

posteridade, e não como outros fizeram somente um esqueleto de sucessos políticos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia : ha poesia e drama : ha a idade média com sua fé, seu entusiasmo, seu amor de gloria».

Foi, é certo, Fernão Lopes, ao tempo guarda do Real Archivo da Torre do Tombo, encarregado por D. Duarte, em 1434, e mediante uma certa remuneração, «de poer em caronyca as estorias dos Reys, que anty-gamente em Portugal foram; e isso mesmo os grandes feytos e altos do muy virtuoso e de grandes vertudes ElRei seu senhor e padre». Mas tal circumstancia não apagou nelle o sentimento da verdade nem tão pouco o tornou um «mero biographo do paço, sustentando com melhor ou peor habilidade a fama e o bom nome dos reis», como pretende inculcar o sr. José Caldas (1).

Muito ao contrario das affirmações d'este illustre escriptor, o auctor da *Chronica d'El-Rei D. João I* tinha um grande amor á verdade a que sacrificava, segundo parece dar a entender, a belleza da forma, como se porventura as duas coisas não pudessem coexistir e elle mesmo as não houvesse realisado.

Todo o seu empenho de ser verdadeiro revela-o nas seguintes palavras que fazem parte do «prologo» d'aquella chronica :

(1) *Historia d'um fogo-morto*, ed. de 1904, pag. xxvii.

«Nós certamente leuando outro modo, posta departe toda affeição, que por azo das ditas rezoens auer podíamos, nosso desejo foi em esta obra escreuer verdade, sem outra mesura leixando nos bons aquecimentos todo fingido louuor, e mormente mostrar ao pouo, quaesquer contrairas cousas da guisa que auierem . . . Se outros por ventura em esta coronica buscão fermosura, e novidade de palauras, e não acertidão das historias, desprazerlhe ha de nosso rezoado, muito ligeiro a elle de ouvir e não sem gram trabalho em nos de ordenar.» (1)

Mas Fernão Lopes não se limitou a palavras: provou com factos que não o cegava o deslumbramento da vida cortesã, sentindo que a sua missão não era fazer a apologia incondicional dos reis, devendo antes elogiá-los ou censurá-los, conforme o merecessem. Assim se explica a maneira como se referiu ao facto de D. Pedro I haver quebrado o juramento de que não se vingaria dos assassinos de Ignez de Castro.

Merecem ser registadas, até para honra da memoria do chronista, essas nobres palavras:

«Porque o fruito principal da alma que he a verdade, pela qual todallas cousas estam em

(1) *Chronica delRey D. João I*, ed. de 1644, pag. 2 e 3 da 1.<sup>a</sup> parte.

sua firmeza; e ella ha de seer clara e nom fingida, moormente nos Reis e senhores, em que mais resplandece qualquer virtude, ou he feo o seu contrairo: ouverom as gentes por muj gram mal huum mujto davorrecer escambo, que este ano amtre os Reis de Purtugal e de Castella foi feito; em tanto que posto que escripto achemos delRei de Purtugal que a toda gente era manteedor de verdade, nossa teençom he nom o louvar mais; pois contra seu juramento foi consentidor em tam fea cousa como esta». (1)

Destacámos aquella qualidade de Fernão Lopes, sem a qual jamais poderia merecer o nome de historiador, e que, certamente, justifica, só por si, a admiração que Herculano lhe votava.

Mas elle tem outras qualidades que o tornam, pôde dizer-se, inconfundivel. Entre ellas, destaca-se o seu poder de dramatisar os factos que narra, dando-lhes alma que sentimos vibrar e por que nos apaixonamos num interesse sempre crescente. As suas narrações são, assim, muitas vezes, como uma resurreição de épocas e de figuras que lhe ficassem muito distantes e que elle evocasse e erguesse.

É um exemplo notavel d'aquelle poder a descripção dos actos revolucionarios que se

(1) *Chronica de D. Pedro I*, na «Collecção de livros ineditos de historia portugueza», tomo IV, pag. 80.

seguiram em Lisbôa ao assassinato do Conde d'Andeiro. Vivemos, ao lê-la, essas horas tragicamente bellas, em que a alma popular portugueza rugiu, pelas ruas da cidade e de encontro aos paços reaes, cheia de indignação e de cólera, contra a pérfida D. Leonor que representava o sentimento anti-nacional, porque se amancebara com o estrangeiro.

Correu a noticia de que queriam matar o Mestre d'Aviz, e vozes «desvairadas» se ergueram de todos os lados, gritando que «britassem as portas para entrar dentro e veriam que era do Mestre, ou que cousa era aquella. Delles (1) bradauam por lenha, e que viesse lume pera porem fogo ás portas, e queimarem o tedor e a aleiuosa. Outros aficauão pedindo escadas pera sobir acima pera verem que era do Mestre, e em todo esto era o arroido tam grande, que senão entendião huns aos outros, nem determinauam nenhuma cousa». (2)

Das janellas dos paços bem gritavam que o Mestre era vivo e o Condê João Fernandes, morto. Mas o povo não queria convencer-se, e clamava: «Pois se vivo he mostrayno-lo».

Appareceu, realmente, o Mestre a uma grande janella que dava para o lado aonde estava a maior força da gente, e disse: «Amigos, apacificayuos ca eu viuo e são sou».

(1) *D'elles* equivale a *uns* ou *alguns d'entre elles* (os manifestantes).

(2) *Chronica d'El-Rei D. João I*, cit., pag. 23 da 1.<sup>a</sup> parte.

Encheram-se todas as `almas de alegria, e «muitos chorauam com prazer de o ver vivo», porque o Mestre d'Aviz representava naquelle momento a garantia da independencia da patria . . .

É ainda particularmente caracteristico em Fernão Lopes o estylo. Mais uma razão para o considerarmos um escriptor bem nacional, approximando-se a sua linguagem, extraordinariamente, da do povo. O seu dizer é ingenuo, por natureza, e gracioso, impressivo e limpido. Algumas das suas expressões têm tal originalidade, no seu arranjo e no seu espirito, que, póde dizer-se, ficaram exclusivas d'elle. É sente-se que não ha nellas artificio nenhum: são tão naturaes e tão espontaneas e tão cheias de vida como a alma do pôvo que intrepitam.

Sucedeu a Fernão Lopes, no cargo de chronista e de guarda dos archivos da Torre do Tombo, Gomes Eannes de Azurara.

A sua obra é, verdadeiramente, pelo espirito de nacionalidade que a anima, a continuação da do seu antecessor e mestre a quem elle faz justissimos elogios.

Fernão Lopes deixara incompleta a *Chronica d'El-Rei D. João I*, por motivos que o proprio Azurara indica no segundo capitulo da terceira parte d'aquella chronica que fôra

encarregado de continuar. Principiara-se tarde a escrever a historia da época do Mestre d'Aviz, de maneira que muitas das pessoas que poderiam prestar informações «eram já partidas deste mundo e as outras, que ficaraõ, estauaõ departidas polo Reyno», o que obrigou Fernão Lopes a andar por todas as partes do paiz «pera auer cumprida informação do que auia de começar...» Por isso, «naõ pode mais chegar cõ adita historia que ate atomada de Ceita».

Foi, assim, Azurara o narrador deste extraordinario feito que marca o inicio da nossa vida ultramarina e no qual, segundo o chronista, «podemos esguardar quatro cousas, a saber, grande amor da fé, grandeza de coração, marauilhosa ordenança, e proueitosa victoria...»

A expedição a Ceuta revela, na verdade, algumas das maiores qualidades dos portuguezes, tendo sido, durante os seus preparativos, que se definiu o character do Infante D. Henrique que, pela sua poderosissima vontade, dominou a prudencia e a hesitação de D. João I. A conquista d'aquella cidade, fundamento da grande obra que iamos realisar, encheu-o de tanta confiança no seu esforço e convenceu-o de tal modo da grandeza dos seus empreendimentos, que só pensava em dar á sua acção a mais completa e a mais intensa continuidade, embora á custa de supremos sacrificios.

O Infante mostrava-se, deste modo, um digno filho de D. Filipa de Lencastre cuja nobilissima attitudo a respeito da expedição a Ceuta representa tal heroismo que é preciso remontar á antiguidade classica para encontrar quem a eguale.

É sempre com admiração que lêmos as seguintes palavras que ella dirigiu a el-rei :

« Senhor, *disse a Rainha*, eu vos quero requerer huma cousa, que he muyto contraria para requerer madre para filhos, porque comumente as madres requerem aos Padres que arredem seus filhos dos trabalhos perigosos, tendo sempre grande arreceo de quaesquer danos, que lhe podem acontecer. Eu tenho tenção de vos requerer que os arredeis dos jogos e das folganças, e os metais nos trabalhos, e perigos, e isto, senhor, he por esta guisa; vossos filhos, e meus vieram hoje amy e me contaram todo o feito, que tinheis passado acerca da Cidade de Ceita, sobre que vos falou Johão Afonso vosso Veedor da fazenda, dizendo-me, como sentiaõ que vos não despunheis a encaminhar seu filhamento como elles desejavaõ, porem que me pediam que me prouesse de vos falar em ello, e volo requerer da sua parte, e da minha. Eu, senhor, esguardando como elles vem de linhagem de Emperadores, e Reys e de outros muy notaeis, e grandes Principes, cujo grande nome, e boa fama he hoje por todas

as partes do mundo nomeada, não queria por nenhuma guisa, pois lhe Deos por sua merce quiz dar a desposiçam dos corpos, e do entender, que elles por seus trabalhos falecessem de conseguir os feitos daquelles, que disse, e por tanto eu acceitey seu encargo e me prougue muyto de seu requerimento auendo seu desejo por bom para começo de sua noua idade, polo qual vos peço por merce que queirais encaminhar como elles possam exercitar suas forças, e prouar suas virtudes segudo deue, para a qual cousa parece que tendes muy bom azo querendo vos auiar que se ponha em obra aquillo, que ja tendes fallado, e alem da parte, que a vos acerca dello acontece, eu da minha volo terei em merce ». (1)

Bastaria esta pagina, que fica transcripta, para dar á obra de Azurara um alto valor, pois encerra um estranho exemplo de abnegação em que o amôr de mãe se offerece em sacrificio á vida eternamente gloriosa d'uma raça.

Mas a obra de Azurara vale ainda, e principalmente, porque vive nella a alma do Infante de Sagres que o chronista comprehendeu e revelou.

Aquelles que, estreitamente, vêm no In-

(1) *Chronica d'El-Rei D. João I*, cit., pag. 58 e 59 da 3.<sup>a</sup> parte.

fante D. Henrique apenas «um homem de negocios», consideram as palavras de Azurara como «o ultimo descaramento d'uma ficção». (1)

Não ha, certamente, nos capitulos da *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, em que o chronista faz a «envocação» do Infante e falla dos seus «costumes», dos seus «serviços» e das suas «virtudes», a fria serenidade que se exige no investigador de factos historicos, mas ha o alvoroço de quem teve a visão d'uma grande figura e aneia por eternisa-la . . .

D'aquelle, cujos «grandes trabalhos quebrantavam as altezas dos montes», segundo «as gentes do nosso regno traziam em vocabullo», acreditava Azurara «que se a fortelleza se podera pintar, no seu rosto e nos seus membros se podera achar a verdadeira forma, e nom ainda em algumas certas cousas se mostrava forte, mas em todas. E qual fortelleza pode seer mayor que a daquelle que veence sy meesimo?» (2).

Viu o chronista a virtude por excellencia do Infante: o seu assombroso poder de sacrificio que levou até ao grau supremo, conservando-se virgem toda a vida. «Luxuria nem avareza nunca em seu peito ouverom repouso, porque assy foe temperado no pri-

(1) Vide a obra cit. do sr. José Caldas, pag. xxx.

(2) *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* ed. de 1841, pag. 21 e 39.

meyro auto, que toda sua vida passou em limpa castidade, e assy que virgem o recebeo a terra». (1)

A *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné* desperta ainda um grande interesse, porque, como diz o illustre Visconde de Santarem, «é o primeiro livro escripto por auctor europeu sobre os paizes situados na costa occidental d'Africa além do Cabo Bojador, e no qual se coordenarão pela primeira vez as relações de testemunhas contemporaneas dos esforços dos mais intrepididos navegantes portuguezes que penetrarão no famoso mar Tenebroso dos Arabes...» (2)

Se Azurara pôde comparar-se a Fernão Lopes, pelo desejo sincero, que sempre o animou, de escrever com verdade, deve reconhecer-se que lhe é inferior em valor litterario. A sua maneira de dizer é, por vezes, enredada, demasiadamente prolixa, chegando a cançar. Falta-lhe a simplicidade e a limpeza da prosa de Fernão Lopes, e aquelle humorismo, ao mesmo tempo ingenuo e malicioso, que dá ao estylo do creador da historia nacional um character de particular originalidade.

Azurara é um erudito, podendo considerar-se, sob esse aspecto, um espirito da Renascença, mas isso prejudicou-o como histo-

(1) *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, cit., pag. 20.

(2) Vide a «Introducção» na ed. cit., pag. vii.

riador em quem se exigem qualidades de artista que, em geral, não se conciliam com a erudição.

Herculano que, aliás, reconhece que Azurara prestou bons serviços á litteratura patria, notou já a sua tendencia para «philosophar trivialidades, e ostentar elegancias rhetoricas . . .» (1), o que tambem tinha sido visto por Damião de Goes. (2)

Depois de Azurara, foi nomeado chronista-mór do reino Vasco Fernandes de Lucena que, todavia, não pôde figurar entre os primitivos historiadores portuguezes, pois, como já referiu Herculano, não escreveu «uma só pagina original sobre historia». Passou grande parte da sua vida fóra de Portugal, no desempenho de importantes missões politicas, convencendo-se que não podia desempenhar as suas funcções de chronista, das quaes desistiu, em 1497, a favor de Ruy de Pina.

Gosava este, a esse tempo, d'uma situação de destaque na cõrte, tendo feito parte de diversas embaixadas a Castella e a Roma, por ordem de D. João II de quem era Escudeiro e Escrivão de sua Câmara.

Foi ainda o Principe Perfeito quem orde-

(1) *Opúsculos*, tomo cit., pag. 15.

(2) *Chronica do Principe D. João*, ed. de 1905, pag. 13.

nou a Ruy de Pina que trabalhasse nas Chronicas, dando-lhe «carreguo de escrepver e assentar os feitos famosos asy nossos como de nossos Regnos que em nossos dias são passados».

Desde Damião de Goes que se discute quaes terão sido as chronicas escriptas, originalmente, por Ruy de Pina. Tratou aquelle historiador o problema com bôas razões, chegando á conclusão de que as chronicas de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV, que estão publicadas com o nome de Ruy de Pina, são uma recopilação de trabalhos deixados por Fernão Lopes. Quanto á de D. Duarte, suppõe que é uma coordenação de apontamentos de Fernão Lopes e Azurara que, parece dar a entender, alguma coisa escreveram ainda sobre o reinado de D. Affonso V, sendo, assim, exclusivamente, de Ruy de Pina, apenas a *Chronica de D. João II.* (1)

Bastaria a *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, para immortalisar o nome de Ruy de Pina. É, pela sua leitura, que ficamos a conhecer e a admirar, para sempre, os dois grandes irmãos espirituaes: o Infante D. Pedro e D. Alvaro Vaz d'Almada, e a odiar D. Affonso, o Bastardo. A ambição, a intriga e a vi-

(1) *Chronica do Príncipe D. João*, cit., pag. 12 e 13; *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, cap. xxxvii da 4.<sup>a</sup> parte.

lania do Conde de Barcellos, o espirito de justiça, a nobreza e a bondade do Duque de Coimbra, a lealdade, o sacrificio e o heroismo do Conde d'Avranches, tudo isso vive nas paginas d'aquella chronica.

A Tragedia d'Alfarrobeira inspirou a Ruy de Pina palavras eloquentes e profundamente humanas, em que vibram a dôr, a indignação, a piedade e a sympathia: são a condemnação do Duque de Bragança e do Conde d'Ourem, «pryncipaaes movedores, e soos Capitaes desta fea e dorosa empresa» e ainda de todos os «apassyonados servydores e Conselheiros» de D. Affonso V, que o traziam «emlheado e cego», não lhe alumindo «seu muy angellyco entendimento, com que perfeitamente conhecesse os falsos erros», e são tambem a glorificação do Duque de Coimbra que usara «seu Offycio de Regente com tanta perfeiçam e comprimento, que mais pareceo que aceitara tal cargo pera sua pena e trabalho, mais que pera sua gloria nem descanço . . .» (1)

Talvez alguém considere Ruy de Pina apaixonado na «Exclamaçam aa morte do Infante Dom Pedro», e explique, por parcialidade contra os nobres, essas dolorosas e indignadas palavras. Gabriel Pereira (2), ao mesmo

(1) *Chronica do senhor Rey D. Affonso V*, na «Collecção de ineditos de historia portugueza», tomo 1, pag. 427 a 431.

(2) Vide «Duas palavras de introducção», na *Chronica d'El-Rei D. Affonso V*, ed. da «Biblioteca de Classicos Portuguezes», 1.º vol., pag. 5.

tempo que lhe reconhece «uma sinceridade notavel em chronista de palacio», julga-o «parcial e pouco inclinado a cousas de Hespanha e da nobreza, contando a historia da época de D. Affonso V de forma que parece preparar o espirito do leitor para as grandes luctas do reinado seguinte». Pela nossa parte, sentimos tão fundamente a maldade que encarnara no odioso Bastardo que julgamos inteiramente justificada a paixão que porventura haja nas palavras de Ruy de Pina: não o cegou ella até o ponto de condemnar ou glorificar, injustamente; deu-lhe, antes, o poder de realisar um dos mais altos fins da historia: o de crear no coração de quem a lê «hũa vertuosa enveja acompanhada de hum novo esforço, que pera sermos nobres, e justos, e verdadeiros, ousados, e boões nos avia dobrado, e pera legitimamente conseguirmos per nossas obras groriosa fama de nossos maiores, nos constringe huma necessidade de sangue, e natureza com agudos, e receos pongimentos de vergonha...» (1)

Na verdade, quem haverá que, depois de ter lido e meditado as paginas em que Ruy de Pina conta as intrigas que abriram o conflicto entre D. Affonso V e o tio e produziram a Tragedia d'Alfarrobeira, não sinta o desejo ancioso de subir ás alturas a que se ergueu o

(1) «Prologo» da *Chronica d'El-Rey D. João II*, de Ruy de Pina, na «Collecção de ineditos de historia portugueza», tomo II, pag. 6.

Infante? Quem desejará continuar a viver, rasteiramente, preso a uma vida de mentira e de miseria, como foi a do Bragança, e não sentirá, antes, a cada instante, que começa a viver aquella vida de perfeição que D. Alvaro Vaz d'Álmada viveu no momento eterno em que se entregou á Morte, mal soube que mataram D. Pedro a quem havia jurado não sobreviver-lhe?

Na *Chronica d'El-Rey D. João II*, difficilmente se encontrará já uma pagina da largueza e da elevação d'aquella que Ruy de Pina consagrou á morte do Duque de Coimbra. E não é para estranhar o facto. Haviamos chegado ao tempo em que a vida nacional se concentrou na côrte, pela realisação da unidade monarchica. O rei era a primeira figura e quasi unica, poderia dizer-se, pois, como notou Herculano, «a organização social tinha sumido o povo, a nobreza, e ainda o clero, debaixo do throno». Não admira, portanto, que as chronicas revestissem um character cortesão, do mesmo modo que aconteceu com a poesia.

Assim, Ruy de Pina, ao tratar da época de D. João II, preocupa-o já, demasiadamente, a figura do rei, consagrando-lhe um capitulo de pormenorizado e nem sempre justo elogio. (1) É o modelo que Garcia de Rezende, o chronista palaciano por excellencia, havia

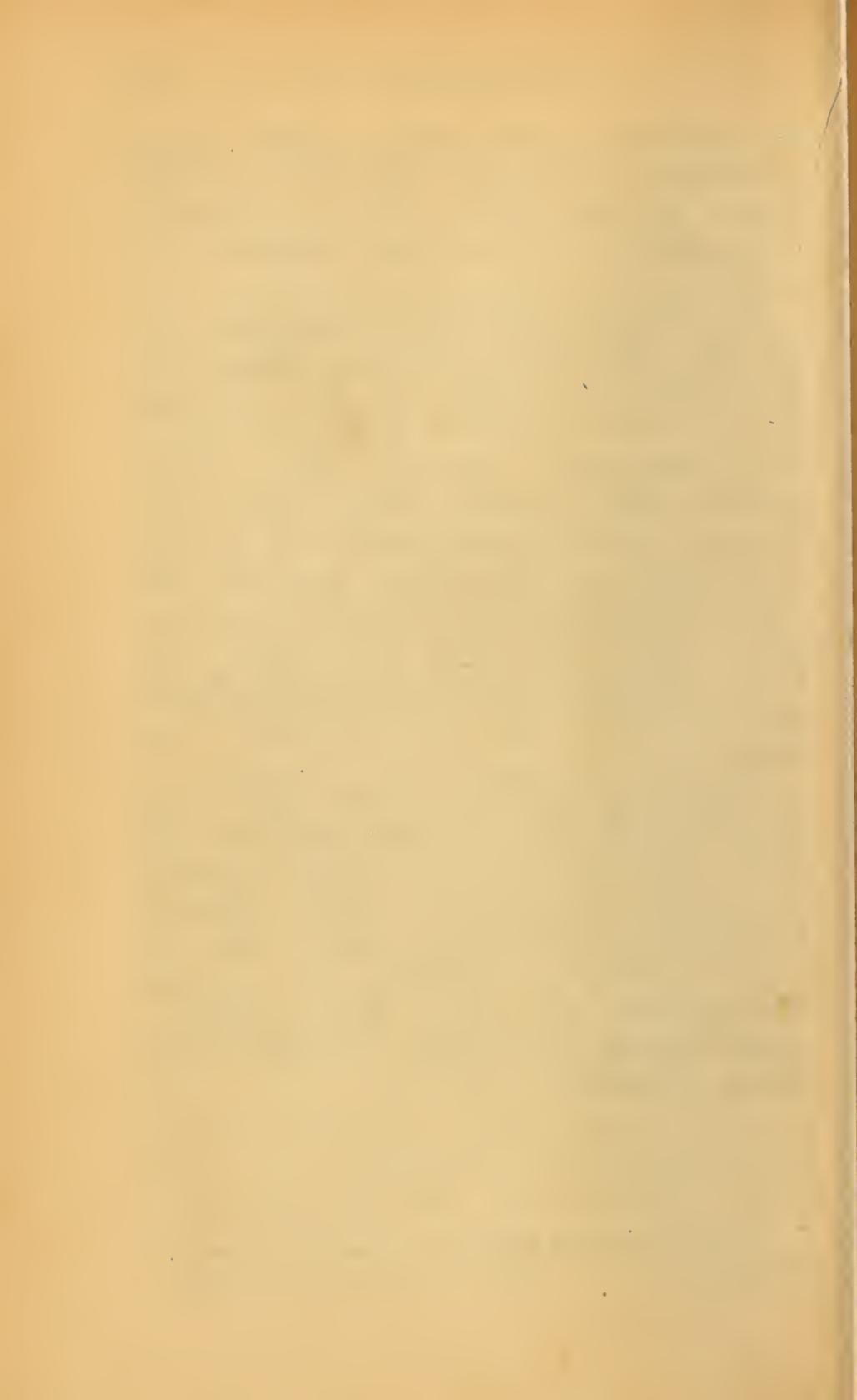
(1) Vide ed. cit., pag. 193 a 198.

de aperfeiçoar mais tarde, quando, numa parcialissima apologia, quiz provar, contra as leis da natureza, que era formoso sem senão o rei em cuja intimidade vivera. (1)

Na *Chronica d'El-Rey D. João II*, de Ruy de Pina, destacam-se, pelo que representam de humano, as paginas em que o chronista falla da morte inesperada do filho do monarcha. Vibra nellas a dôr dos Paes e da Esposa do infeliz Principe. Sente-se que se humanisa o violento e machiavelico D. João II, e ao vêmo-lo chorar, deante do cadaver do filho, na humilde «casa d'hû pobre Pescador, que a triste fortuna quiz entam fazer novo Paço», ficamos a pensar, commovidamente, que o Amôr e a Dôr egualam todos os homens . . .

É a *Chronica d'El-Rey D. Duarte*? É uma serie de hesitações e de afirmações de vontade e de bom senso, de torturadas tristezas e de fortes esperanças, de esforços baldados e de desgraças fecundas. É feita da alma da «inclita geração», revelada num momento dolorosissimo que deu á nossa epopeia a grande figura d'um Santo—o heroe e martyr D. Fernando.

(1) Vide *Chronica d'El-Rei D. João II*, por Garcia de Rezende.



### III

#### A TRAGEDIA DO INFANTE SANTO

A conquista de Ceuta, como deixámos dito, encheu o Infante D. Henrique de incendiada confiança no seu esforço. Já não queria voltar a Portugal, sem ter conquistado o norte d'Africa e sem haver fundado ahi um poderoso imperio. Mas o seu enthusiasmo e a sua audacia encontraram forte resistencia no espirito cauteloso e experimentado de D. João I. Nem o Infante tentou dominar o pae. Talvez o contivesse o respeito que lhe devia, ou por ventura não suppoz que tardaria tanto o momento opportuno de realisar a sua obcecante aspiração.

Esse momento chegou com a morte de D. João I. D. Duarte, que lhe succedeu no throno, era um espirito doentio, fraco de vontade, incapaz de persistir numa resolução, embora a considerasse justa e util, vivendo, por isso, em continua tristeza e tortura.

O Infante D. Henrique conhecia o temperamento do irmão, e, porque adivinhasse que

elle tentaria contrariar o seu desejo de conquistar Tanger, pelo presentimento, proprio da sua alma fraca e irresoluta, de que a victoria caberia aos mouros, pensou, antes de tudo, na maneira de o suggestionar.

Conta-nos o chronista que o Infante D. Fernando se dirigira a D. Duarte, requerendo-lhe licença para sair de Portugal e ir para onde a ventura o guiasse. Era o mais pobre e o menos glorioso dos irmãos, e parecia-lhe indigno não trabalhar, esforçadamente, pela «sua honra e accrescentamento». Ficou D. Duarte muito contrariado de o ouvir e procurou demovê-lo dos seus intentos. Respondeu-lhe, respeitosaente, D. Fernando, que jamais pensara em fazer cousa em que elle recebesse «desserviço, nojo, nem desprazer», e, assim, julgava-se com o direito de esperar que não o contrariasse na sua aspiração de, dignamente, alcançar, como os irmãos, o grau de cavalleiro. «A isto lhe disse ElRey, que sobresevesse alguês dias e que, depois de nysso melhor consirar, lhe tornaria a resposta».

Entretanto, communicava ao Infante D. Henrique as tenções de D. Fernando, as quaes, quem sabe, aquelle Principe teria inspirado, e pedia-lhe que, «por seu descanço, o tirasse d'este proposito».

Viu, logo, D. Henrique que melhor ensêjo não poderia offerecer-se para propôr a El-Rei a expedição a Tanger, allegando, de modo es-

pecial, aquella razão que mais grata seria ao coração de D. Duarte. «E com isto, lhe dizia, sey que ho Infante Dom Fernando assessegará em sua mudança e sem vosso trabalho e fadiga...».

Não se deu El-Rei por vencido, antes invocou razões de ordem economica para justificar o seu não assentimento: o povo precisava de socego, para refazer as suas forças e as suas fazendas; a propria fazenda real, «pelas grandes despezas que della sayrom, estava muy gastada», e, demais, elle sabia «com quanta difficuldade e despezas Ceuta se mantinha». Preoccupava-o, no entanto, dolorosamente, a attitude de D. Fernando, e por isso rogava a D. Henrique que, na melhor maneira que pudesse, lhe repousasse a vontade, não lhe tocando nada da pratica em que haviam estado, porque seria causar-lhe mór alvoroço e a elle, mais fadiga.

Accrescenta o chronista que, sendo a principal virtude do Infante a obediencia a El-Rei, «compriu em todo seu mandado». Mas não se julgava, certamente, obrigado a desistir do projecto de passar em Africa com o irmão, pois, se assim fôra, não trataria de pôr em pratica o meio que imaginara como decisivo, e, na verdade, o foi, para vencer a, aliás hesitante, intransigencia de D. Duarte. Convenceu-se de que este não resistiria a um pedido da Rainha, pois sabia «ho grande amor que lhe tynha e a muyta parte que lhe de sy

dava», e «tomou por envençom servilla mais continuoadamente e com mostranças de moor amor do que antes fazia».

D. Leonor, suspeitosa de que o Infante D. Pedro, por morte de D. Duarte, abusasse da sua fraqueza de mulher e de estrangeira e a privasse do governo, «estimou, por muyto seu interesse e segurança, aver para si o coração do Ifante Dom Anrique a que, para yssso, respondia igualmente com obras e virtuosos synaaes de amor».

Conseguiu, depressa, o Infante, insinuar-se no espirito da cunhada, e «sendo pungido de seu desejo e assi triste pela tardança do effecto que se nom procurava, vendo pera yssso tempo desposto, fallou aa Rainha», mostrando-lhe como seria honroso e de grande proveito, não só para o paiz como para el-rei, mandar-se uma expedição á Africa. Bem sabia o Infante que, na alma da mulher, vivem em commum a abnegação e o interesse, e, por isso, foi lembrando á D. Leonor que, se porventura elle e os irmãos conseguissem fundar um imperio em Africa, se passariam para lá, deixando, assim, «estes Regnos mais livres» para os filhos d'ella «nelles poderem viver como a suas honrras e Estado pertence». Demais, elle e o Infante D. Fernando, que não tinham «o impedimento de molheres e filhos» deixariam os seus bens, como deixaram, ao sobrinho D. Fernando, filho segundo d'El-Rei.

Respondeu a Rainha que em seu entendimento lhe parecia justo, honesto e santo o requerimento do Infante; que D. Duarte não deixaria de o attender, mas se porventura suppunha que a sua intercessão d'alguma coisa podia aproveitar, por serviço d'El-Rei seu Senhor e por honra e prazer d'elle, Infante, se disporia a isso, com bôa vontade.

Chegara, entretanto, de Roma, a Bulla da Cruzada, que D. Duarte solicitara, «pera a teer por resguardo em ajuda de seu proposito, para quando lhe comprisse».

Insistiu o Infante, para que se aproveitasse a Bulla, immediatamente. Repetiu-lhe D. Duarte os argumentos de ordem economica com que havia justificado já a sua opinião de que não julgava opportuna a passagem á Africa. Impacientou-se o Infante e respondeu-lhe, talvez desabridamente: que se lembrasse que, depois de ser Rei, mandara Pedro Gonçalves, Veador da Fazenda, a El-Rei de Castella, pedindo-lhe para o receber em companhia na guerra de Graada, de que não desejava outra parte nem galardão, salvo o serviço que a Deus faria e a honra que d'isso lhe adviesse.

Estas palavras de D. Henrique deveriam ter sido causa de grande dôr para D. Duarte que as tomaria como uma suspeita de que lhe mereciam mais interesse os negocios alheios do que os dos seus naturaes.

Não refere o chronista se porventura lhes deu alguma resposta, e de crer é que ficasse

silencioso, concentrado no seu desgosto, sem animo para repelir a afronta.

Perturbou-o a attitude do Infante, e, não sentindo forças para reagir, entregou-se á sua vontade, « dando-lhe licença e consentimento que passasse em Africa ». Acreditavam muitos que D. Henrique não teria demovido ElRei « de sua primeira firmeza, que era não consentir na passagem, se nom entreyvera nysso a Rainha ».

Em verdade, D. Duarte não tomara uma resolução: transigira, contrariado, e por fraqueza, com as palavras violentas do irmão e as supplicas amorosas e interessadas da Esposa. Tinha praticado um acto de cobardia moral, de todo condemnavel, tanto mais que não consultara o bom senso, a experiencia e a leal amizade de D. Pedro.

Arrependia-se, e, torturadamente, pensava em denegar a licença que, suggestionado, concedera, mas faltava-lhe a força de vontade e a audacia que eram indispensaveis para tomar e realizar tal resolução.

Só uma esperança o animava e era a de que o Duque de Coimbra approvasse o que resolvera, sem o consultar, ou que, pela auctoridade das suas contrarias razões, demovesse o Infante D. Henrique.

Determinou, portanto, realizar um conselho em Leiria, para o qual convidou, além de todos os Infantes, o Conde de Barcellos e « outros principaaes do Regno ». As palavras, com que

abriu a sessão, poderiam convencer quem as ouvisse, desprevenidamente, que vinha alli dar conta d'um acto que resolvera, de bôa-vontade, sem sugestões alheias, alegre por sentir que honrava, assim, o cargo de Rei e concorria para a felicidade do povo. Mas D. Duarte illudia-se a si mesmo: elle repetia apenas as razões que começara por contrariar a D. Henrique e que, por fim, acceitou, julgando, talvez, que ellas tinham nascido no seu espirito.

Na sessão de Leiria, alguém houve que proferiu nobres palavras, dignas de serem eternamente memoradas. Foi D. Pedro, que alli continuou a attitude de singular lealdade de que a D. Duarte dera já uma admiravel prova, naquelle sanissimo «conselho» que lhe enviara por occasião de elle subir ao throno.

Começou, do seguinte modo, com firmeza e serenidade, porque as palavras lhe vinham da consciencia e do coração:

« Como quer que em todas as cousas, muito Excellente Principe, eu tomaria por mais proveyto e moor segurança pera mym, antes vos obedecer e servir, que aconselhar: muyto mais e de melhor vontade o faria neste fecto, em que a determinaçam, segundo vejo, vay jaa diante do Conselho: o que, nos semelhantes fectos e que tanto relevam, nam devia asy de ser; porque neste negocio, pella casa que jaa teem fecta em vossa vontade, certo he, que

quem vos nelle aconselhar em contradiçom, mais poerá escandalo, que contentamento em vossa alma ».

Havia razões, accrescentava o nobilissimo Infante, que o justificariam, se se recusasse a proferir o seu parecer, tanto mais que a consulta de D. Duarte parecia antes «comprimto» que «necessidade de conselho». «Mas ha hy outras, accentuava, que, com mayores forças, me constringem que ho faça; ca huuã he a grande fee e muyta lealdade que vos devo, enquanto na terra sooes meu Supremo Rey e Senhor: e a outra ho singular e verdadeiro amor que vos tenho, que me obriga, pospostas todas contrariedades e paixooens, que muy desenganadamente vos diga, de fora, o que a alma verdadeiramente me dentro sentir que seja vosso serviço, honrra e acrecentamento de vosso Estado ».

E, proferidas estas palavras, que só por si revelam um character, passou a tratar da ida á Africa, condemnando-a, em absoluto. Algumas das suas razões havia-as invocado já, timidamente, D. Duarte, quando tentara demover o Infante D. Henrique do seu decidido proposito, «que elle atou em sua alma com firmes nooz de muita fee», de tal modo que pensara em mudar seu acostumado signal (*talent de bien faire*) em três letras, que diziam I. D. A., «porque, per parte significassem seu nome, a saber, Ifante Dom Anrique,

e todas juntas decrarassem a ida em Africa que sempre desejava».

A attitude de D. Pedro contrariou, pois, não só a el-rei, que, considerando-o muito e vendo que a razão estava do seu lado, não podia, no entanto, apoia-lo, abertamente, porque lhe faltava energia e decisão, mas ainda ao Infante D. Henrique que, cego pela ideia que o dominava, não poude ver com serenidade e tolerancia a sua opinião reflectida e sincera, a qual jámais esqueceu e perdoou.

D. Duarte, porque assim o exigia o seu character indeciso, apellou, novamente, para o criterio alheio, resolvendo consultar o papa, «pera com mais descargo e segurança saber o que devia fazer». D. Henrique, por sua vez, votou-se a suggestiona-lo, e, de tal modo se houve, auxiliado, certamente, pela cunhada, que, quando chegou a resposta do Papa, contrariando a viagem, já D. Duarte, «sem embargo, lembrança dos conselhos passados e do que mostrou que queria esperar», havia determinado «poer em effecto seu primeyro proposito».

Triumphara, definitivamente, a vontade do Infante, e, aos dezasete d'agosto de mil quatrocentos e trinta e sete, estava a frota aviada e prestes, em Lisbôa. El-Rei, os Infantes e toda a outra nobre gente da Côrte, depois de ouvirem missa solemne na Sé, seguiram em devota procissão para a Nao Capitôa, levando o Bispo d'Evora, Dom Alvaro d'Abreu, a

Bulla da Cruzada nas mãos, e indo deante d'elle um cavalleiro armado, com a Bandeira de Christo.

Ficou El-Rei na Nao, durante esse dia, « e logo a frota se moveo toda pera Restelo, e se fez prestes com as vergas altas ». « Aos vinte e dois d'agosto, foy El-Rey ouvir missa a Santa Caterina de Riba Mar, onde os Infantes sayrom dos Navyos pera elle ». Terminada a missa, visitou a nau de D. Henrique, aonde comeu com os Infantes, e depois se despediu « com muytas lagrimas que ouve nos olhos de todos, e lhe beijaram as maaõs, e os enviou com a bençam de Deus e a sua ».

Quando se recolhia ao batel, para sair em terra, chamou o Infante D. Henrique a quem entregou um regimento escripto todo de sua mão, que elle, lendo-o logo, prometteu cumprir tanto quanto lhe fossè possível.

O coração de D. Duarte adivinhava-lhe que os mouros cercariam a gente portugueza, e, por isso, recommendava, prudentemente, ao irmão: « Outro sy poerees vosso arrayal sobre este lugar, com duas pontas que venham beber ao mar: e se a gente nom for tanta, que pera isso abaste, toda via, huuã das pontas do arrayal venha ao mar: pera da terra daaquem poderdes aver refresco, mantimentos e socorro, e terdes seguro recolhimento, se vos cumprir ».

Pediou El-Rei a D. Henrique que lêsse, muitas vezes, o regimento que ora lhe entre-

gava e que não saisse d'elle: por milagre, ouviria o Infante as bondosas e prudentes palavras de D. Duarte, mas promettia seguir os seus conselhos, para mais depressa se desembaraçar do importuno. O seu pensamento fugia-lhe para a África, e, mal o Rei o deixou, mandou levar as ancoras e desfraldar a frota.

Ao fim de quatro dias de viagem, chegava a armada a Ceuta, e tendo o Infante feito «alardo per sy a toda a gente de sua ordenança, não achou compridos dous mil de Cavallo e mil Beesteiros e tres mil Piaães: d'onde, pera comprimento dos catorze mil homês que lhe foram ordenados, falleciam oito mil».

Vendo D. Henrique «tanta myngoia de gente pera tamanhas forças contra que era sua tençom e contenda, teve conselho sobre que faria». Todos foram de parecer que, antes de o notificar a El-Rei, não comettesse coisa tão duvidosa e de tão grande perigo.

Não concordou o Infante com tal opinião, e retorquiou:

«Bem sey que, pera tam grande fecto, esta gente he assas pouca: mas parece que Deus ordena e he por bem que nos, assy como aquy aportamos, tomemos por seu Serviço este trabalho, pera mais acrecentamento em nossas honrras e, ante elle, mayores merecimentos; e por tanto avee por certo que, ainda que menos gente tivesse, eu nom

estaria nesta Cidade, pella maneira que me aconselhaaes, nem deixaria de proseguir o fecto pera que venho».

Ha nestas palavras do Infante o fatalismo da sua exaltada fé que lhe impunha uma confiança cega no seu destino. Estava alli por ordem de Deus e não saberia desobedecer-lhe.

Era de tal modo dominadora a attitude de D. Henrique, e na sua voz havia tanto de fatidico e de tragico, que todos o ouviram, tomados de pasmo, e ninguem ousou contrariá-lo. Parecia, em verdade, que Deus havia descido á terra, para commandar os christãos, e que o Infante era o emissario que vinha annunciar a estranha nova.

Poz-se o exercito a caminho de Tanger, e porque D. Fernando estava doente e não podia ir por terra, seguiu por mar, com a frota.

Não representaria a chegada dos portuguezes surpresa alguma para os mouros. D. Henrique cometera a imprudencia de demorar-se em Ceuta o tempo necessario para elles lançarem o coração ao largo e prepararem-se para a defeza. Já faltava, para temperar a temeridade do Infante de Sagres, a experiencia de D. João I que, na expedição a Ceuta, mostrara saber que o segredo é a alma do negocio.

D. Henrique, se porventura alguma vez pensou em aproveitar as instrucções que D. Duarte lhe dera no seu regimento, provou que as esquecera, desde logo e inteiramente. Pois é de saber que, mal chegou a Tanger-ovelho, aonde já estava D. Fernando com a frota, mandou desfaldar suas bandeiras e foi assentar o arraial em um outeiro, longe do mar.

Os portuguezes, ardidamente, atacaram as portas da cidade de que romperam duas: a terceira commetteram-na com fogo, mas porque era forrada de ferro e os mouros a defenderam mui bravamente, não a entraram. Reparte-se a gente em combates e, logo, como mau presagio, ficaram feridos dois grandes capitães: o Conde d'Arrayolos e D. Alvaro Vaz d'Almada. E peor agouro tinha parecido ainda, quando, desfaldando-se as bandeiras, «soo a do Infante Dom Anrique se rompéo, e a levou o vento, atee á aste, em pedaços».

O primeiro combate trava-se, verdadeiramente, no dia 20 de setembro, uma aziaga sexta-feira. Durou algumas horas, «com muita ardileza e esforço» de ambas as partes, mas sem proveito para os portuguezes. D. Henrique, reconhecendo-o, mandou retirar a sua gente, depois de haverem morrido vinte christãos e terem ficado feridos quinhentos.

Neste desastre, houve da parte do Infante, a quem faltavam qualidades de general,

«culpa muyto de reprehender», como anota o proprio chronista.

Comprehendeu elle a necessidade de remediar o defeito das escalas que empregara no primeiro ataque, e por isso outras maiores mandara vir de Ceuta, bem como duas bombardas grossas, pedra e polvora.

Emquanto se tratava dos preparativos para um novo ataque, o numero dos mouros recrescia, e iam-se dando entre elles e os christãos frequentes recontros em que os portuguezes mostravam ousadia e bravura.

Vinha a caminho do arraial numerosa moirama: sairam ao seu encontro alguns esforçados fidalgos e outra nobre gente que, heroicamente, puzeram em desbarato os inimigos, «matando, no encalço que durou mea legoa, atee cento e cincoenta». Queriam persegui-los até mais longe, mas encontraram outra infinda gente sua, que vynha de refresco donde em huã Serra, tynham seu arrayal.»

Não poderiam os portuguezes resistir, por maior que fosse a sua heroicidade, «procurando cada huû sua salvaçom na fogida.» Morreriam, então, cincoenta, entre elles alguns fidalgos, correndo o Conde de Arrayollos a recolher os restantes que vinham desbaratados.

A noticia da morte dos fidalgos e de outra nobre gente foi recebida, tristemente, no arraial, mas deu animo a D. Henrique para

offerecer batalha a milhares e milhares de mouros que se dispunham soccorrer a cidade e se mostravam num outeiro, á vista do acampamento dos christãos.

Commandavam a vanguarda do exercito portuguez, que era de pouco mais de quatro mil homens, o Infante D. Fernando e o Conde d'Arroyolos, e a rectaguarda, o Infante D. Henrique, que esperou, durante três horas, o ataque dos mouros, ao fim das quaes, porque estes se não atreveram a commettê-lo, « moveu contra elles suas batalhas, os quaes com signaes de medrosos logo volveram, e sem o quererem esperar se recolheram á serra d'onde vinham ».

Passava-se isto; a 30 de setembro, uma segunda feira, e, no dia immediato, assomaram de novo sobre o arraial os mesmos mouros e outros mais. Determinou o Infante ir ao seu encontro, e, porque elles se mantinham na mesma attitude de expectativa em que haviam estado na vespera, ordenou ao Infante D. Fernando e ao Conde d'Arrayolos que os atacassem.

Os Mouros, vencidos de medo, deixaram com desacordo o cabeça que tinham, o qual foi tomado, esforçadamente, por D. Fernando. Mas recrescem, dentro em breve, e trava-se brava peleja, e D. Fernando, não podendo resistir, resolve recolher ao arraial. Acode, então, o Conde d'Arrayollos, e, voltando ambos atrás, põem os inimigos em debandada.

Dois dias depois, apparecem estes de novo e mais ousados, mas não se atreveram ainda a tomar a offensiva. D. Henrique manda ás trombêtas fazer signal de peleja. O ataque dos christãos foi formidavel, e, enquanto uns se batiam, corajosamente, no campo, outros, no arrayal, se defendiam, com heroismo, da investida dos mouros citadinos.

Tenta o Infante dar um segundo combate á cidade, mas os mouros levaram a melhor, e D. Henrique, « embora não lhe fallecessem na cara mostranças de alegria e segurança, começava-lhe a alma a vestir-se de muita tristeza, porque ia sentindo os enganos da esperança da sua empreza ».

A onda de mouros, que se despenhava sobre Tanger, tornava-se cada vez mais alterosa : agora eram os reis de Fez, de Marrocos e muitos outros que com setecentos mil homens de pé e sessenta mil de cavallo vinham fazer frente aos portuguezes, « poucos, quanto fortes, que o fraco poder seu não pesavam, e, á custa de suas varias mortes, a lei da vida eterna iam dilatando ». (1)

Tentou ainda o Infante combatê-los, mas vendo como as forças eram tão desiguaes, resolveu não pelejar com o inimigo e recolher-se ao arraial e ahi defender-se o melhor que pudesse: « o contrario parecera desesperação e fraqueza em que seu coração nunca foi culpado ».

(1) *Lusiadas*, canto VII, est. 3.<sup>a</sup>.

Os mouros cercam, em breve, o palanque dos christãos que se defendem, heroicamente. Já o desespero invade o animo d'alguns que queriam morrer, sim, mas, gloriosamente, combatendo no campo, como féros cavalleiros; outros, domina-os o desanimo, e pensam em salvar-se, fugindo para a armada.

Apenas o Infante, o Conde d'Arrayolos e poucos mais puderam conservar aquella heroica serenidade que era necessaria para verem que só uma coisa podiam fazer, dignamente: manterem-se no seu posto de defeza.

Reunem-se os reis mouros em conselho: discutem a « ousadia, soberba ou sandice » dos christãos, e resolvem combatê-los, « rijamente e sem medo ».

O Infante, ao sentir o perigo d'esta determinação, cae de giolhos em terra, e, levantando as mãos e os olhos ao ceu, dirige a Deus palavras piedosas que mais parecem terriveis apostrophes. Que se lembrasse, supplicava-lhe, do povo christão que, sómente para o servir e exalçar a Fé, estava tão afrontado e posto em tão grande perigo.

Acabada a oração, corre todas as estancias dos christãos, e « com cara prazenteira e segura », os esforça, lançando em todas as almas animo e esperanza. Durou o combate quatro horas e os actos de heroismo dos portuguezes fôram tantos e tão estranhos que os mouros houveram por bem affastarem-se.

Mas o Infante já se não illudia. Eram des-

esperadas as circumstancias do exercito dos christãos: faltavam os mantimentos, e os mouros tinham-lhes tomado o caminho do mar. Só havia uma maneira de se salvarem, e nem todos já: romperem-lhes, de noite, os arraiaes, e lançarem-se na praia aonde pelejariam até alcançarem os navios «aquelles que Deus para viver escolhesse».

Assim o resolveu o Infante, mas não quiz o destino que o realisasse. Martim Vieira, o duplo traidor, porque, além de portuguez, era clerigo, revelou aos mouros o projecto de D. Henrique, e «estes o proveram de guisa que aos christãos não pareceu possivel nem razão commettê-lo».

Voltam os reis mouros a reunirem-se em conselho, e, reconhecendo que venciam, agora, os portuguezes, mas não lhes arrancavam da alma a necessidade de conquistarem a Africa, antes iam provocar a vingança de toda a christandade, resolvem fazer-lhes uma ardilosa proposta de paz, simulando-se dispostos a combaterem-nos, rijamente, mas «movendo-lhes o partido, antes do combate».

E, assim, depois de «com espantosos gritos, signaes e palavras de certa victoria», cercarem o palanque, adeantaram-se alguns dos principaes, e, com mostranças de paz, aos christãos propuzeram que, se lhes restituíssem Ceuta com todos os captivos e deixassem o arraial com todas as artilharias, ar-

mas, cavallos, tendas e outras cousas que nelle havia, consentiriam que livremente embarcassem e seguramente regressassem ás suas terras.

Acceitou o Infante, porque a dureza das circumstancias o exigia, mas decidido a não cumpri-la, a proposta dos mouros. Não quiseram, todavia, alguns d'estes que o accordo por então se fizesse: voltaram ao palanque e atacaram-no, por todas as partes, mui affrontadamente. Aos portuguezes cegava-os a vingança de suas mortes, e defenderam-se valorosa e féramente, como jámais o haviam feito com tanto esforço. Era grande a mortandade dos mouros que, não a podendo padecer, se recolheram aos seus arraiaes.

Havia-se realisado a dolorosa prophacia de D. Duarte: os portuguezes estavam privados de receberem da armada qualquer socorro, e a fome e a sêde eram, agora, os seus inimigos mais terriveis.

Para matarem a fome, tinham de sacrificar as bestas cuja carne mal aquentavam com a palha que tiravam das sellas e das albardas, e, para illudirem a sêde, que os queimava, enchiam a bocca de lôdo, com a esperança de lhe encontrarem alguma humidade.

Fez-se, finalmente, o accordo entre mouros e christãos, obrigando-se estes a entregarem Ceuta com todos os captivos e a não guerrearem a Berberia, durante um sé-

culo, deixando as armas e embarcando apenas com os vestidos.

Houve troca de refens, ficando D. Fernando em poder dos mouros, como garantia de que Ceuta seria restituída.

Queremos acreditar que o coração de D. Henrique lhe arrefecera, lembrando-se de que sacrificava o irmão, porque Ceuta, pelo menos com o seu assentimento, jamais seria entregue. Mas conservar aquella cidade sob o nosso dominio era, para elle, garantir que Portugal realisaria a sua altissima missão. E, nestas circumstancias, não hesitava deante dos maiores sacrificios: ficaria elle, e nisso insistiu, como refem, em vez de D. Fernando, pois dizia-lhe a vontade que, assim, não seria, com certeza, entregue Ceuta. «Os do conselho, porém, por justas causas que tiveram, não deram a isso consentimento».

Quebraram os infieis o tratado, e, desejando «matar os christãos de fome e sêde, porque com as armas já não ousavam», defendiam-lhes a entrada nos bateis. Poude D. Henrique, triumphando de grandes perigos, mudar o palanque até o mar, o que enraiveceu os mouros, porque viram frustrado o seu plano que era de requintada maldade. Ainda cercaram o palanque, mas tiveram de retroceder, maravilhados do heroismo e do sacrificio dos portuguezes. Foi, pois, de armas na mão, e defendendo-se com ardor, que estes alcançaram os bateis: houve, é certo,

casos de desespero, e muitos, principalmente gente miuda, lançavam-se ao mar, tentando commover os mareantes, acenando-lhes com alguma «provesa» que ainda escapara.

Regressavam os christãos a Portugal, mas a alma ficava-lhes em Tanger, encarnada em D. Fernando. Seria afrontada, e, humilde na sua heroicidade, esperaria, resignadamente, que voltassem para a vingar. Deixá-los lá os mouros fartarem, vilmente, os seus odios: seria, depois, com mais justiça ainda, chegaria a ser santa, a vingança.

Na patria, alguém chorava. Era D. Duarte a quem o coração lhe adivinhava toda a Desgraça do irmão. Tivera noticia de que os mouros haviam cercado os christãos, e d'acordo com D. Pedro, que o animava, resolveu mandar-lhes, «trigosamente», grande socorro. Mas, enquanto se aviavam as cousas necessarias, aportaram a Lisbôa as naus vindas de Tanger.

«Pousava», então, D. Duarte na aldeia de Carnide, para onde havia ido, porque a cidade «estava perigosa de pestenença». Ahi lhe fôram contar, pormenorisadamente, como as coisas se tinham passado. E no meio da sua grande dôr, sobrava-lhe ainda bondade para agasalhar aquelles que, abusando da sua situação, «lhe iam fazer reverencia em disformes semelhanças e tristes vestidos, que para isso de industria vestiam, e, com pala-

bras á desventura conformes», procuravam convencê-lo de que haviam soffrido grandes damnos, para justificarem os requerimentos que logo faziam ou esperavam fazer.

Só D. Alvaro Vaz d'Almada se lhe apresentou, vestido de finos pannos e alegres côres, não para lhe requerer beneficios, mas para lhe dizer palavras de conforto, enchendo-lhe o coração de esperanças. Vivia nelle a alma da Raça, alvoroçada, no seu desejo de vingança, e confiando, vivamente, no seu triumpho. Não morreramos em Tanger : se lá ficára D. Fernando, foi exactamente para affirmar, na sua humildade e resignação heroica, que a nossa alma continúa viva e forte. Não tardará a hora em que ha-de provar-se que a ida a Tanger foi apenas para nossa maior gloria.

Dobravam os sinos de tristeza pelos mortos : D. Alvaro Vaz d'Almada aconselha a El-Rei que os mande repicar, festivamente, para alegria e prazer dos vivos. Não poderia, jámais, D. Duarte deixar de pensar, dolorosamente, no captiveiro de D. Fernando, mas sentiu que as palavras do nobre e leal Conde d'Avranches lhe levavam ao coração o primeiro descanço. Pouca vida lhe restava, e essa mesmo sacrificá-la-hia ao cumprimento do dever que mais imperiósamente o dominava : a libertação de D. Fernando.

Reune côrtes em Leiria, mas as opiniões dividem-se; pede o auxilio do papa e dos

reis christãos e recebe, como resposta, « palavras doces e confortativas, porém mui isentas de obrigação para as obras que mais eram necessarias »; consulta o Infante D. Henrique e ouve, tranzido de dôr, a sua opinião que, firmemente, era contra a entrega de Ceuta: quando se offerecera e quizera ficar como refem em vez de D. Fernando, não tinha em vista outro fim senão evitar que os portuguezes restituíssem o que, com tanta gloria, haviam conquistado: « folgára dar por isso a Deus sua vida e liberdade em offerta ».

Ninguém comprehendia a dôr de D. Duarte, além de D. Pedro, que o amava sinceramente, e estava convicto de que querer conquistar a Africa era o mesmo que desejar perder « bôa capa por mau capello », como já affirmara no conselho de Leiria.

El-Rei, assim desamparado, vivia apenas para a sua Dôr: acudia-lhe ao espirito como fôra resolvida a expedição a Tanger, e sentia-se extraordinariamente culpado, tornando-se insoffrivel o seu tormento, ao saber que se dizia, em publico, que aquella expedição fora determinada « sem prazer nem consentimento de si mesmo », mas apenas para attender os rogos da Rainha que, por esse meio, queria pagar ao Infante D. Henrique e ao Infante D. Fernando a doação que haviam feito ao sobrinho.

Adoeceu D. Duarte de continua paixão,

e morreu, a pensar, halucinadamente, na entrega de Ceuta . . .

D. Fernando havia feito já a dolorosa e humilhanissima peregrinação de Tanger para Arzilla e d'ahi para Fez. Enche-nos ainda de dôr, de indignação e de piedade, recordar todas as affrontas e todos os vituperios que o Infante soffreu. Era um objecto de escarneo para a moirama sempre insaciada de riso.

Olhai-o ás portas de Arzilla, com ordem de marcha para Fez: cavalga num «magro sendeiro desferrado, o freeo atado com tamiças, a sela velha e remendada, os bardões rotos e desapegados», como, com minucia e tristeza, descreve o seu companheiro, secretario e chronista, Frei João Alvares. Em cada povoação por onde passa, mettem-lhe o nome em cantigas, cospem-lhe no rosto, injuriam-no de todos os modos, e elle sorri, bondosamente.

A' chegada a Fez é o Infante esperado por todos os mouros da cidade que acorrem a recebê-lo, com vozes e alaridos de deshumana e selvatica alegria.

Dentro em breve, será sujeito aos serviços mais humilhantes: hão-de manda-lo limpar as estrebarias e cuidar das bestas, pretendendo o Lazeraque, que tal lhe ordenou, justificar-se com o facto de os christãos serem traidores, pois não lhe haviam entregado ainda Ceuta. Respondeu o Infante que o nome de traidores não cabia aos portuguezes, mas elle faria quanto lhe ordenassem, pois

das coisas que fizesse não lhe viria a elle vergonha, mas a quem as mandasse fazer.

Foi, nesta situação, que D. Fernando soube, pelos mouros, da morte de D. Duarte. «Caio de bruços em terra como esmorecido, e foram a elle os seus pollo a levantar; e como tornou a seu acordo depenou cabelo e barbas, dando bofetadas no rosto», e proferindo palavras de muita dôr: D. Duarte representava a sua maior esperança na vida; sentia esforço e coragem só de lembrar-se que elle sabia que o seu soffrimento era por seu serviço e amôr. Agora atormentava-o pensar que foi causa da sua «trigosa» morte e da grande saudade com que se despediu do mundo.

Começou o Infante, depois que soube da morte de D. Duarte, a viver, exclusivamente, para a Desgraça dos companheiros: era elle quem recebia as maiores injurias, mas não tinha uma palavra para queixar-se, e era cheio d'ellas para consolar os que ao seu lado soffriam. Sentia-se ainda feliz, por poder realizar essa missão na vida: encontrar na sua dôr lenitivo para a dôr alheia.

Mas os mouros só pensavam em augmentar-lhe o martyrio, com a esperança de que o remissem, pela entrega de Ceuta, ou por dinheiro. Bem sabiam como o Infante se consolava com a convivencia dos companheiros, e por isso resolveram aparta-lo d'elles. Foi o momento de dôr suprêma para D. Fernando:

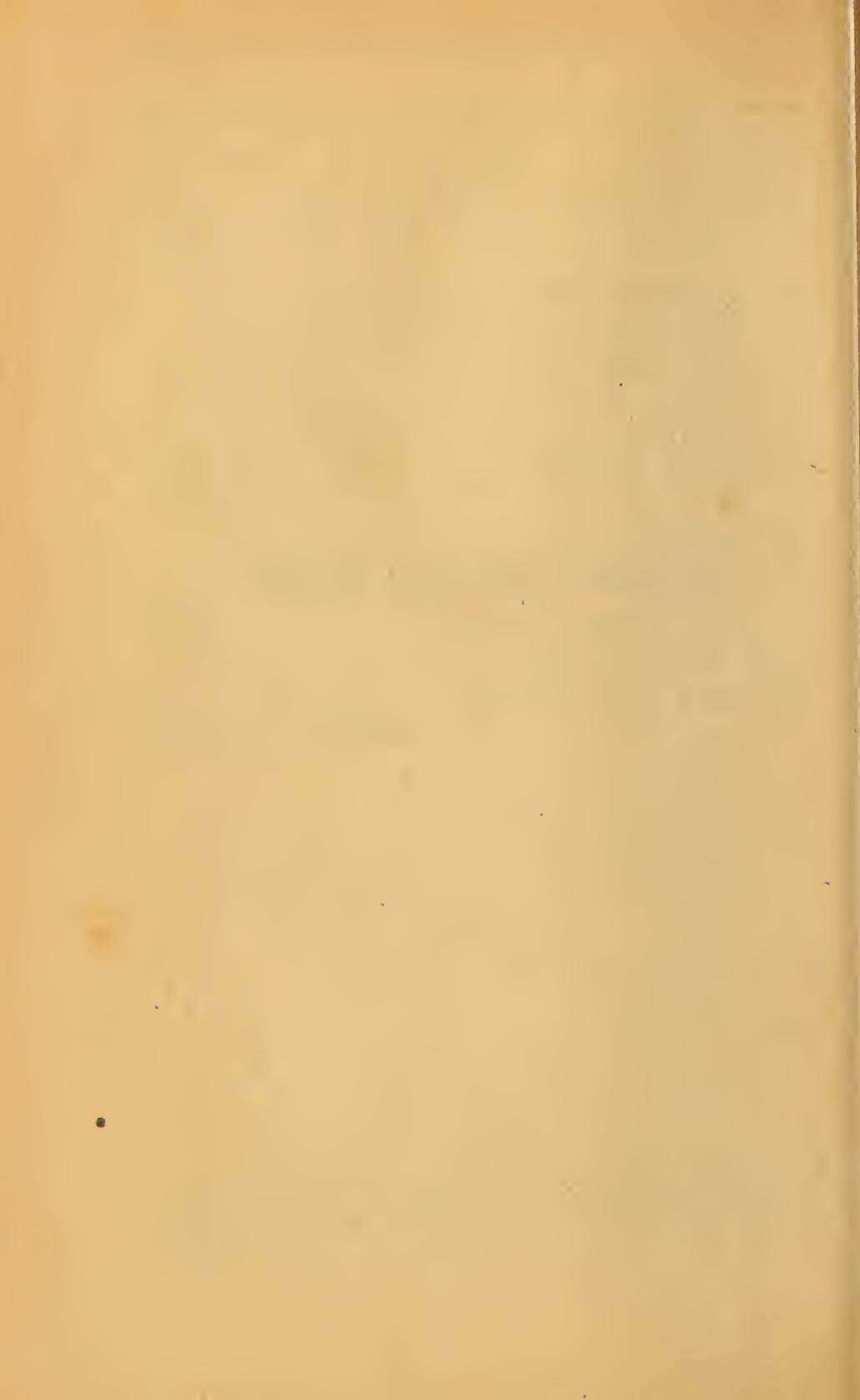
horrorisava-o saber que já nada tinha a fazer no mundo. A sua bondade e o seu sacrificio eram inuteis. D. Duarte morrera; os companheiros, esses não sabia o que seria feito d'elles.

Restava-lhe Deus: foi para elle que viveu, durante os quinze mezes da sua vida que passou numa privada, onde mal podia mover-se, e aonde não entrava um raio de luz. Quinze mezes de tortura para o corpo e de felicidade para a alma. Quando morreu, já vivia no ceu.

Evoquêmo-lo, com aquella «vertuosa enveja e receoso pongimento de vergonha», de que nos falla o chronista, e creêmos em nós o heroico espirito de sacrificio que dá esforço, enthusiasmo e esperança, no meio das maiores desgraças. (1)

(1) Este capitulo é quasi todo feito de palavras das Chronicas d'El-Rei D. Duarte e do Infante Santo D. Fernando, respectivamente escriptas por Ruy de Pina e Frei João Alvarez.

CRONICA D'ELREY D. DUARTE





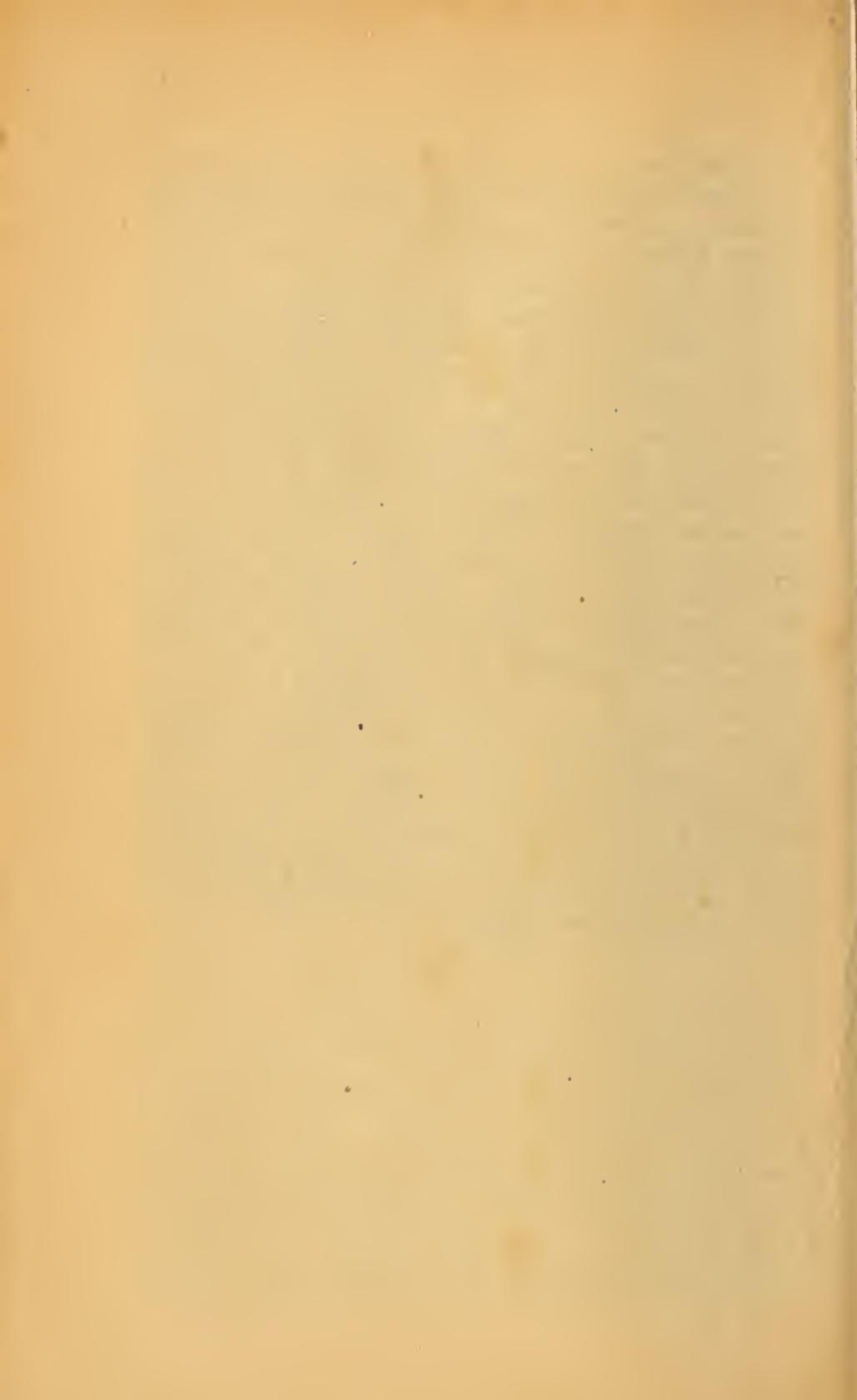
PROLOGO (1)  
DA  
CRONICA D'ELREY  
DOM DUARTE,  
DESTE NOME HO PRIMEIRO,

*Dos Reys de Portugal ho onzeno, dirigido a ElRey  
Dom Manuel, deste nome ho primeiro, seu neto  
nosso Senhor; por cujo mandado Ruy de Pina,  
Cavalleiro de sua Casa, e seu Cronista  
Moor e Guarda Moor da Torre do  
Tombo (2) primeiramente a compoz.*

**E**STOREA, muy excellente Rey, he assi muy liberal Princesa de todo bem, que nunca em sua louvada conversaçã nos recolhe, que della naõ partamos, sem em toda calidade de bondades, e virtudes spirituaaes, e corporaaes nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós hum outro singular melhoramento. Nem he sem causa; porque a doutrina hystorial, polo grande provimento dos verdadeiros exemplos passados que consigo teem, he assi doce e conforme a toda a humanidade, que atem os maaos que per liçãõ, ou per ouvida com ella participam torna logo boõs, ou com desejo de o seer: e os boõs muyto melhores. Cuja virtuosa força he tamanha, que per obras ou vontade, dos fracos faz esforçados, e dos escassos liberaaes, e dos crûs piadosos, e dos frios na Fé Catolicos e boõs Christaaõs; e asy discorrendo per totalas outras virtudes. E como quer que, muito poderoso Senhor, geeral-

mente de todas as Estorias scriptas possámos esto conseguir, daquellas porem recebemos sobre todas mais bem e maior gosto, nas quaaes, lendo, vemos as perfectas virtudes, e merecidos louvores dos nossos naturaaes, e mayores: spicialmente daquelles de que descendemos. Em cuja verdade pera os de necessidade seguirmos e ao menos semelharmos, nossos coraçoens se acendem mais, e nossas memorias sam muy mais éspertadas, e que a invenção, e cuidado deste officio d'escrever de huma onestidade, e razam a quaaesquer boões, e vertuosos por seu galardam se possa atribuyr, ainda por huã outra spicialidade d'obligatorios exemplos, è singulares merecimentos, aos Reys, e Príncipes mais propriamente se deve. E por tanto hé tam necessario, e proveitoso screver-se delles, mais que dos outros, que aos que neste mundo bem, e directamente vivéram, esta calidade de satisfaçam se denegou; divida hobrigatoria hé que o mesmo mundo lhe deve, e sempre lha deve pagar. Pollo qual sabendo vós, muyto poderoso Rey, despois que per graça de Deos regnaaes, que a Cronica do muy sclarecido Principe, e de louvada memoria ELRey Dom Duarte vosso Avoô, dos Reys ho undecimo, deste nome o primeiro de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Cepta, ficava, de seu tempo atee este vosso, por fazer: e que se a esta meritoria paga com viva deligencia nom se proveesse, elle com sua virtuosa memoria poderia ficar em amortificado esquecimento pera sempre; vossa muy Real Senhoria, como perfecta morada que hé de virtuosos desejos, e Reaaes pensamentos, por dar a elle esta memoria de perpetua vida, e nelle muy claramente perpetuardes com sua beençam vossa legitima, e natural socessam, e assi pera hum muy digno enxenpro de Reys, encomendastes com grande eficacia a my Ruy de Pina, Cavaleiro

de vossa Casa, e vosso Cronista Moor, que quanto a my fosse nisso possivel, as cousas notavees de seu tempo, dinas de lembrança neste necessario registro bem, e verdadeiramente as composesse. A qual virtude, confiança, e grandeza de vosso Coração bem consyrada, nom sey que mais louvada piedade, nem bondade mais clara se possa assinar, que privando a morte vosso Avoô da vida limitada, vós seu neto, e legitimo Socessor per esta taõ viva memoria lha ordenar-des eterna, e procurando elle taõ breve Sepultura na terra vós lha edificar-des de perpetua excellentia nas memorias dos homens; Mas na exuquçam deste vosso mandado, muyto excellente Rey, vossa grande humanidade me perdoe por sêr como posso, e naõ como devya, e ella merece; porque quando em mim revolve a grandeza da materia, e principalmente a dificuldade, e incertidões com que per tam scuros, e dovidosos caminhos se há de buscar e fazer, certamente minha rudeza, e pouco saber a ouvéra com razam por escusada, se por outras maiores razooes a obediencia, e servidam que vos devo a nom fizeram justa, e necessaria a mym que por nom topar cem outros novos recêos com que mais tema, e menos sayba me espuz aa obra que se segue.



CHRONICA  
DO  
SENHOR REY  
DOM DUARTE

CAPITULO I.

*Em que summariamente se toca ho fallecimento  
d'ElRey Dom Joham ho primeiro, e honde,  
e como seu Corpo logo foy sepultado.*



O muyto vitorioso Principe, e de gloriosa memoria El-Rey Dom Joham, dos Reys ho decimo, e deste nome ho primeiro Rey dos Regnos de Portugal, e do Algarve, e primeiro Senhor de Cepta, sendo jaa em muyta hydade, e tocado de doença, e paixam perigosa, e mortal foi peros Físicos aconselhado, e pellos Infantes seus filhos acordado que alguû mais alongamento de sua vida estevesse, e se curasse no logar d'Alcouchete em Riba-Tejo, que sobre outros ouveram por logar fresco, e de singular desposição para sua saude, honde estando jaa alguûs poucos de dias, sentindosse fraco, e apressado d'accidentes, e fraquezas que ácerqua d'elle, e de todos testemunhavam bem

sua morte, disse, e encomendou aos Ifantes seus filhos, e aa outra nobre gente de seu Conselho: que por quanto se sentia jaa no estremo de sua vida, e para tal Rey como elle não convinha morrer em Aldêas, e desertos, mas na mais principal Cidade, e na melhor Casa de seus Regnos, logo ho levassem aa Cidade de Lixboa, e aposentassem dentro no seu Castello d'Alcaçova, que emtam mandava muyto ennobrecer, e asy se comprô. E passados alguûs dias em que sentio melhoramento, os Ifantes seus filhos por seu mandado, e por sua devaçam o levaram com grande acatamento, e muita obediencia á Capella Mayor da See, e o puzeram em todo seu estado ante o Altar do Martyre Sam Vicente onde seu corpo jaz, por que ElRey por ser delle muyto devoto, ante de sua morte se quiz delle, em sua vida, despedir, e alli ouvio com muita devaçam Missa solepne em que com grande efficitia encomendou a Deos sua alma. E por que a dita Capella Mayor a este tempo estava por sua ordenança, e com suas despesas começada, e nam ainda acabada, por tal que no acabamento della, depois de sua morte não ouvesse myngoia, ou tardança, logo ante que della se partisse, mandou em ouro amoedado trazer todo o que per vista de boôs Officiaes parecô que para sua perfeição abastaria, e aa offerta da Missa mui devotamente ho offereceo, e encômendou ao Vedor da obra, que della nunca desestisse atee se de todo acabar, como acabou, segundo agora se vee; E da See foi de caminho visitar a Igreja de Santa Maria da Escada, que elle, peguada com ho Moesteiro de Sam Domingos, novamente mandou fazer, e em que tinha singular devaçam, e depois, de se despedir da Imagem de Nossa Senhora, e com inteiro conhecimento de sua morte encomendar a ella sua alma, foi levado ao Castello donde par-

tira, onde poucas óras ante de seu fallecimento, sendo jaa em podêr de Religiosos e outros Ministros de sua concientia, poendo por caso as maaõs em sua barba Real, por que a achou alguû tanto crecida, a mandou logo fazer, dizendo, que nom convinha a Rey, que muytos aviam de vêr, ficar despois de morto espantoso e difforme; e feito isto, o dicto glorioso Rey acabou logo sua bemaventurada vida com mui claros sinaaes de Salvaçam de sua alma, a quatorze dias d'Agosto, vespera d'Assumpçam da Virgem Maria Nossa Senhora, do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil quatrocentos e trinta e tres: e foi cousa assaz maravilhosa, e de singular exempro de sua devaçam, e de grande pronostico de sua bemaventurança, que em tal dia taõbem nacêo, e nelle comprîa entam hidade de setenta e sete annos; e em tal dia, em batalha campal, em que se compriam quorenta e oyto annos, vencêo neste Regno ElRey Dom Joham de Castella, com que segurou seus Regnos, e Estado: por cuja memoria mandou alli novamente edificar o Moesteiro de Santa Maria da Vitoria, que vulgarmente se diz da Batalha; e em tal dia, em que se compriam dezoito annos partiu de Lixboa, quando em Africa passou e tomou aos imygos da Fee a muy nomeada cidade de Cepta; no qual dia do seu fallecimento ho Sol foi crys em grande parte de sua claridade; e assi tambem foy ho Sol crys, ho dia que a Rainha Dona Felipa sua molher falleceo primeiro que elle em Sacavem; e assi ho dia em que seu filho ElRey D. Duarte seu filho mayor, e herdeiro falleceo depois em Tomar. E como quer que ha memoria de suas muy Reaaes exequias deve mais propriamente em sua Cronica sêr registada: porem porque foram as mais excellentes e mais cerimoniadas que atee seu tempo nestes Regnos a Rey delles se fizeram; e foi jaa obra e

officio do muy excellente seu verdadeiro, e legitimo filho, e socessor ElRey Dom Duarte, cuja vida e feitos he minha teençam aqui screpver, nom leixarei de as tocar brevemente. Na ora de seu fallecimento eram presentes seus filhos, ho Ifante Dom Duarte, primogenito e herdeiro, e ho Ifante Dom Anrique, e ho Ifante Dom Joham, e ho Ifante Dom Fernando: porque ho Ifante Dom Pedro tambem seu filho a este tempo era em Coimbra, e do pranto e lamentações que ao tempo de sua morte os Ifantes seus filhos por mingoa de tal Padre, e os Vassallos por perda de tal Rey, deviam fazer, escuso de as especificar: sooimente saiba-se, que em caso que nas mortes dos Reys e Principes geeralmente se fazem sempre synaaes de grandes sentimentos, na deste glorioso Rey, assy em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita spicialidade de dôr. Caa ho Reyno foi todo cuberto de vaso e burel, e nom era sem causa: porque regnou tanto tempo, e cõ vida taõ perlongada, que a nobre gente e povoo do Reyno eram jaa nelle, e per elle, per criação e bemfeitoria, todos reformados. E ho Ifante D. Duarte sendo neste officio de tristeza com hos Ifantes seus irmaaõs acupado, e esquecido por isso do outro pera que ho Setro Real jaa ho chamava: parecendo que se nom lembrava do que aa Sepultura d'ElRey seu Padre compria, foi per Frei Gil Lobo seu Confessor espertado, reprehendo-lhe, assi bem e ones-tamente como devia, alguãs palavras que em boca de Rey não cabiam, e a Real Coaçam nom con-vinham, com que nos olhos seus, e de todos cada vêz mais lagrimas renovávam: pedindo-lhe que nas outras cousas, que mais eram necessarias, entendesse. Cessou ho Ifante, e seus irmaõs do pranto em que estavam, e enxugando os olhos com as razões das mayores necessidades que se

offereciam, se recolheo com hos Ifantes, e com hos do Conselho que hy eram a huã Camara, honde consultáram a maneira que se loguo teria na Sepultura do Corpo d'ElRey, que em seu testamento desposera ser enterrado no Moesteiro de Santa Maria da Vitoria, que elle em memoria da batalha que vencêo, alli novamente fundára como jaa disse. Na qual cousa ouve votos desvayrados, por que a huús parecia, que logo ante de ho corpo mais se corromper, fosse em huã azemala levado ao dicto Moesteiro, e isto parecêo abatimento de tão Excellente Rey; outros diziam que se enterrasse naquella Cidade de Lixboa, e que os ossos com devida honrra fossem tresladados depois, que ho saimento se faria logo no Moesteiro da Vitoria, posto que seu Corpo hi não estivesse. E a huã destas cousas, e a outra ouve justas, e razoadas contradicções; e finalmente foy acordado, que ho Corpo d'ElRey fosse, como foy logo, metido em hum ataûde de chumbo bem soldado, por seer metal de corrupções conservativo, e encaixado em huã tumba de paão cuberta de veludo negro com cruces brancas per cima: e assi esteve na salla atee á tarde. E como a noite sobreveio, ho Corpo d'ElRey foi trazido ao patim do Castello, e hy posto em huãs andas de grande magnificentia para ho caso corregidas: as quaaes, hos Ifantes, e Condes, e outros Grandes Senhores cubertos jaa de triste livree de burel, tomáram sobre seus hombros, e néllas com solepne proçissão alumiaada de tochas sem conto, ho leváram com espantoso pranto aa See, honde ho leixáram ante ho Altar de Saõ Vicente em outra tumba mais alta, a que sobiam per degrãos, feita, e guardada naquella perfeição, como pera tal pessoa, e tempo convinha: darredor da qual sempre arderam tochas em grande abastança. E ha Capella onde estava foi sómente cuberta de panos de doo;

e nella, em quanto ho Corpo alli esteve, ficou ordenança que certos do Conselho ho acompanhassen, e assi muitos Frades da Observantia, e outros Religiosos ho guardassem continuamente, de dia e de noite per repartição, rezando e orando sempre, rogassem a Deos por sua alma. E seus Capellães eram assi ordenados, que nunca ha Capella estava sem nella muy devotamente as horas, e officios Divinos se dizerem; E em cada hum dos dias que ho Corpo d'ElRey assi esteve ordenadamente se deziã por sua alma trinta Missas, d'ellas rezadas, e outras cantadas: e cada semana huã vêz se fazia por elle saymento solenizado com vespervas, e Missas a que ho collegio da See, e toda a outra Clerizia, e ordens da Cidade eram presentes.

## CAPITULO II.

*Como ho Ifante Dom Duarte foy alevantado por Rey, e como foi aconselhado, que naquella ora se nom alevantasse.*

Ao outro dia depois do fallecimento d'ElRey que eram quinze dias d'Agosto, ho Ifante Dom Duarte depois d'aver com os Ifantes seus irmãos conselho, e deliberaçam sobre a maneira que ao diante avya de ter, como Principe muy Catholico e prudente fallou ante menhaã com seu Confessor aquellas culpas de que sentio sua conscientia gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza d'alma que devya, tomar o Cetro Real que ho jaa esperava; e estando-se pera isso vestindo de ricos panos e Reaes, como para tal dignidade e ao auto seguinte convynha, chegou

a elle Meestre Guedelha, Judeu, seu Fisico, e grande Astrologo, e lhe disse: «Parece-me Senhor que vos aparelhaaes pera loguo entrar-des na Real Soçessam que vos per directo perteence, pesso-vos por mercee, que este auto dilatees atee passar o meo dia, e nisso prazendo a Deos farees vosso proveyto, e será bem de vosso Regno, porque estas oras em que fazees fundamento seer novamente obedecido mostram seer muy perigosas, e de muy triste constellaçam, caa Jupiter estaa retrogado, e ho Sol em decaymento com outros sinaaes que no Ceeo parecem assaz infelices». Ho Ifante lhe respondeo: «Bem sey Meestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nagem estes cuidados de meu Estado, e serviço, e eu nom dovido que ha Astronomia seja boa, e huma das Sciencias ante as outras permitidas e aprovadas, e que os Corpos inferiores são sogeytos aos sobrecelestes; porém ho que principalmente crêo, he seer Deos sobre todo, e que com sua maoõ, e ordenança sam todas as cousas: e por tanto este Carguo que eu com sua graça espero tomar, seu hé, e em seu nome, e com speranza de sua ajuda ho tomo, a elle soo me encomendo, e aa Bemaventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia oje he, e com muita devaçam e devida humildade peço a Deos que me ensine, favoreça, e ajude a governar este seu pôvoo, que me ora quer encomendar como sentir que seja mais seu serviço». (3) E Meestre Guedelha tornou dizendo: «Senhor a elle praza que assi seja; como quer que nom era grande inconveniente sobreserdes nisto huû pouco para se tudo fazer prosperamente, e como devya.» E o Ifante lhe respondeo: «Nom farei, pois nom devo, ao menos por não parecer que mingoa em my ha speranza de firmeza que em Deos, e sua Fee devo ter». E logo Meestre Guedelha affirmou que regna-

ria poucos annos, e esses seriam de grandes fadigas, e trabalhos, como foram segundo ao diante se dirá. Ho Terreyro dos Paaços d'Alcaçova honde ho Ifante pousava foi muy altamente corregido para nelle seer alevantado, e obedecido por Rey; ao qual sayo em vestiduras Reaaes, e muy ricas, acompanhado de muy nobre gente vestida, por aquella ora, de panos e corregimentos de festa, e allegria como he de custume. Assentou-se ho Ifante em huma cadeira Real, posta sobre huû Cadafalso alto acostado ao longo do Paaço da Gallee, e cercada dos Ifantes, e d'outros Senhores, e officiaaes postos na ordenança que a cada huû para tal auto pertencia; e o Conde de Viana, D. Pedro, primeiro Capitam de Cepta, que a este tempo era neste Regno: por ser Alferes Moor, tomou a Bandeira Real, e a teve aa maaõ direita d'ElRey revolta em sua aste atee que Dom Alvaro d'Abreu, Bispo d'Evora acabou de prepoêr a arenga que em tal cerimonia he costumada, e necessaria; acabada a qual o Bispo se pôz em giolhos, e lhe quisera logo beijar a maaõ: mas o Ifante, por seu abito e prelacia, lha não quiz dar; o qual Ifante Dom Duarte ao tempo que foi por Rey alevantado compria hidade de quorenta e dous annos, e em se recolhendo para seu logar lhe disse ho Ifante: « Bispo se vos bem parecesse eu queria que no cabo deste auto queimassem aqui ante my huãs poucas d'estôpas, por lembrança e comparaçam que esta gloria, e pompa do mundo asy dura pouco, e passa muy brevemente. » « Parece-me, Senhor, disse o Bispo, que a memoria, e conhecimento que disse tendes, escusa por agora outra cerimonia ». E a ElRey parecêo bem. E logo o Conde Dom Pedro, depois de os Reys d'Armas darem pregoões e gritas de silencio, despregou a Bandeira, e em voz alta deu tres vezes o acostumado pregam, declarando por Rey ho Ifante Dom

Duarte; a qual voz depois que ho Conde acabou, continoáram bradando hos Ifantes, e Senhores, e toda a outra gente que hy era, beijando-lhe logo todos as maaõs por legitimo, e verdadeiro Rey, e fazendo-lhe toda a outra cerimonia, e acatamento que aa perfeiçam daquelle auto compria; e dalli se recolhêo ElRey para seus Paaços, e ho Conde com todos os Senhores a cavallo e muyto povoo andou com a Bandeira despregada por toda a Cidade, dando nas praças della mais asynadas os mesmos pregoões, acabados os quaaes, tornáram, e a poseram solta sobre a Torre de Menage do Castello (4) onde esteve atee noyte, que se ElRey tornou a seu Paaço, e leyxou as vestiduras Reaaes, e tomou doo de preto, e hos Ifantes tomaram burel, segundo sempre atee aqui se costumou: por que depois em tempo d'ElRey Dom Manoel, por cujo mandado esta Cronica se compoz, geeralmente determinou, e mandou, que por nenhuû Rey, nem Principe, nem per outra alguã pessoa se nom trouxesse em seus Regnos burel sobcerta pena, e asy se comprio.

### CAPITULO III.

*Das feiçoões corporaaes, virtudes, e costumes d'ElRey Dom Duarte.*

**E** PORQUE as proporçoões corporaaes dos Princeses passados, e suas virtudes, e costumes alguûs hystoricos as costumáram pôr no cabo de suas Estoreas, e muitos mais nos principios: eu neste passo seguyrei a openiam dos mais; e por tanto he de saber que ElRey Dom Duarte foi homem de boa statura do corpo, e de grandes e

fortes membros: tynha o acatamento de sua presença muy gracioso, os cabellos corredios, ho rosto redondo e alguú tanto enverrugado, os olhos molles, e pouca barba; foi homem desenvolto, e costumado em totalas boas manhas, que no campo, na Corte, na paz, e na guerra a hum perfeito Principe se requeressem: cavalgou ambalas sellas dá brida, e de ginêta melhor que nenhuú de seu tempo: foy muy humano a todos, e de boa condicãam: prezou-se em sendo mancebo de boõ lutador, e assy o foy, e folgou muito com os que em seu tempo bem o faziam: foi caçador, e monteiro, sem myngoia nem quebra do despacho, e avyamento dos negocios necessarios: foi homem allegre <sup>(5)</sup>, e de gracioso recebimento: foy Principe muy Catholico e amigo de Deos, de que deu clara prova a boa vontade e grande devaçam com que sempre recebia os Sacramentos, e ouvya os Officios Divinos, e compria muy perfeitamente as Obras da Misericordia: foi muy piadoso, e manteve muy inteiramente sua palavra como scripta verdade: amou muito a justiça: foi homem sesudo e de claro entendimento, amator de siencia de que teve grande conhecimento, e nom per descurso d'Escollas, mas per continuar d'estudar, e leer per boõs livros: caa soamente foi gramatico, e algum tanto logico: fez hum livro de Regimento pera os que costumarem andar a cavallo: e compôs per sy outro aderçado á Rainha Dona Lianor sua molher, a que entitulou, *o Leal Conselheiro* <sup>(6)</sup>, abastado de muitas e singulares doctrinas, specialmente para os bens d'alma: foi, e nacêo natural eloquente, porque Deos ho dotou pera yssso com muitas graças: no comêr, e beber, e dormir foi muy temperado, e assy dotado de totalas outras perfeiçoões do corpo, e d'alma.

## CAPITULO IV.

*De huû singular conselho que ho Infante Dom Pedro enviou a ElRey Dom Duarte seu Irmaaõ, ante de ho veer, depois de seer alevantado por Rey.*

Foi avisado ho Infante Dom Pedro na Cidade de Coimbra, honde estava, do estremo da vida em que ElRey Dom Joham seu Padre estava; e como quer que pôz toda diligencia pera ho ir vêr, em chegando a Leiria foy avisado de seu fallecimento: e por nom poder jaa seer no alevantamento e obediencia geeral d'ElRey seu Irmaaõ, se deteve alli os dias que soamente lhe foram necesarios para aparelhar a sy e aos seus de doo, como ho tempo e caso requeria: e nom esquecido da obediencia, amor que a seu Irmaõ devia e tynha, lhe enviou huma carta desculpando-se com muyto acatamento por naõ ir mais asynha, e culpando ho empedimento que ouvera, e outra carta com hum conselho, cujo verdadeiro trelado (porque o merece, e por louvor do Ifante) me pareceo razam assentar aqui, e he este: » Muyto alto e poderoso Principe. Per Ayres Gomes da Silva soube » como dia de Santa Maria fostes com a graça de » Deos alevantado, e obedecido por Rey destes » Regnos, e para tam tristes novas, como foram as » passadas, do fallecimento d'El-Rey meu Senhor » e Padre, nom podiam sobrevyr outras de moor » prazer, e conforto meu, se nam estas, que apõs » elle sooes meu Rey e Senhor, caa por serdes a » pessoa deste mundo que eu mais amo, praz-me » muito cobrardes tal honrra, que a vós soo pertence: e eu, e vossos Regnos, e vassallos cobra-

» mos em vós tal Rey, que segundo meu juizo,  
» tomando todo o que em voos haa juntamente,  
» nom sei outro algum pera tal encarguo, nem taõ  
» perteente. E porque, Senhor, este he ho tempo  
» em que principalmente se requiere boõ conselho :  
» eu antre os muitos trabalhos do corpo, que este  
» tempo causou, tomei este da alma pera vos com  
» elle servir ; e bem sei que ante muitos e boõs  
» Conselheiros, especialmente ante vosso grande  
» saber vallerá pouco, mas nom leixei por isso de  
» o fazer : porque ainda que vosso alto entender,  
» e a muitos de vosso Conselho dê a vantagem  
» em conhecer, aconselhar e determinar sobre os  
» grandes feitos, nom há hy algum delles, nem a  
» vós mesmo se se podesse dizer, a quem conheça  
» superioridade de vos verdadeira amar, e conse-  
» lhar com resguardo de todo vosso bem, e ser-  
» viço ; e nisto tomei este esforço, porque muitas  
» vezes vy e ouvy que aquillo em que ho syso  
» cança, ho amor se esforça e ho acaba. Ho pri-  
» meiro de meus Conselhos e mais principal seja,  
» Senhor, que agardeçaaes a Deos com grande  
» efficitia e mui continuoadamente esta mercê com  
» todas as outras que vos fêz : e quanto vos elle  
» neste mundo mais alevantou com honrra, tanto  
» mais vos abayxees ante elle per umildade, e com  
» temor de seus Juizos, e que sempre vos traba-  
» lheis de serdes obediente, e fiel servidor ao Se-  
» nhor, de cujas maaõs, sobre tantos, tal Digni-  
» dade recebestes : e asy boõ e proveitoso Vigario  
» aos Regnos, e pessoas que vos emcomendou. E  
» como quer, Senhor, que visse muitos Livros com  
» singulares doctrinas aos Reys e Princepes, quaes  
» deveem seer, e vós delles tenhaes muytos: porem  
» porque me parece que fallam geeralmente das  
» virtudes que a todo homem perteence, eu antre  
» todas escolherey aquellas que ante Deos, e os  
» que verdadeiramente julgam fazem ho Rey mais

» glorioso. A primeira, que o Rey seja Catholico,  
» muyto firme na Fee, e que por cobrar o bem  
» que ella promete, faça, segundo ella manda, to-  
» dalas suas obras; a segunda, que ame, guarde e  
» faça guardar Justiça, sem embargo do odio,  
» affeiçam, ou remissam; a terceira, que seja forte,  
» defendendo sua terra dos imygos manifestos e  
» escondidos, e de todolos daneficadores, e malfe-  
» ctiores estrangeiros e naturaaes: que cometa taaes  
» feitos que sejam com serviço de Deos, e com  
» honrra e proveito seu, e de seus Regnos; a  
» quarta, que seja verdadeiro per coração e per  
» palavra, principalmente nos grandes feitos; a  
» quinta, que seja graado de vontade e per obra,  
» segundo abranger sua renda: nom tomando a  
» huns por dar a outros, nem dando tanto hum  
» dia, que per todo ho anno nom tenha que dar,  
» nem tanto a hum, ou a poucos, que os mais fi-  
» quem sem receber mercê: dando principalmente  
» a áquelles em que conhecer merecimentos de  
» serviços ou bondade, nom lhe esquecendo os  
» que, por amor de Deos ou segundo Deos, o re-  
» quererem e em seu dar, ou negar seja desempa-  
» chado; a sexta, seer gracioso e de boõ acolhi-  
» mento aos naturaaes, e estrangeiros, sem familia-  
» ridade disoluta; a septima, sêr diligente sobre a  
» providentia e boõ regimento de sua terra, poendo  
» em ello homens per esperientia virtuosos e sabe-  
» dores, e que amem a elle, e ao bem commum;  
» a oitava, que seja firme em seus boõs preposi-  
» tos e determinaçoens, nom se mudando, salvo  
» por muy claras e grandes advantagees: e porque,  
» Senhor, estas vos outorgou Deos, com outras  
» muitas vertudes, trabalhae e pensaae como nel-  
» las creçaaes, e as conservees: pellas quaes, com  
» a graça de Nosso Senhor Deos, o vosso nome  
» será glorioso, e vosso Regno bemaventurado;  
» E leixando, Senhor de mais screpver, nem tocar

» os geraaes Conselhos que a todo tempo per-  
» tence, ainda tórno a este do começo do vosso  
» reinado, e parece-me, que nelle devees teer cer-  
» tos cuidados e avysos; o primeiro he que, por  
» quanto ElRey meu Senhor e Padre não falleceo  
» em desposiçam de perfectamente desencarregar  
» sua conscientia, vós tenhaes proposito e cui-  
» dado, de mais e melhor que podr-des, ho satis-  
» fazer-des por elle: e que assi como em sua vida  
» lhe fostesho melhor e mais obediente filho que  
» eu conheci, assi agora despois da morte lhe  
» mostrees verdadeiro amor, e muyto mais nas  
» cousas que aproveitarem a sua alma, que nas  
» cerimonias de mundo, como quer que estas aas  
» taaes pessoas, nas cousas que ho requerem,  
» nom se ham de escusar; sobristo, Senhor, vos  
» lembre que assi como esta erança com a graça  
» de Deos e sua beençam socedees, assi em espe-  
» cial sooes em cargo de suas dividas e encargos;  
» devees mais, Senhor, teer grande aviso e bom  
» conselho sobre a ordenança e regra que terees:  
» e tomarees, ácerca de vossa pessoa, casa e es-  
» tado, para que seja a serviço de Deos, e bem  
» vosso, e de vossa terra: e assi ho exucutardes e  
» cumprir-des logo, porque nestes começos, de  
» necessidade, se fazem sempre mudanças e novas  
» ordenanças, e mais sem empacho e escandalo  
» que despois; e porque, Senhor, vos faram agora  
» muytos e muy desvayrados requerimentos, e  
» petitorios, e vos daram conselhos em muytas  
» cousas, e de muytas guysas: compre que es-  
» guardées a todo com grande descriçam, e as  
» cousas que vos muy claramente nom parecerem  
» boas e rezoadas, não nas outorguees nem deter-  
» minees logo, nem as que certo nom parecerem  
» maas e desarrezoadas, nom as neguees, ante as  
» espaçaaes: pera despois que estiver-des com  
» melhor repouso e mais sem fadiga, as determi-

» nar-des como devees ; porque em todo o tempo  
» d' enovações, e de tantas alterações, algumas  
» cousas vos podem parecer justas que o nam  
» serem. E assi pelo contrario devees mais, Se-  
» nhor, esguardar a vós mesmo, e conhecer-des  
» de vós, que teençam e proposito he ho vosso :  
» e se sentir-des que he muyto ardente e aficado  
» para correger e emendar as cousas erradas ;  
» cuiday entam que o vosso cuydado e trabalho  
» nom he soamente de huã ora, e que vos com-  
» pre per tal inaneira trabalhar que ho possaaes  
» muyto tempo fazer ; e se per ventura se sentir-des  
» vossa vontade cançada e enfraquecida com ho  
» peso dos grandes cargos, e nam ligeiros de re-  
» mediar, offerecei-lhe os muytos mayores que  
» El Rey vosso Padre, e outros Princepes passáram  
» e passam, e esforçai-vos no muyto siso, e vir-  
» tude que vos Deos deu, com que ffoeç.a bas-  
» tante para sofrêr-des tanto, como o que no  
» mundo mais sofrêo : e pera descargo destes  
» dous cuydados, muita ajuda vos fará encar-  
» regar-des as cousas de vosso Regno a taaes  
» pessoas, como atrás na septima virtude vos  
» aponteí, ficando as mayores alçadas, e suas  
» determinações a vós sempre reservadas ; e  
» como quer, Senhor, que estas cousas outros de  
» vosso Conselho vallas tenham dictas, eu por  
» isso vallas nam leixei de screpver : porque me  
» praz e prazera sempre ser do conto dos que  
» vos bem aconselharem ; e se alguã cousa disto  
» lhe esquecêo de vos dizerem, porque entendo  
» que de todo vos compre ser-des bem lembrado,  
» nom me parecêo que faria o que a vós devo,  
» se voolo não dissesse ou screpvesse logo, por  
» offerta e sinal do grande e verdadeiro amor que  
» vos tenho : porque conheço que grande empres-  
» sam faz na afeiçam e na fama os primeiros co-  
» nhecimentos da pessoa : e ainda que atee aqui

» vos conhecessem por muito boõ e muito vir-  
 » tuoso liante como fostes, todos porem esguar-  
 » dam e esguardaram que Rey serees; e por tanto,  
 » Senhor, voos trabalhaes com todas forças e  
 » cuydado como as primicias de vosso regnado  
 » sejam apraziveis a Deos, e a vossos sogeitos  
 » proveitosas, e crescendo em melhor por muitos  
 » annos, acabees em seu serviço, e leixees vossos  
 » Regnos ao Ifante meu Senhor vosso filho, como  
 » desejaes; e ha Sancta Trindade vos outorgue  
 » todo esto, com effeyto de todos os outros vossos  
 » boõs desejos.» Ho quall Conselho do Ifante  
 Dom Pedro, ElRey louvou muito, e ho fez per  
 singular resgistar em hum seu Livro, que comsigo  
 sempre trazia, de cousas familiares e especiaes.

## CAPITULO V.

*Como ho Ifante Dom Pedro veeo aa Corte, e como  
 juráram o Ifante Dom Affonso por Princepe,  
 e como se acordou, e fez a trelladaçam  
 do Corpo d'ElRei Dom Joham para  
 o Moesteiro da Batalha.*

**P**ARTIO-SE ElRey de Lisboa pera os Paaços de  
 Bellas, onde o Ifante Dom Pedro lhe veo fa-  
 zer reverença, e hel disse muytas, e muy notaveis  
 palavras de muyto amor, e grande odedientia: e  
 ElRey ho recebeo muy graciosamente, e lhe acre-  
 centou muyto na honra que lhe soya fazer, e dahy  
 se partiram ambos para Sintra, onde a Raynha  
 Dona Lianor sua molher, e seus filhos estavam:  
 e hy fez ho Ifante a ElRey a menagem, e deu a  
 obedientia na forma que os outros Ifantes a ty-

nham facta: e o Ifante Dom Affonso filho primogenito, legitimo herdeiro d'ElRey, que era minino, foi logo aly jurado em auto solene pelos Ifantes e outros principaaes por herdeiro dos Regnos despois da morte d'ElRey seu Padre. E este Ifante foy ho primeiro filho herdeiro dos Reys destes Regnos, que se chamou Princepe, porque atee elle, todolos outros se chamaram Ifantes primogenitos herdeiros; e logo em Syntra acordou ElRey ho tempo da trelladaçam do Corpo d'ElRey Dom Joham seu Padre, que seria em Lisboa aos vinte e cinco dias d'Octubro logo seguinte; pera o qual per cartas e recados, que para isso enviou, foram com ElRey na Cidade juntos todollos Prelados, e Abbades Beentos, e muitas Ordens, e Cabydos, e infinda Clerezia do Regno, e assy todoloos Ifantes, e ho Conde de Barcellos seu irmaaõ, e seus filhos os Condes d'Ourem, e d'Arrayollos, e todoolos outros grandes nobres, e outra muita gente do Regno, e vieram alli tambem a Ifante Dona Isabel, molher do Ifante Dom Joham, e a Condessa d'Arrayollos, e outras grandes Senhoras e Donas do Regno, e nom vieram alli a Rainha, nem a molher do Ifante Dom Pedro, porque ambas a este tempo eram prenhes de muitos dias. Pousou ElRey nos Paaços da Moeda, e como foi tempo de hir ás Vesperas da trelladaçam, sayo a pee muito cuberto de doo preto, e com elle todoolos Senhores e nobre gente, que ally eram, cubertos todos de burel ordenados em procissaõ, com hum silentio muy triste: e se avia rumor, era de todoolos sinos de todallas Igrejas, e Moesterros da Cidade, que nom cessavam de tangêr; e foi tanta a gente que coube nesta ordenança, que os primeiros eram já aa porta da See, e os derradeiros nom acabavam de sair dos Paaços. As portas da See eram todas fechadas, e sobre huã das janellas da Capella de Santo Antonio estava

o Meestre Frei Rodrigo da Ordem de São Domingos, Confessor do Ifante Dom Anrique, que fez hum Sermaim per modo de perguntas a ho povoo, dicto com tanta inveençam de tristeza com que movêo todos pera muytas lagrimas, e espantoso pranto com que entraram na See, e se alojaram na Ordenança em que cada hum avya d'estar. A See de dentro era toda cuberta de panos negros, e os andaymos das naves cheeas de tochas acêsas, e no Cruzeiro estava feita huã essa grande, e alta, e mui triumphante, cercada de muitas tochas, e a Bandeira Real d'ElRey acompanhada das Bandeiras das Armas de todoolos Reys e Principes que per sangue e parentesco com ElRey tinham alguã razam, postas naquella devida precedentia que huãs ás outras de razam tinham. ElRey, e os Ifantes com outros grandes Senhores como entraram, assi com muitas lagrimas tomáram as andes e a tumba em que o Corpo d'ElRey d'antes estava, e a trouxeram aa essa e a pose-ram sobre hum assentamento que pera isso estava ordenado, que per todalaas quatro quadras foi cercado de Bispos e Abbades Beentos revestidos em Pontifical, e doze Religiosos que com senhos tribolos sempre encençavam sobre a tumba; fez aquelle Officio com grande solepnidade Dom Fernando, Arcebispo de Braga, e acabou-se com grande devaçam e muyto mayores prantos: nos quaes porque alguns Fidalgos e outras pessoas se chamavam desemparados, ElRey que o ouvya lho estranhou muito e defendeo que alguns Criados d'ElRey seu Padre nom uzassem em sua vida de tal nome, porque elle os empararia, e lhes faria bem e mercee como cada hum o merecesse ou tevesse merecido; ficou aquella nocte com o Corpo d'ElRey o Ifante Dom Pedro por ser filho mayor a pôs ElRey, o qual teve sua guarda com muitos Senhores e Fidalgos, teendo vigilia de nocte com

seus Capellaães e com outra muita Clerezia que foi para ysso junta. Ao outro dia, porque ElRey sentio que a detença do Officio avia de ser grande, e os días eram já pequenos, foy por ysso muyto cêdo na See, acompanhado como devia; disse Missa o Arcebispo Dom Fernando, em Pontifical, e aa offerta a que veeo se offereceram poll'alma d'ElRey muy ricas cousas d'ouro e prata, brocado e seda pertencentes á Capella, e Frey Gil Lobo, grande Letrado, fêz ho Sermom com têma ao auto conforme. Acabada a Missa foi ordenada huã solepne procissam com infindas cruces em que todolos Clerigos, e Religiosos levavam tochas acezas nas mãos, e ElRey, os Ifantes, e Condes poseram as andas e tumba em que o Corpo d'ElRey estava, em huã Carreta que aa porta da See estava em grande perfeiçam concertada; e logo a procissam abalou: apôs a qual a diante da Carreta seguiam a deestro cinco cavallos grandes e mui fermosos, com ricos paramentos, levados per homens de nobre sangue, a saber, o primeiro e dianteiro cuberto de damasquim branco e vermelho, brosladas nelle as Armas de Sam Jorge; ho segundo hya com paramentos de damasco vermelho e azul, em que as Armas Reaes d'ElRey hiam brosladas; ho terceiro hya com semelhantes paramentos de pano e coores, em que ho moto e letera d'ElRey, *de por bem* (?), hia em muitas partes broslada; ho quarto hia com outros taaes paramentos, em que hyam pilrriteiros broslados, que foy a devisa d'ElRey que tomou pela Rainha Dona Felipa sua molher; ho quinto hia todo cuberto de damasquim negro, sem algum broslamento; apôs os quaes cavallos seguia logo a Carreta que ElRey e os Ifantes, e outros grandes Senhores com suas maaôs faziam movêr: e apôs ella seguiam logo doze cavallos em que hyam cavalgando doze nobres homens que levavam as Bandeiras e Armas d'ElRey,

e o dianteiro foy Pedro Gonçalves, Veador da Fazenda, que levava a Bandeira Real em sua aste emburilhada, derribada sobre o hombro: e dos outros, hum levava ho Elmo, houtro o Estandarte, houtro ho Guyam, e houtro a Lança, e outro ha Facha, e assi as outras Armas, salvo que ho derradeiro levava solto hum balsam preto com a aste sobre o hombro, cujas pontas hyam pelo chaõ arrastando; e apôs elle seguyam grandes companhas cubertas todas de burel, fazendo tam grande pranto que se naõ podiam ouvir sem muito espanto, door e tristeza. Na rua nova se fez hum pulpito, em que hum Mestre em Teologia, em chegando a elle a Carreta, fêz hum Sermam pera ho caso muyto louvado: acabado ho qual seguio a procissam atee junto com Sam Domingos, honde em hum Cadafalço, que se pera ysso ordenou, ho Doctor Diego Afonso Mangaancha, que era Lettrado e bem eloquente, tanto que ha Carreta chegou, fêz outro Sermam cuja thema foi = *Et nos moriamur cum eo* = Com que trouxe pera o caso cousas mui notavees e asáz bem dictas; acabado ho qual, a procissam seguyo atee sêr fóra da porta de Sam Vicente, donde se tornou com muyta gente, e leixáram a Carreta que foy logo posta a quatro grandes cavalloos que a leváram, com a qual foi ElRey e os lfantes, e outros grandes homens, todos a cavallo, e com elles vinte e quatro pessoas de Religiam, que com tochas acezas nas maaõs hyam com ho Corpo d'ElRey, rezando suas oras, rogando a Deos por sua alma, e assy chegáram ao Moesteiro d'Odivellas, no meo do qual estava huã essa com panos de doos tochas e bandeiras, pelo modo e maneira que era a da See de Lixboa, e Dom Abbade de Alcobaça, com outros Abbades e Religiosos estavam íora do cerco do Moesteiro revestidos, e com Cruzes em ordenança de procissam, esperando o Corpo d'El-

Rey, o qual ElRey e os Ifantes leváram com grande cerimonia e acatamento ao Moesteiro, e ho poseram na essa: e aquella nocte ho vigiáram muitos Religiosos com Orações continoas e devotas, e ho acompanhou e guardou o Ifante Dom Anrrique, com todos os Commendadores da Ordem de Christus, e com seus moradores. E ao outro dia disse Dom Abbade missa em Pontifical, e aa offerta se offereceram per os Ifantes e outros Senhores grandes e ricas cousas, pela alma d'ElRey; no qual dia se partiram e foram a Villa Franca de Xira, e na Igreja della era fecto outro tal corregimento como ho d'Odivellas, donde Dom Alvaro d'Aabreu Bispo d'Evora sayo a receber o corpo d'ElRey, acompanhado de muitos Abba-des e Collegios, e muita outra Clerezia: e assy o leváram atee a essa honde, despois das Vesperas dictas, ficáram per ordenança certos Religiosos, para de nocte sempre rezarem, e o Ifante Dom Joham que acompanhou ho Corpo de Rey com os Commendadores e Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, e com outros muytos Fidalgos e pessoas honradas de sua Casa. E ao outro dia disse ho Bispo Missa em Pontifical, e acabado o Officio, caminháram pera Alcoentre, e sempre naquella Ordenança de Religiosos e ceremonias, como pártiram de Lixboa. E d'Alcoentre sayo o Bispo da Guarda a receber o Corpo d'ElRey, revestido em Pontifical e muy acompanhado de Clerezia, e o leváram aa Igreja, que assy mesmo estava corregida como as outras; e dictas as Vesperas, ficáram de nocte os Religiosos ordenados, e por guarda do Corpo, ho Ifante Dom Fernando acompanhado dos seus e dos Criados d'ElRey seu Padre; ao outro dia ho Bispo da Guarda disse Missa em Pontifical; e nesta jornada e nas outras passadas sempre aas offerta das Missas, per ElRey e pellos Ifantes se offereciam ricas ves-

timentas e calices, e outras joyas pera serviço da Igreja. Acabada a Missa, se partiram e foram ao Moesteiro d'Alcobaça, donde sayo, a receber o Corpo d'ElRey, em devota procissam, Dom Abbade com seu convento e acompanhado de muita outra Clerezia: e depois das Vesperas dictas, aalem dos Religiosos que eram ordenados, ficou aly em sua guarda ho Conde de Barcellos seu filho natural, com seus Fidalgos e Cavalleiros. E a outro dia, em amanhecendo, ouvyo ElRey Missa rezada, e nom se fêz outro officio, porque ho mayor era, aquelle dia, reservado no Moesteiro da Batalha pera onde logo partiram. E em chegando aa hermita de Sam Jorge, onde foi a batalha, acháram já hy os cavallo assy guarnecidos e aparelhados, e os Cavalleiros a cavallo, assy como quando partiram da See de Lixboa; e naquella mesma ordenança seguiram atee ho Moesteiro, acompanhados de muita gente: porque muitas pessoas que pera ysso foram chamadas, e assy os Procuradores das Cidades e Villas, e Alcaydes do Reyno não podéram, por seus impedimentos, hir a Lixboa, e vieram ally. Ho Moesteiro assy na essa, como na cera e Bandeiras, e nos outros comprimentos estava aparelhado como a See de Lixboa, que disse. Sayram fóra em procissam, a receber o Corpo d'ElRey, todoolos Bispos em Pontifical, e assy toda a outra Clerezia, revestidos com Capas e vestimentas as mais ricas, e com muytas cruces: e como o Corpo chegou a elles, esteve quedo; e ElRey e os Infantes e Condes se decerom, e da Carreta tomárom a tumba sobre seus ombros, e a levárom com grande reverentia, e a poseram na essa de dentro do Moesteiro. Disseram-se muitas Missas, e aa mayor, que ho Bispo d'Evora disse em Pontifical, se offerecerom, e com razam, muitas mais cousas, e mais ricas das que atee alli foram offerecidas, segundo ahinda hoje parecem no

Tesouro daquelle Moesteiro. Disse o Sermom mui conveniente e mui auctorizado Frey Fernando d'Arrotea, da Ordem de Sam Domingos, Pregador d'ElRey Dom Duarte. Ho pranto que sobre o Corpo d'ElRey se fêz foy assás maravilhoso, e de grandio espanto e sobeja tristeza: e por brevidade ho não descrevo assy particular como passou.

## CAPITULO VI.

*Como ElRey se foi a Leyrea, onde lhe foi dada ha obediencia e feitas as menagees, e dahy se foi a Santarem teer Cortes, e do que nellas fêz.*

TANTO que a Missa e os Officios foram acabados, porque no logar avya grande pestenença, ElRey per conselho de todos leixou no Moesteiro certos Prelados e outras possaoas d'auctoridade, que sepultáram com grande solepnidade ho Corpo d'ElRei, e se partio logo pera Leyrea honde em auto publico, despois que per Dom Alvaro de Aabreu, Bispo d'Evora foi feita huã arenga, per os Procuradores do povoo lhe foi dada a obediencia pera que vynham, e os Alcades dos Castelllos e Forteelezas lhe fezeram as menagees que deviam, e os Prelados per sy e per seus Procuradores lhe reconhecerom Senhorio, segundo uso e costume destes Regnos de Portugal. Quisera ElRey, per conselho de muytos, espaçar as Cortes pera dhy a hum anno, e pera assy seer nom falleciam razões e fundamentos necessarios e proveitosos: ao que contrariou ho Conde d'Arrayollos per tal maneira, e com inconvenientes de tanta mais força se logo se nom fezessem, que prouve a ElRey star

por seu Conselho: e por tanto nom quiz despidir hos póvoos e Fidalgos sem Cortes, pera que eram chamados; e pera as teer e fazer, como compria, se partio logo pera Santarem, onde as fez, e ouvio os povoos e Fidalgos, e lhes desembargou seus Capitulos e requerimentos ho mais graciosamente que pôde, mostrando-lhes em todo claros finaaes de grande amor, e muytas bondades, de que todos partiram allegres e muy contentes, consolando-se na morte do Padre que perdérom, com a virtuosa vida do filho que cobráram: porque todos davam muytas graças a Deos.

## CAPITULO VII.

*Como ElRey com seu Conselho entendeo nas cousas da Justiça, e seu Estado e Fazenda, e mandou fazer moedas.*

COMO ElRey acabou as Cortes, começou logo d'entender nas cousas da Justiça, e Fazenda como principaaes de seu Estado: e porque desejou fazêlo com prudentia e boõ conselho, a muitas pessoas principaaes de seu Regno o pedio sobre isso, em pessoa e per escripto; e visto o de todos, escolheo de cada hum ho que lhe melhor pareceo. Como quer que estas doctrinas geraaes nom duram, porque são sempre sogeitas aas mudanças e necessidades que hos tempos cada dia trazem comsigo, que fazem fazer outras especiaaes: e com tudo ElRey pôz muito seu cuidado nas cousas da Justiça que em seus dias mandou inteiramente guardar, e entendeo em mandar corregêr e abreviar as Ordenações do Regno, e em seus dias

nom se acabáram. ElRey Dom Affonso seu filho as mandou depois reformar em cinco Livros, que por serem confusas, em alguã parte mingoadas, ElRey Dom Manoel nosso Senhor as mandou abreviar e declarar, em singular ordenança e perfeiçãõ. Hordenou mais mui regradamente sua Casa em que, como piedoso e virtuoso filho, recebeu os Criados d'ElRey seu Padre, e cada hum nos Officios e Cargos que tinham, e a muitos agasalhou com Officios, Beneficios, Casamentos e Mercees, porque todos vivessem contentes; e para boõ enxemplo de os grandes e nobres de seu Regno nom fazerem despesas desmasiadas em vestidos e arrêos sobejos, hordenou mais que pera vestidos de sua pessoa se nom comprassem, em cada hum anno, mais de quinhentas dobras em panos assy de laã, como de seda; hordenou mais pera teer quem lhe ajudasse a soportar os trabalhos e encargos do Regno, e acompanhar sua Corte, como a seu Estado convinha, que continuoadamente andassem na Corte com elle hum dos Ifantes, e Condes, e Bispos, e que por giros, cada huã destas tres calidades, servissem a quarteis do anno: e assi se comprio em toda sua vida; e tomando nestas cousas assento, os Ifantes, Condes, e Prelados, que por entam ordenados não eram ficar na Corte, e assy os Procuradores dos povooos, se partiram della; e ElRey toda via ficou em Santarem, despachando as Confirmações das Doações e Privilegios, e Graças pera que era requerido; e assi entendeo em outras cousas, atee ho mez d'Agosto do anno seguinte de mil e quatrocentos e trinta e quatro annos; no qual tempo fêz outro chamamento pera fazer, como fêz, no Moesteiro da Batalha as exequias annaaes d'ElRey seu Padre; pero nom foi de tanta gente, nem com tanta solepnidade como foi ho da sepultura, e trelladaçam. E acabadas as exequias, ElRey se foy logo a

Lixboa, honde tirou o doo que trazia: como quer que depois por cousas tristes que lhe recriciam, sempre ho trouxe, como a diante pela estorea se verá. E assy mandou fazer moedas novas, a saber, leaaes de prata de Ley de onze dinheiros, de que oitenta e quatro pesavam hum marco, e escudos d'ouro de dezoyto quilates, de que cinquenta faziam pêso de hum marco.

## CAPITULO VIII.

*Como ElRey envyrou seus Embaixadores ao Concilio da Basilea, e a causa porque ho dicto Concilio se ordenou, e o que nelle foi determinado.*

No comêço do regnado d'ElRey Dom Duarte, era Presidente na Igreja de Roma ho Papa Martinho quinto; ho qual por bem da Crisandade ordenou que da fim do Concilio Geeral de Constancia, em que elle fôra criado Papa, a cinco annos logo seguintes, se fizesse e celebrasse outro Concilio Geeral em Basilea, Cidade d'Alemanha: porque nas cousas da Igreja e da Fee se semeavam e naciã, nas Provencias do mundo, taõ hereticos entendimentos, e taõ errados fundamentos, que pera se todo conformaar com a Sancta Fee Catholica, pareceo assy muy necessario. E ante do tempo dos cinco annos o Papa Martinho acabou Santamente sua vida, e socedeo em seu logar, no Pontificado Romaão, ho Papa Eugenio quarto que logo aprovou o dicto Concilio de Ba-

silea, estando em Italia; na qual cidade, para proseguimento do dicto Concilio, se juntáram côm ho Emperador d'Alemanha Segismundo alguns Cardeaaes, e pessoas outras principaes, què per suas cartas convocáram assy todos os Reys e Principes Christaaõs: ao que ElRey Dom Duarte, por acupações do Regno nom pôde logo satisfazer, e dilatou a hida de seus Embaixadores que para yssso ordenou, atee ho anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Chrísto de mil quatrocentos trinta e cinco: os quaes foram ho Conde d'Ourem seu Sobrinho, filho do Conde de Barcellos seu irmaaõ, e com elle Dom Antão, Bispo do Porto, que despois foi Cardeal, e o Meestre Frey Gil Lobo da Ordem de São Francisco, e o Doctor Vasquo Fernandes de Lucena, e o Doctor Diego Affonso Mangaancha, e Frei Joham da Ordem de Santo Augustinho, e com estes ordenou outra muyta e muy nobre companhia, que provydos por certo tempo de seus ordenados, e assy de letreas de cambo, pera o que lá mais andassem, fizeram destes Regnos sua viagem per terra atee a Italia, onde achárom ho Papa Eugenio: ho qual por quanto teve causas e lidimas razões que sobrevierom, nom soamente recusou hir ao Concilio de Basilea como aprovára, mas ainda o revógou, e com acordo e consentimento do Emperador de Constantinopoli que se chamava Joham Paleologo, e do Patriarcha Grego que seguiron suas partes, ordenarom que o Concilio se fizesse, comõ fez, em Italia na cidade de Ferrára, e dhy por pestenença que sobreveo, se mudou a Florença e Sena; mas o Concilio de Basilea, despois de alguãs vezes convocar e mandar citar o Papa Eugenio, e por nom ir a elle, aa sua revelia e com acordo do Emperador d'Alemanhá que o dicto Concilio sustentava, criárom novamente por Papa Amedeu, Duque de Saboya, homem velho e de sancta vida,

que por servir a Deos em vivendo tynha renunciado a seu filho legitimo ho dicto Ducado com a pompa do mundo, e estava em Religiam com certos nobres homens apartado, e chamárom-lhe ho Papa Felice quarto: o qual, em quanto o Papa Eugenio viveo, nom desistio do Pontificado, e ouve na Igreja de Deos cismas, e per morte do dicto Eugenio, socedendo á Cadeira de Sam Pedro ho Papa Nicoláo quinto, ho dicto Felice por asossego e concordia da Christandade, de sua propria vontade renunciou ho Papado, e se some-teo a Nicoláo que, por sêr grato a seu boom proposito e sancta vida, aprovou totalas cousas que, em seendo Papa, ordenára, e ho criou Cardeal, e Delegado exlatere em toda sua terra, honde acabou santamente. E tornando a meu proprio fundamento de que say, os dictos Embaixadores deram suas cartas de creença ao Papa Eugenio, cuja parte levavam, em mandando que sostevessem e favorecessem, do qual fôram em nome d'ElRey com muita benignidade e asynados favores recebidos; e porque ao tempo que chegáram a Ferrára, onde ho Concilio se principiou, ainda ho Emperador e Patriarca Gregos nom eram a elle vindos, e sua vynda se contrariava com grande istancia pelo Concilio de Basilea, ho Papa Eugenio, pelos esforçar e conformar com sua vontade, enviou a elles hum Cardeal e outros grandes Letterados Gregos, e Latinos, e com elles o dicto Dom Antam Bispo do Porto, e Frey Joham de Sam Tomé, que por sua muyta scientia e grande agudeza foi chamado e avido por outro Augustinho; e foi de tanta effcatia esta embaixada ácerca do Emperador e Patriarcas Gregos, que pospostos os impedimentos do Concilio de Basilea que hos retardavam, ouveram por bem vyrse toda vya ao mandado e obedientia do Papa Eugenio, que os recebeo com aquella solenidade, e cerimonyas que

devya, e com outros grandes synaes de sobejo prazer e devido amor. A este Concilio do Papa Eugenio vieram de muytas partes muytos Religiosos, e grandes Leterados, assy Gregos, como Latinos, honde depois de per muytas vezes aver antre huns e os outros arduas questoões e dificiis contendas, finalmente os Gregos convecidos com rezoões, e principalmente alumiados da graça do Espiritu Sancto, vieram de sua propria vontade na sentença e determinaçam dos Latinos, de que aalem doutras cousas em que estavam cegos, e em ácerqua da Fee leváram seus juizos da verdade alummyados. Principalmente confessarom o Espiritu Sancto proceder do Padre e do Filho, e não do Padre soamente como elles tynham, e assy confessárom que a Consagraçom se devia fazer em pam asmo, e nom formentado, como tambem tynham, como quer que no dicto Concilio foi determinado, que por isto nom a Fee inconveniente algum, se guardasse o costume. E assy confessárom aver hy lugar do Purgatoreo, e que ho Papa de Roma era de Jesus Christo verdadeiro Vigayro, e legitimo Socessor de Sam Pedro, e teer no mundo, nas Regioões dos Christaaõs ho primeiro lugar, ao qual assy a Igreja Oriental, como Occidental devia com razãm, e de necessidade obedecer. E neste Concilio os Armenios e Indios se conformáram tambem com a Fee. E acabadas estas cousas pera as Cidades de Ferrára e Florença e Sêna a que o Papa com torvaçoões de pestenença se socorria, ho Patriarca Grego falleceo, e foi pelo Papa, e Cardeaaes com muyta magnificencia e grande solepnidade soterrado: e o Emperador se tornou para Grecia, e o Conde d'Ourem e os outros Embaixadores, depois de despedirem com o Papa as cousas d'ElRey, muy benigna e graciosamente com prazer de sua Sanctidade, se foram ao Concilio de Basilea com cartas d'ElRey

pera o Emperador e para o Concilio Geeral. E he de saber, por bom exempro e gloriosa fama d'El-Rey Dom Duarte, que huã das cousas mais principaaes porque mandou taõ honrrada embaixada a hum Concilio e ao outro, foi por em seu nome requerer a paz e Concordia entre os Reys de França e Ingraterra, que naquelle tempo aviam antre sy cruas guerras; e per suas cartas e instruções que sobre isso enviou, nom soamente offereceo pera medeaneiros e com suas despesas seus Embaixadores, mas ainda se necessario fosse, em pessoa prometeo de o ir seer e do Papa Eugenio e seu Collegio, e do Emperador Grego a que os Embaixadores primeiramente sobre isso falláram, e assi o Emperador Segismundo e Concilio de Basilea, a que tambem o foram pedir e requerer. Foy ElRey Dom Duarte muito louvado e per toda a Cristandade encomendado por muito virtuoso. Neste Concilio estiveram o Conde d'Ourem e os Embaixadores, ácerqua de hum anno, assy em sosteer a parte do Papa Eugenio, como em requerer as embaixadas que sobre a paz e asesseguo dos Reys aviam dhir. E porque ho Emperador Segismundo que nestas cousas, como pessoa mais principal, com virtudes e podêr entendia, fallecêo neste tempo, e socedeo no Imperio dos Alemaães, com algum alvoroço, Alberto seu genro Rey de Bohemia e d'Ungria: ho Conde d'Ourem, nom teendo esperanza de aver effecto sua mais estada, se despedio do Concilio e com sua companhia foy visitar ho Sepulcro Santo de Jerusalem, e ho Bispo Dom Antam e os outros Embaixadores se tornáram em Italia, a despedir com ho Papa Eugenio as coizas que em nome d'ElRey lhe tynha concedidas; e sua Santidade, por ho serviço que ho dicto Bispo lhe fezera e por aver nelle merecimentos pera yssso, ho fêz Cardeal: e os outros Embaixadores, se vieram

para Portugal. E porque hum Bispo de Viseu, que laa era Procurador d'ElRey, sosteve, como em seu nome, a parte do Papa Felice e contrariava a do Papa Eugenio, per prazer d'ElRey e mandado do Papa, foy privado do Bispado e outro provido delle. E antre as cousas que se requereram e o Papa outorgou foy, que os Commendadores e Cavalleiros das Ordens de Christo e d'Avis, futuros e nom presentes, podessem casar: e esta graça, per fallecimento de dinheiro, se nom despedio; e despois em tempo d'ElRey Dom Manuel nosso Senhor, e per sua intercessam e requerimento, foi pelo Papa Alexandre sexto concedida e tirada e ouve effecto. E assi outorgou ho Papa que os Reys de Portugal se podessem para sempre coroar e ungir, como os Reys de França e Ingraterra: e desta graça nom vy, nem ouvy dizer que atee este tempo se usasse. E o Papa Eugenio veendo que o Concilio de Basilea nom cessava, antes proseguia na cisma, em grande detrimento da Republica Christaã, teve intelligencias com Dom Luiz, Delfim que entam era de França, filho d'ElRey Dom Carlos, que com muyta gente d'armas foi sobre o dicto Concilio e per força ho desfêz. E o Papa Felice, com favor do Duque de Milam, Felipe Maria seu genro, se vêo a Italia e, em vida do Papa Eugenio, sempre se chamou Papa e por sua morte desestio do Pontificado e se sometêo a obediencia do Papa Nicolao quinto que o socedeu, como atras fica apontado. (8)

## CAPITULO IX.

*Como ElRey leixou de fazer as festas que, no poêr, do Sancto Olio a seus filhos, ordenava: e isto por ElRey de Napoles e ElRey de Navarra e o Ifante Dom Anrique, irmaaõs da Raynha, serem prêsos em Italia; em que se conthem a causa deste fecto.*

NESTE anno de mil quatro centos trinta e cinco, estando ElRey em Lixboa propôz de mandar poêr, com grande solepnidade e manificencia, ho Santo Olio a seus filhos; e teendo ordenadas grandes festas, e fectas para ysso muytas despesas, e os Ifantes e a gente principal do Regno a dia certo percebidos, desestio de tudo, e os persibimentos que tynha d'alegria e prazer converteo em outros tantos de doo e tristeza. E a causa disto foy, ser certificado que ElRey D. Affonso, Rei d'Aragam e de Napoles e ElRey de Navarra, Dom Joham e o Ifante Dom Anrique Meestre de Sanct-Iago de Castella, irmaaõs da Raynha Dona Lianor sua molher, foram no maar prêsos de Genoeses, com outra muyta e muy nobre gente e eram postos em podêr do Duque de Milaõ, Felipe Maria que de Genoa tambem era Senhor. E como quer que as causas e fundamentos da prisam destes Reys pareça materia remota desta em que entendo, porêr porque ho nom he de todo e parece cousa estranha e nova, Reys d'Espanha serem assy prêsos em Italia, pera sua declaraçam, tocarey della aquy brevemente alguã cousa; pera ho que he de saber, que ElRey Dom Fernando d'Aragam, Ifante

que foi de Castella ouve quatro filhos e duas filhas todos legitimos, a saber, Dom Affonso primogénito e herdeiro, que foy Rey de Napoles e Dom Joham Rey de Navarra que despois, por fallecimento de socessor legitimo descendente, socedeo os Regnos d'Aragam e Sezilia, e o Ifante Dom Anrique Meestre de Sanct-Iago, que foy em Castella, que na Batalha d'Olmedo foy ferido, de que logo morrêo, e o Ifante Dom Pedro mais moço, que de huã bombardada falleceo em Italia, no cerco de Napoles, e a Raynha Dona Maria, molher primeira d'ElRey Dom Joham de Castella, e a Raynha D. Lianor, molher d'ElRey Dom Duarte de Portugal, cuja he esta a memoria. Ficou ElRey Dom Affonso, per morte d'ElRey Dom Fernando, pacifico Socessor dos Regnos d'Aragam e Sizilia: e como era de grande coraçam e desejador de grandes emprêsas, prouve-lhe mais a gloria da guerra, que a duçura da paz. E despois da morte d'ElRey seu padre quatro annos, se passou a Sezilia, com fundamentos de novidades em que emprendêo. E no Regno de Napoles e d'Apulha regnava em tam a Raynha Dona Johanna aa qual, em muytas fortunas que passou, não falleceo animo e esforço viril, com que as sofrêo, com quanto sua mocidade foy com desonestos amores defamada: a qual nam podendo sofrêr os encargos e regimentos do Regno, consentio sêr casada com Jacobo, conde de Marca, que em virtudes e geeraçam era dos principaaes de França; e por elle usar no Regno e ácerca della mais do que a Rey e Baraõ compria, ella por usar com mais licença e menos contradicòm, de sua vontade ho engeitou e repudiou de marido e, com ajudas que para isso teve, ho lançou fóra do Regno; e por se valer em seu proposito, porque nom tynha legitimo Socessor, adoptou por filho e na Socessam do Regno de Napoles, a ElRey Dom Affonso, que

o possuio e governou algum tempo; mas ella, ou nom contente do trato que ElRey lhe fazia, ou por seguir novidades, que por ventura eram de sua condiçam, estimando-se por sogeyta e cativa do que tomára por filho, ordenou de ho lançar fóra do Regno: e seendo pera ysso favorecida d'alguma parte delle e ajudada do Duque de Milam, que com suas forças e d'outras Potencias de Italia armavam grande frota e aparelhavam muita gente, para cercar ElRey na Cidade de Napoles; por elle se nom sentir tam forte pera, sem grande periguo seu e dos seus, ho resistir, se partio do Regno e se tornou a Valença d'Aragam, onde se refez com grandissimo poder e outra vez tornou em Italia pera cobrar ho Reame per força, de que sayra como enjuriado. E despois de aquirir alguãs Fortalezas delle, cercou per mar e per terra a Cidade de Gayeta, que de gente do Duque de Milam e de Genoeses era sustentada: polo qual ho Duque e Genoa, por livrarem de sojeiçam a Cidade a elles encomendada e darem as vidas a seus vassallos e naturaaes, que nella eram asperamente cercados, ordenaram dar-lhe socorro per mar; da qual cousa seendo ElRey sabedor, e como a frota contraria era já aparelhada no maar e de muyto meños poder e força que a sua, determinou antes que a dicta frota chegasse a Gayeta de a hir receber e pelejar com ella. E por tirar escandalos e competencias, que sobre a Capitanía Moor recreciam, elle quiz ser e foi soo Capitaõ do mar e da peleja: a qual, antre as frotas despois de juntas, foy muy crua, onde ElRey, nom por mingoa de poder, mas por astucia dos Genoeses, finalmente foi vencido e preso; por que os Genoeses, como ouveram vista da frota d'ElRey, conhecendo bem no poderio e aparelhos della, que se d'algua cautella nom usássem, claramente seriam vencidos: acordaram das Carracas da sua conserva

maiores, a fortalecer tres das mais armas e melhor gente que traziam; e estas per astucia já praticada. Ao tempo da pelleja não aferrarom, nem se ajuntarom tanto, que dos contrayros podessem ser aferrados: mas mostrando já sentiam seu desbarato, fizeram em outra banda como fogidas, cheas de medo; pollo qual ElRey e os da sua frota, avendo a vitoria por certa, começaram usar das condições della, em matar e ferir, prender e roubar. E sendo jaa a gente d'ElRey descuidada da pelleja e intenta soamente no despojo, as tres Caracas, de que descuidavam, muy armadas e percebidas meteram suas vellas e com vento á popa, pollos synaaes que traziam, investiram com grande força a Nao d'ElRey Dom Affonso e a d'ElRey de Navarra e a do Ifante Dom Anrique, e as combateram assi rijamente, que se renderam e com ellas toda a outra frota, que se deu em poder dos Genoeses; os quaaes, como quer que no primeiro cometimento fengissem seer vencidos, porem como sentiram o manhoso socorro que esperavam, usaron assy de suas maaõs, que mereceram de seer e foram dos Reys vencedores. Era hy tambem em outra Nao ho Ifante Dom Pedro, irmaao d'ElRey, que depois de ver seu vencimento, se acolheo a huã Gallee que o salvou e poz em Cizilia. Foram presos ElRey Dom Affonso e ElRey Dom Joham e o Ifante Dom Anrique, irmaaos, e com elles cem pessoas de titulo e muy principaaes, a fóra outra muyta e muy nobre gente, com os quaaes foram hos Genoeses descercar Gaeta e se tornaron com grande triunfo e allegria a Saona que era de Genoa: donde pelo seu Capitam do Mar, ElRey e seus irmaaos e a moor parte dos presioneiros d'estima, foram levados a Milam e postos em poder do Duque Felipe Maria, que com sua costumada grandeza de coração, e muyta nobreza os recebeo e tratou, não como a presos, mas como

irmaaos e Senhores; e nom tardarom muytos dias, que fallando ElRey e o Duque antre sy as cousas que lhes compriam, ho Duque, ou per virtuosa nobreza de que quíz usar, ou per segurança de seu Estado, ouve por bem nom soamente poer ElRey e seus irmaaos em suas liberdades e envia-los de sua casa com dadivas e joyas sem estima, mas ainda deu a ElRey toda a ajuda e favor que pôde, pera com menos dificuldade e mais sua honrra aver, como ouve ho Regno de Napoles, honde despois ElRey falleceo, sem legitimo herdeiro: e porem per instituiçam de testamento que fez, leyxou por seu herdeiro no Regno de Napoles, a ElRey Dom Fernando seu filho bastardo que ho socedeo, parte por isto e principalmente por riquezas e armas em que ficou abastado e muy poderoso. E assi que por esta causa nom fez ElRey Dom Duarte em Lixboa as festas que desejava: por que tomou doo e totalas couzas de prazer e allegria, durando seu regnado, lhe foram assi contrayras, que todas se lhe convertiam em paixões e tristeza; e ao tempo, que como Rey tomou o Cetro Real, asy ho pronosticou Meestre Guedelha, como se atrás disse.

## CAPITULO X.

*De huuã falla que ho Ifante Dom Fernando fêz a ElRey, em que ouve fundamento a hida sua e do Ifante Dom Anrrique sobre a Cidade de Tanger em Africa.*

**P**ORQUE na teençam e fundamento que ElRey Dom Duarte teve, de mandar hos Ifantes Dom Anrrique e Dom Fernando seus irmaaõs

sobre a Cidade de Tanger em Africa, achey muytas opiniões: por brevidade poerey aquy soamente a que mais aprovada me pareceo; porque he de saber, que dos quatro irmaaõs Ifantes que ficaram a ElRey Dom Duarte, ho Ifante Dom Fernando era ho menor, que ao tempo do fallecimento d'ElRey Dom Joham seu Padre, aalem de seu assentamento, nom tynha de terras, salvo a Atougua e Salvaterra do Campo de Santarem: e depois per fallecimento de Dom Joham Rodrigues de Siqueira, Meestre d'Aviz, foy provydo por ElRey daquelle Meestrado e despensado pello Papa pera o ter, como teve em Comenda. E porque lhe parecia que com estas cousas, ainda em honrra, terras e rendas era desigual em muyta parte aos Ifantes seus irmaaõs, mostrava de si grande descontentamento, e para abrir caminho de acrecentar mais seu Estado, fallou hum dia, em Almeirim, a ElRey nesta maneira: «Senhor. Claros são a todos os muytos trabalhos e grandes cuidados que, pello amor que nos tendes, tomaaes por nos manter na honrra e estado em que nacemos e merecemos: e mais por ventura do que vossos Regnos e fazenda ho sofrem; e que isto satisfaça aos Ifantes meus irmaaõs, pela honrra que por suas maaõs dinamente ganhârom, eu nom som satisfecto; porque, posto que arrezoadamente seja abastado de mantimento, sey que som esfaymado da honrra e de meus proprios merecimentos pera aver. E como quer, Senhor, que vosso Regno foy assás grande, para berço, em que nos criássemos de pequenos, agora he muy pequeno para nos criar em grandes, como a nós compre; e por isto e porque, por graça de Deos, vos crecem cada dia filhos, a que he necessario que provejaes: e tendes vossos Regnos em asosego, e com os Reys vezinhos e alongados segura paz: e eu som mancebo que ainda

nom fiz per mym cousa, perque ouse chamar-me eu filho de tal Padre ou irmaaõ de taaes irmaaõs: eu, Senhor, vos peço por mercê, que queiraes me dar vossa bençam e licença, para me hir fóra destes Regnos, onde Deus e minha ventura me guiarem. E prazendo a elle, meu proposito he ir ao Sancto Padre, ou para o Emperador, ou pera França, onde, peela mais larguesa das terras, teerei eu em meu acrecentamento, ainda que seja com meu trabalho, maior esperança. E pera aquy, descarregarey a vós de despesas e cuidados, e a my procurarey honrra e proveito, como som obrigado. E se cousa em algum tempo de mynha vida sobreviesse, pera que meu serviço vos seja necessario, e eu ho soubesse: avey, Senhor, por muy certo, posto que fosse Emperador d'Alemanha ou Grecia, que nom compriria pera ysso vosso recado; porque, peelo amor que vos tenho e a lealdade que vos devo, eu vos vyria logo servir como fiel Vassallo». ElRey, destas palavras que ouvyo ao Ifante, ficou triste e sospenso; porque lhe pareceo que ho Ifante nom era contente do que tynha, e sabia que seus Regnos nom estavam em desposiçam pera, sem desfazimento de sua Coroa, lhe podêr dar mais. E porêm, com graciosa contenença, lhe disse: «Irmaaõ, rogo-vos muyto que tal licença me nom requeiraes: pois sabees, que vossa partida de meus Regnos, ou faria a my abatimento, parecendo que vos naõ tratava nelles, como devo e vós merecees, ou a vós pouca honrra e louvor: caa pareceria nom me amar-des como he razam, partindo-vos de mim sem justa causa; e posto que nom tenhaes tantas terras, como merecees, eu sempre ho emmendarei com outras merceès, de guisa que ho vosso Estado sempre tenha aquelle repayro e conservaçam que for possivel; porque em caso que a teençam com que vos movees seja boa, nom se leixará

d'entender ao contrayro, e que satisfaça a vós e contrayra a my: cujo Senhorio parecerá que, por duro e áspero ou nom proveitoso, o nom podees soportar, e que ho faça, por a terra do Reyno me ficar mais livre para mim e meus filhos: e isto Deos sabe que nom he assy, porque onde eu, por cumprir com ho amor e obediencia que sempre tive a ElRey meu Senhor e pelo que relevava a descargo de sua alma, trabalhey de agasalhar, contentar e acrecentar todos seus Criados, que devo eu fazer a vós, a que além de sêr-des seu filho legitimo, sey que por vossos merecimentos vos amava muyto? E vós irmaaõ bem sabees, como em vida d'ElRey meu Senhor nom tinhees mais, que Salvaterra e Atouguia e vosso assentamento: e depois ouvestes, por meu aviamento, o Mestrado d'Aviz, com que he razaõ que por agora vos contentees, considerando como este Regno he pequeno, de que ElRey, meu Senhor e vosso Padre, deu muyta parte a aquelles que lho ajudáram a ganhar e defender; e devees poêr mais ante vosso juizo, como ho Ifante Dom Joham vosso irmaaõ he muyto contente do Mestrado de Sancti-Iago, que de renda he menos que ho d'Aviz que vós tendes, e que da Croa á sua pessoa se deu soamente os Paaços de Bellas; porque as mais terras e rendas que tem, ouveas em casamento como sabees. E se este proposito jaa tinhees em vida d'ElRey meu senhor, a elle o deviees em taõ requerer e nom agora a mim, a que muito contradiz. E sobrisso, por averdes a benção da Rainha nossa Senhora e Madre, nestes Regnos vos devees antes de contentar do pouco, que nos estranhos do muyto: porque aa ora de sua morte, como muy prudente e que nos muito amava, assy no lo aconselhou e mandou a todos por sua beençom, e assy ho fizera a vós, se forees em ydade pera ysso.» «Senhor, (respondeo ho

Ifante) Deos sabe que mynha tençom nunca foy, nem será fazer cousa em que vossa Mercee receba desserviço, nojo, nem desprazer, mas tambem com isto espero de vós, nom soamente como de meu principal Senhor, mas como de irmaaõ e Padre, que queirais minha honra e acrecentamento, pois sabees que ainda per my nom fiz cousa que pareça de Cavaleyro; porque vós e os Ifantes Dom Anrique e Dom Pedro meus irmaaõs fostes na Cidade de Ceita, na tomada da Cidade, e ho Ifante Dom Joham foy despois, no descerco da Cidade, em cuja empresa e perigo merecestes e vos deram a honrra da Cavallaria que tendes: e eu fico soo, em mayor idade da que entom erees, sem a teer, nem vejo esperanza para ysso». E a isto lhe disse ElRey, que sobresevesse alguns dias e que, despois de nysso melhor consirar, lhe tornaria a reposta.

## CAPITULO XI.

*Como ElRey disse ao Ifante D. Anrique a teençom e requerimento do Ifante Dom Fernando, e a resposta que ho Ifante lhe deu.*

Dos Ifantes que na Corte eram ordenados andar, ho Ifante Dom Anrique, por mais despejado, era ho mais residente; porque despois de cumprir seu giro, folgava, por comprazer a seus irmaaõs, de servir os seus delles. E hum dia ho apartou ElRey e lhe disse todo o que passára com ho Ifante Dom Fernando, em que seu spiritu recebia muita fadiga: ca nom achava, pera seu contentamento, meio algum expediente; porque se lhe

nom desse a licença que lhe pedira, andaria sempre carregado e descontente: e se lha outorgasse, pareceria que a causa disso seria seu maao trato com que nom podia viver no Regno. Rogando muyto ao Ifante D. Anrique, que fallasse sobrisso com seu irmaaõ ho Ifante Dom Fernando e, por seu descanso, o tirasse deste proposito: « Senhor, respondeo o Ifante, nisto e em todo ho que em mym for, sempre farey ho que Vossa Senhoria mandar; porém a mym parece que ho Ifante meu irmaaõ, no que vos requiere, nom faz menos do que vós lhe devees e a elle compre; porque nom he razom, sendo filho de tal Padre e neto de taaes Avoós, que gaste assy sua vida, sem fazer nella alguma cousa de louvor, per que mereça e aja honrra; e por tanto, quanto a mym, nom lhe dou culpa em seu descontentamento: pois, sem honrra, deve aver sua vida por mal empregada; e pois, Senhor, se atravessa este caso. Repetirey meu fundamento mais alto, como quem, de mais dias, ho tem cuidado. Vós, a Deos graças, com ha firmeza das pazes de Castella, tendes assy vosso Regno em paz e assesego, que por agora nom ha outro recêo de que se siga nem espere ho contrayro; nelle ha muyta e boa gente, e nós quatro Ifantes que vos fazemos pouco serviço, em respeito do muito que vos poderíamos fazer. Peço-vos, Senhor, por merceê, pois Deos por sua graça quiz que nom sayssees da Socessom d'ElRey nosso Senhor e Padre, que tambem nom sayaes da sua tençom, que foi, despois d'assentar as pazes com Castella, buscar taaes emprêsas e conquistas a seus Vassallos, com que nom perdessem ho exercitio das armas e cavallaria em que eram acostumados; porque como mui prudente sabia, que muitos Reys e Principes com sua longa ouciosidade e segurança de paz, nos primeiros reveses da fortuna, cayrom torpemente no Mundo

de seus Estados, e Senhorios. Os exempros desto vos nom allego, de que os Livros sam chãos: e mais sey, que destes e dos que sam pera hum Principe virtuosamente viver, vossa memoria he hum craro registo. E postò que o credito commum seja, que ha emprêsa de Cepta foy por nós honradamente armar Cavalleiros, cuido, segundo sua muyta prudencia e grandeza de coração, que esse foi ho achaque; mas, depois do serviço de Deos, a causa e fundamento principal, foi a que disse, por em seu Regno se nom perder ho uso das armas, que ouve por certa segurança e acrecentamento de sua Corôa e Estado. Pollo qual, Senhor, vós teendes tempo muy desposto pera servir a Deos e salvardes seguramente a alma, e acrecentardes muyto em vosso nome e Estado: nós somos ho Ifante Dom Fernando e eu em vosso Regno, sem impedimento de molheres e filhos, daee-nos licença para passarmos em Africa, honde com nossos criados e servidores, e com os Cavalleiros das Ordens de Christo e Aviz que temos, guerreando ós Infiees, serviremos a Deos e a vós a quem, como principal movedor, pertencerá todo este louvor e merecimento. E com isto sey que ho Ifante Dom Fernando assessegará em sua mudança e sem vosso trabalho e fadiga: e a gente de vossos Regnos, pera quando vos comprir, teeres exercitada, como deve e vós devees querer. Bem sinto irmaaõ, disse ElRey, que do grande amor que me teendes e dezejo de minha honrra e salvaçom procedem as razoões que me dizees, e ainda sam as que convêm a hum tal Principe e tal Cavalleiro como vós sooes; porém, ao presente, os tempos em que estamos ho nom padecem, porque aas gentes de meu Regno he agora mui necessario repouso com que, em suas fazendas e forças, cobrem o que nos trabalhos passados perderom; e certo, se assy nom fosse, a mym

pareceria desagardecer a Deos ho beneficio da paz: e des-y minha fazenda, pelas grandes despesas que della sayrom, está muy gastada; e sobrisso sabees com quanta difficuldade e despezas Cepta se manteem, com outros inconvenientes que muyto impidem, para nom ser razaõ de se ysso comprir. É por tanto vos rogo, deixados estes movymentos, que todavya falees ao Ifante Dom Fernando e, na melhor maneira que poderdes, lhe repousees a vontade, nom lhe tocando nada desta pratica em que estevemos: porque seria causar-lhe mór alvoroço, com que me desse mais fadiga. » E o Ifante Dom Anrrique, como a principal virtude que tinha e que mais estimava era obediencia a ElRey, comprio em todo seu mandado; mas o Ifante Dom Fernando, como quer que sobre sua partida nom importunasse a ElRey em pessoa, nom leixava de se agravar disso em sua ausencia, e a pessoas de que ElRey ho soubesse: ho que ElRey muyto sentia.

## CAPITULO XII.

*Como ho Ifante Dom Anrrique pelo grande desejo que tynha da passagem d'Africa, teve maneiras como a Rainha ho ajudasse a aver licença d'ElRey pera ysso.*

**H**o Ifante Dom Anrrique foi Princepe a que Deos dotou de todas as virtudes da alma e das do corpo. A natureza lhe nom foi escassa: em spicial, era de mui esforçado coração, com que sempre zelava e procurava grandes empresas. E certo, se elle fora em alguma grande potentia,

cuja governança estivera soamente á sua desposiçam, bem poderíamos congeyturar, que seu Estado e cuidado nom tevera outro respecto, salvo conquistas virtuosas. Este Principe, como vio a materia da passagem d'Africa movida, como quer que fosse emtam denegada, nom leixava de a revolver em sua memoria e como cousa que lhe parecia que Deos inspirava: trabalhava buscar caminhos e razões para hir ao effecto della e para ysso, servindo ElRey na Corte, como era seu costume, sabeendo ho grande amor que tynha aa Raynha sua molher e a muyta parte que lhe de sy dava, consirando quanto, em seu proposito e em outro mais difficil, ella com sua descriçam e virtudes, lhe podia com ElRey muyto aproveitar: tomou por envençom servilla mais continuamente e com mostranças de moor amor do que antes fazia; e a Rainha, veendose Estrangeira e sentindo quanto ElRey era afeiçoado aos Ifantes seus irmaaõs e em espical ao Ifante Dom Pedro, antre o qual e ella já avia duvydas de suas boas vontades, estimou, por muyto seu interesse e segurança, aver para si o coração do Ifante Dom Anrique a que, para ysso, respondia igualmente com obras e virtuosos synaaes de amor. E conhecendo o Ifante que tinha já ganhada sua boa vontade, trabalhou mais para o fim de seu desejo a colher para sy, com huã especialidade de mercees e favores, a esses principaaes da Corte, com que entendia que ElRey tynha mais familiaridade e a que em seus conselhos dava mais credito; com os quaaes, antre as cousas que principalmente praticava, assy era quanto desejava, que ElRey seu Senhor fizesse em Africa alguma façanha que ficasse em sua memoria pera sempre, e ho grande desejo que tinha de ho nysso servir, confirmandoos per suas eixortações em sua vontade, pera lhe nom resistirem, quando

o caso se çometesse. E seendo já o Ifante pun-  
gido de seu desejo e assi triste pela tardança  
do effecto que se nom procurava, veendo pera  
yso tempo desposto, fallou aa Rainha, dizendo:  
«Senhora. Quanto vos Deus fez de mais alto e  
de mais nobre sangue, tanto devees desejar mais  
honra e acrecentamento de moor Estado a ElRey  
vosso marido, porque seu louvor acrecenta no  
vosso, e muyto mais na honra de vossos filhos.  
E por a Raynha minha Senhora e Madre ser a  
ysto conforme, nunca em seu desejo prepoz al-  
guã bemaventurança aa honrra: e esta, sobre  
todas, desejou a ElRey meu Senhor e a nós seus  
filhos; e deu-lha assy Deus, em todolos dias de  
sua mocidade e velhice, como creio que ouvy-  
riees e sabees. Leixou per graça de Deos a ElRey  
meu Senhor, vosso marido, em assossego com  
seus Vássallos e em paz com os Christãos, em  
que ficou ho honrroso Senhorio de Cepta, como  
porta aberta de honrra e gloria per que elle en-  
trasse e, ácerca da guerra dos Infiees, seguyse  
suas pegadas, em que acharia honrra sem soberva  
e merecida salvaçom pera a alma, e grande e lou-  
vada herança seus filhos; e para sua Mercee isto  
compre, aalem da obrigaçom com que ho deve  
fazer, teem ha melhor desposiçam que nunca  
Princepe teve, assy pella geeral paz que ha com  
todos, como pela muyta gente de seu Regno de-  
sejosa d'honrra: e somos mais ho lfante Dom  
Fernando e eu, irmaaõs despejados, pera escusar-  
mos sua pessoa e ho servirmos em qualquer cousa  
que elle mandar. E sobrisso no Regno ha muyta  
abastança de mantimentos e muytas armas, que  
ao menos pera aver razom de se alimparem, seria  
necessario e proveitoso fazer-se huã grossa ar-  
mada. Queria, Senhora, que Vossa Mercee nom  
soamente ouvesse por bem mover eu isto a El-  
Rey meu Senhor, mas ainda que com elle me

ajudassees; porque, aaleem da certa honrra que se ganha, ainda nom he sem seu proveito e vosso, passarmos em Africa: caa see Deos nos der vitoria dos Imigos de sua Fee e lhe tomarmos algum lugar junto com Cepta: dally, com sua ajuda, os guerrearemos por tal maneyra, que ajam por seu proveito e saude leyxar-nos sua terra e nós a cobrarmos, como os mouros da Espanha fizeram a nossos Antecessores, e lá viviremos, acrescentando cada dia a Nosso Senhor Jesus Christo e á Bemaventurada Virgem Maria sua Madre, mais casas d'Oraçom, em que sejam louvados e adorados: e a ElRey meu Senhor moor louvor e a Corôa de seus Regnos mais honrrada herança, e a vossos filhos ficaram estes Regnos mais livres, pera nelles poderem viver como a suas honrras e Estado perteence». E a Raynha depois de bem ouvir ho Ifante, lhe respondeo: «Vós irmaaõ sooes d'Elrey meu Senhor, e eu nom sey no Mundo quem moor honrra e mais bem lhe deva, com razom, desejar que vós e os Ifantes vossos irmaaõs: vós lhe podees ysso requerer; porque, se a natural fraqueza do meu entendimento me nom engana, ho requerimento em sy he justo, honesto e sancto, e tal que bem parece que o cuide e faça hum tal Princepe e tam bom Cavalleiro como vós sooes: e se sobrisso entenderdes que minha intercessam póde aproveytar, eu por serviço d'ElRey meu Senhor e por vossa honrra e prazer, me desporei a ysso, com boa vontade.»

## CAPITULO XIII.

*Cómo ho Papa enviou a ElRey a Bulla da Cruzada, e do que ho Ifante Dom Anrrique sobrisso lhe fallou, obrigando-o á licença da passagem em Africa: e como El-Rey, a requerimento da Raynha, e sem conselho, lha deu.*

EM ho começo do anno de mil quatrocentos trinta e seis, estando este negocio asy movido e sospenso, ElRey se foi a Estremoz: onde veeo a elle, por Delegado do Papa Eugenio, Dom Gomes, Portuguees, que entom era Dom Abbade em Florença e despois por seus merecimentos foi Prior de Sancta Cruz de Coimbra; o qual, antre outras cousas com que veio trouxe a ElRey a Bulla da Cruzada contra os Infiees, a qual no Concilio de Ferrara o Conde d'Ourem requerera e se concedeo. Ho Ifante Dom Anrrique foy com ella muy allegre, e pera o requerimento que emprendêra e desejo que trazia sentiosse muy mais esforçado; porque lhe pareceo que este preposito lhe espirara Deos no coração, pera ho no principio mover, e que agora esta mensagem era Divina e nom vynha, salvo pera sem contradicôm se acabar. E a verdade é que ElRey Dom Duarte mandou ao Papa requerer esta Cruzada: que nom pera se logo cumprir, mas com fundamento de a teer, pera quando visse tempo e desposicãm pera poder guerrear os Infiees, e entom a publicar. E com tudo ho Ifante fervendo em seu apetito, apartousse com ElRey soo per hum campo, que se faz antre o Moesteiro de S. Francisco d'Estremoz, e lhe disse: « Senhor. Peço-vos por mercee que ajaes por bem de me dizer, a que fim pedistes e vos

veo esta Cruzada». «Irmaaõ. Praz-me, respondeo ElRey, dizer-vos minha teençom. E eu consyrei como ElRey meu Senhor e Padre, cuja alma Deos aja, começou esta conquista d'Africa taõ prosperamente: e como seu desejo era, por serviço de Deos a proseguir; e ainda sabeis, que se por nós outros nom fora torvado, com sua muyta velhice o quizera poer em effecto. E como eu, per graça de Deos, som neste Regno e naquelle Senhorio seu Socessor, pareceo-me assi por servir a Deos e por não passar minha vida ouciosa, como por acrecentar em minha honrra e aver sua beençom, que devya em algum tempo, per armas e força, continoar aquella emprêsa: e porque senti que este Sancto Padre Eugenio, pella obediencia que lhe tenho, teem amôr a mym, e a meus Regnos e Vassallos grande affeiçom, emviej-lhe pedir esta Cruzada, pera a teer por resguardo em ajuda de meu proposito, para quando me comprisse». «Senhor, respondeu o Ifante, nom esperees mais tempo, porque este he para ysso ho melhor e mais aparelhado, que nunca podeeis teer. Estam vossos Regnos, per graça de Deos, pacificos e bem regidos, provydos e abastados de gentes, armas e mantimentos: teendes filhos, que Deus guarde e defenda, pera socederem a pôs vós esta herança que vosso Padre e avoos ganhârom: teendes mais nos outros vossos irmaaõs, que inantendes com muita vossa custa e trabalho, em que vos podemos melhor servir, que neste serviço de tantos beneficios; peço-vos, senhor, por mercee, que o nom dilatees pera outro tempo e conformay-vos com a Sancta Escripura, que nos conselha, em quanto teemos tempo, obrarmos boas cousas». ElRey era muy prudente e muyto deseioso de servir a Deos; e que de huuã parte sua vontade e as razões do Ifante ho vencessem, da outra era forçado das grandes dificuldades que no caso sentia, para nom poder com-

prir: e disse-lhe: «Irmaaõ. Bem sabees como ElRey meu Senhor casou taõ pouco ha Duqueza de Borgonha minha irmaã<sup>(9)</sup>, e lhe deu em casamento dozentas mil corôas, nom contando ho grande gasto e muyta despeza, que nas festas e em sua passagem se fez: e como tambem se despeneo muyto de sua fazenda e de seus Vassallos na vynda da Rainha minha molher, asy nas festas que se nesta Villa fezerom, como em dadivas e mercees que fez aos que com ella vieram: e asy no casamento de meu irmaõ ho Ifante Dom Pedro, e depois nas exequias e enterramento do corpo d'ElRey meu Senhor, e nas satisfações e casamentos de seus criados, e agora no grande cambo que mandey fazer ao Conde d'Ourem meu sobrinho e aos outros Embaixadores que com elle foram; pollo qual senty minha fazenda minguada e sem aquella sustancia, que pera semelhante cousa compria; e eu queria escusar de lançar pedydos aos póvos, especialmente pera tal guerra, que he mais de minha vontade, que a elles necessaria; porem tanto que a Deos prouver de se isto melhorar, elle sabe que a mym nom esquece de o nisso servir.» Respondeo ho Ifante: «Senhor. Vós obrais assi tudo bem e com tanta bondade e virtude, que de razom aquillo devemos louvar que Vossa Mercee fizer; porem lembre-vos que, depois de serdes Rey, mandastes Pedro Gonçalves, Veador da Fazenda a ElRey de Castella, que vos recebesse em companhia na guerra de Graada, de que não queriees outra parte nem galardom, salvo ho serviço que a Deos fariees e a honra que nisso ganharies: e se consentira e nom se escusara de vosso requerimento, sey pela muita verdade que em vós ha, que, pospostos todos estes pejos e outros maiores, ho forees cumprir, nom sem muita vossa despeza e trabalho; pois, Senhor, o que na casa alhea pediees, sabe na vossa ho tendees muito melhor; e

com todo, porque isto que direy nom contradiz muito vossa teençom, a mym parece que vós devees aver por bem, que eu passe em Cepta com aquella gente que vos bem parecer: e sey que ho Ifante Dom Fernando folgará de me seguir: e em tanto veremos se, por alguã cautella, forças ou astucia, poderêmos aver a vosso poder a cidade de Tangere, ou algum outro Lugar e ao menos; na guerra que fezer-mos, estimaremos a gente com que se o caso offerecer vos conviirá pelejar: e se cobrar-mos o Logar, por ser da qualidade e forças que he, ganhar-se-há nelle boa parte de vossa Conquista: e quando assy nom soceder, nas forças dos Contrairos sentiremos se he abastante vosso poder, pera os conquistar: e se o for, como prazendo a Deos sera, entom passarees muy poderosamente com todo vosso Reyno e, ou lhe darees batalha em que os vencerees, ou lhes tomarees as Fortalezas e sojuguarees a terra, como virdes que sera mais vossa honra, serviço e proveito». Com estas razões e com outras que ho Ifante fazia muy aparentes, prouve a ElRey darlhe licença e consentimento que passasse em Africa, sem acordo nem aprovaçom de seu Conselho; como quer que a opinyam de muitos, por mais verdadeira, foy que aquellas razões e outras de moor efficacia nom moveram a ElRey de sua primeira firmeza, que era não consentir na passagem, se nom entreyvera nysso a Rainha por parte do Ifante Dom Anrique: o qual, por a mais obligar e inclinar neste caso a seu desejo, fez com o Ifante Dom Fernando que ambos adoptassem, como adoptarom por filho, ho Ifante Dom Fernando, filho segundo d'ElRey e da Rainha, que depois de suas mortes, per virtude da dicta adopçom, socedeo e herdou toda sua herança d'ambos: e do Ifante Dom Fernando nom ouve mais que Salvaterra do campo de Santarem, que era sua de juro.

## CAPITULO XIV.

*Como ElRey e ho Ifante acordáram a gente com que passariam em Africa, e a provisãõ que lhe dariam, pera que conveo a ElRey lançar pedidos aos Povoos.*

COM a licença que ho Ifante teve d'ElRey pera passar, foy muy allegre: ca despois que foy no primeiro descerco de Cepta em que ho Ifante Dom Joham seu irmaaõ foy com elle, sempre seu coração foy guerreado do desejo de tornar em Africa, e ainda por este proposito que elle atou em sua alma com firmes nooz de muita fee, affirmou que mudaria seu acostumado sinal<sup>(10)</sup> em tres letras, que diziam I. D. A.; porque, per parte significassem seu nome, a saber, Ifante Dom Anrrique, e todas juntas decrarassem a ida em Africa que sempre desejava. E pera poer loguo em effecto, despois de sobrisso aver com ElRey muyta pratica, acordarom que passasse com quatorze mil homens, tres mil e quinhentos homens d'armas e quinhentos Beesteiros de Cavallo, e dous mil e quinhentos Beesteiros de pee, e sete mil piaães, e quinhentos Serviçaaes: aos quaaes nom se acordava daar mais que ho soo mantymento; ao que foi contrariado pera a comparaçom da tomada de Cepta, em que as gentes ouverom soldo e mantymentos e, aalem disto, as pessoas principaaes, segundo a gente que levavom, asy ouverom mais suas advantagees em dinheiro. E finalmente see tomou assento que se desse soldo e mantimento e mais graças aos Capitaaes, por respecto da gente que levassem: e pera esto orçando ElRey e seus Officiaaes as despezas que

seriam necessarias, achou muito aa quem dellas sua fazenda; pera sofrimento do qual acordou soccorrer-se a seus povooos, os quaaes, por seus Procuradores, foram per seu mandado, juntos pera Cortes em Evora, aos quinze dias do mez d'Abril, onde na Oraçom publica que o Douctor Ruy Fernandes, em nome d'ElRey, prepoz, em sustancia concludío, que assy como muytos Regnos e Potencias por continuoa guerra, assi outros por longa paz se perderom: pello qual ElRey, por serviço de Deos, honrra e acrecentamento mayor seu e de seus Regnos, e por se nelles nom perder o proveitoso exercicio das armas e tambem por cumprir mandado e obediencia d'ElRey seu Senhor que na fim dos seus dias lho muyto encomendára, e asy por honestamente se escusar a alguns Princepes a que tinha obrigaçã e lhes nom dar ajudas pera Christaaõs, perque era requerido: tynha, com a ajuda de Deos, determinado enviar em Africa os Ifantes seus irmaaõs; e porque sua fazenda por entam naõ podia tamanho gasto soprir, lhes rogava e encomendava que o quisessem ajudar pera ysso com dinheiro, pera que trouxe autoridades e exempros de Reys e Princepes antigos, que pera conquistas, nom de tamanho merecimento e obrigaçom, foram de seus povooos, com suas riquezas, grandemente ajudados. E despois de os Procuradores sobrisso averem seu Conselho, lhe outorgarom, pera esta passagem, hum pedido e mêm, que logo foi lançado e tirado: naõ sem grande murmuraçom e descontentamento do povoo, cujas vozes e lamentações, per interpostas pessoas que folgavam, nom com boa tençam de o publicar, feriam a alma d'ElRey com muyta tristeza. E certamente nas primeiras escusas, que de sua bondade e prudencia naciã, bem parece que lhe inspirava Deos na vontade, que revogasse e nom concedesse a

hida; porque pera ver que ha nom avia entom por seu serviço, bem lhe mostrou claros synaaes: pera porque alem do desaazo, que em todas as cousas ysso avia, ainda no primeiro Conselho que em Almeirim teve, em que publicamente declarou o que secretamente tinha determinado, fallando no Ifante Dom Fernando, que hya e era presente, loguo ex-improviso, como quer que era inverno, lhe arreventou muyto sangue dos narizes e assi a Diogo Lopes de Sousa, que tambem era presente; o que foi pronostico e agoyro verdadeiro de Sacrificio de seu corpo, e sangue de muytos que no fecto se seguyo, como adiante se dira.

## CAPITULO XV.

*Dos Capitaães e Fidalgos, e pessoas principaaes que ElRey pera este fecto ordenou, e o provimento que a ysso se deu.*

DESPOIS d'ElRey proveer sobre Navyos, armas e mantimentos necessario, como pera o caso compria, consultou sobre as pessoas principaaes que neste fecto ho bem serviriam: e loguo per suas Cartas os percebeo; em que achey de Senhores e Fidalgos e outra nobre gente estes, cujos nomes, por sua memoria e honrra de seus socesores e bom exemplo aos por vyr, ouve por necessario aqui declarar. Primeiramente hos Ifantes Dom Anrrique e Dom Fernando: Dom Fernando, Conde d'Arrayollos, filho do Conde de Barcellos, seu irmaaõ que foy por Condestabre: Dom Alvaro

d'Abreu, Bispo d'Evora: Vasco Fernandes Coutinho, Marichal: Joham Rodrigues Coutinho, Meirinho Moor: Diogo Soares, seu irmaaõ: Alvaro Vaas d'Almada, Capitam Moor do Mar: Gomes Nogueira: Ruy Gomes da Silva, Alcaide Moor de Campo Mayor: Martim Vaaz da Cunha: Lopo Dyas de Lemos; Dom Fernando de Meneses: Frey Joham, Provenciall do Carmo, que depois foy Bispo de Cepta e Bispo da Guarda: Diogo Lopes de Sousa: Ruy Dyas de Sousa, seu irmaaõ: Lyonel de Lima: Joham Falcam, irmaaõ do Bispo d'Evora: Dom Duarte, Senhor de Bragança: Pedro Rodriguez de Crasto, e estes todos da casa d'ElRey. E da casa do Ifante Dom Anrique, foram estes: Dom Fernando de Crasto, Governador de sua Casa: Dom Alvaro de Crasto, e Dom Anrique de Crasto, seus filhos: Dom Pedro de Crasto: Dom Alvaro de Crasto: Dom Fernão de Crasto: Dom Fradique de Crasto, irmaaõs, filhos de Dom Alvaro Pirez de Crasto: Ruy de Sousa, Alcayde Moor de Marvam: Conçalo Rodrigues de Sousa, seu filho, Comendador da Hordem de Christo: Joham Alvez da Qunha: Ruy de Mello, que depois foi Almirante: Gonçalo Tavares: Pay Rodrigues d'Araujo; assy foram muytos cavalleyros e Comendadores da Hordem de Christo, e outra muyta e nobre gente que ho Ifante Dom Anrique tinha em sua casa e poloo Regno, que foy a mais e melhor que, atee seus dias, nenhum Princepe destes Regnos de Portugal sem Coroa teve; e ho Infante Dom Fernando percebeo seus criados e os Comendadores da Hordem d'Aviz, e aalem destes se offerecerom outros, para servir com os Ifantes: assy como Fernão de Sousa e Joham Telles que viviam com ho Ifante Dom Pedro, e Alvaro de Freytas e João Fogaça, Comendadores de Sant-Iago, que erom do Ifante Dom Joham, sobre os quaaes ainda ElRey mandou Cavalleyros de sua casa com poderes abas-

tantes, que per seu mandado correram a Costa de Biscaya, Esturias, Frandes, Ingraterra e Alemanha, a buscar Navios e gentes, pera nesta passagem ho vyrem servir por seus fretes e soldos, que lhes muy bem pagaria.

## CAPITULO XVI.

*Como ElRey pedio ao Ifante Dom Pedro, e ao Ifante D. Joham, e Conde de Barcellos, seus irmaaõs, conselho sobresta passagem, e lhes disse as razoões que ho a ella moviam.*

**P**ORQUE ElRey determinou esta hida dos Ifantes em Africa, sem Conselho do Ifante Dom Pedro e do Ifante Dom Joham e do Conde de Barcellos seus irmaaõs, e de outros principaaes do Regno, e sabia que elles se aviam disso por mui agravados: porque, em alguã maneyra, parecesse que nom era contra seu prazer e conselho, se foy a Leyrea no mez d'Agosto, no anno de mil quatrocentos trinta e seis, donde todos estes seendo juntos, e tambem os outros Ifantes, lhes fallou nesta maneira: «Irmaaõs. Com a graça e ajuda de Deos, eu queria que ho Ifante Dom Anrique e o Ifante Dom Fernando meus irmaaõs, que aqui estam, passassem em Africa fazer guerra aos Infiees: e as razoões, em que me fundo, vos direy brevemente, sobre as quaaes folgarey ouvir o que vos de isso parece. Primeiramente, porque, louvado seja Deos, tenho paz com todolos christaaõs, e a

ouciosidade he grave pecado, e des hy he justa causa pera me escusar d'ElRey d'Aragom e d'ElRey d'Ingraterra, pera lhes nom dar ajuda que me requerem contra os Christaaõs seus Comarquaaõs, com que teem guerra: e por cumprir a vontade e desejo d'ElRey meu Senhor, nosso Padre, cuja alma Deos aja: e por satisfazer ao erro que, contra ho serviço de Deos, podemos teer por lhe contrariar-mos, despois da tomada de Cepta, sua passagem em Africa; como quer que entam asy pareceo bem e necessario, por elle já nom ser em hidade, para per si tamanho fecto reger, nem ter condiçom, pera seer nelle regido: e des hy porque ho boõ nome e nobre exercicio d'armas que, no tempo d'ElRey meu Senhor, a gente destes Regnos per merecimentos cobrou, nom se perca em meu tempo, per negligencia; com que nom soamente minha fama, por fraqueza, seria abatida, mas ainda a Coroa destes Regnos nom estaria por isso muyto segura: e tambem porque os Ifantes meus irmaaõs, pungidos do nobre sangue de que descendem, como desejosos d'acrecentar mais suas honrras e Estados, me requeriam muytas vezes licença, para se hir fora de meus Regnos; pareceo-me que esta empresa, em que isto podiam conseguir, com muito Serviço de Deos e honrra minha e sua, lhes era para isso mui conveniente: moveo-me mais a ysso ver tam nobre gente e tam esforçados Capitaães e Cavalleiros, como Nosso Senhor pera este fecto me ordenou, cuja bondade d'armas muytas vezes experimentada da grande esperanza de muy certa vitoria dos imigos. E prazerá a Deos, que deste começo se fara em sua terra tal prosequimento, perque elle seja dignamente servido e sua Fee muito mais conhecida e exalçada. Ajuntemy mais a meu proposito, saber a grande devisam que ha antre os Reys e Principaaes d'Africa, nossos con-

trairos que, com seu desacordo, dam causa e desposiçam a nós, para com menos difficuldade e mais nossa vantagem os guerrear-mos; e des hy consirando a milagrosa maneira que Nosso Senhor teve em dar, com tam segura vitoria, nas maaõs d'ElRey meu Senhor a Cidade de Cepta, e os estragos e mortindades que, depois nos cercos della, os Infiees de nós receberam: certo parecem claros sinaaes da vontade de Deos, que ha por seu serviço, nom se leixar, antes que se prosiga, esta conquista. Tambem nom me esqueço, em meu preposito, as muytas despezas de minha fazenda e grandes perigos, mortes e cativeiros de meus naturaaes, com que se Cepta sostem; e como a principal causa disto seja, teer por vezinhos contrayros, Tangere e Alcacer, nom he de duvidar, que muita parte destes males e gastos se escuzarom, sendo tomados e postos em nosso poder. E por veer pera ysso boa desposiçam, pareceo-me que o não devia mais perlongar; a qual cousa, sabido meu fundamento, nom soamente acordou muyta parte dos do meu Conselho, a que ho falley e movy: mas ainda meus Confessores, a que a verdadeira tençom de minha alma nom escondi, mo louvárom, aprovárom e aconselhárom. Mas porque isto ainda de todo me nom satisfaz, sem primeiro vollo notificar e veer vosso Conselho: por isso vos fiz aqui vyr, pera sobre isso mo dar-des, especialmente vos, irmaaõs meus, Ifante Dom Pedro, e Ifante Dom Joaõ e Conde de Barcellos; porque dos outrõs tenho já sabido seu parecer.

## CAPITULO XVII.

*Do voto e conselho que ho Ifante Dom Joham deu aa proposiçam d'ElRey, sobre a passagem dos Ifantes em Africa.*

NESTE conselho ouve poucas vozes, porque nelle era soamente os Ifantes, e Condes de Barcellos e d'Arrayollos: porque o Conde d'Ourem era ainda no Concilio, como atrás se disse: dos quaaes o Ifante Dom Anrique e o Ifante Dom Fernando, por movedores do caso, como sospeitos, nom derom nelle voz, e assi mesmo se escusou ho Conde d'Arrayollos, por ser ja ordenado e elle se convidar pera a passagem; pelo qual, a primeira voz ficou ao Ifante Dom Joham; porque do Conselho que ElRey Dom Joham seu Padre teve em Torres Vedras, sobre a tomada de Cepta, se costumou depois, que pela moor parte as pessoas principaaes dessem votos e conselhos aa derradeira: e segundo esta regra, ho Conde de Barcellos devéra primeiro dar sua voz, mas ho Ifante Dom Joham, por seer seu genro e ter o Conde em lugar de Padre, sempre lhe deu a honrra da precedencia em sua vida; ho qual disse a ElRey seu parecer nesta maneira: « Senhor. A mim parece que syso, nem Cavallaria nom convem em todo; porque suas regras sam muy desvairadas, que a do syso deffende deyxar o certo pollo nom certo, e a paz pela guerra, e a regra da Cavallaria muitas vezes ho aventura e aconselha pelo contrayro. E, para fundamento do que direy, acho que quatro cousas principaaes som, a cuja fim totalas cousas deste mundo se devem fazer, a primeira por serviço de Deos, a segunda por honrra, a terceira por proveito, a quarta por pra-

zer e gosto ; segundo as quaaes, ho syso deffende esta passagem e a guerra della, e que Vossa Mercee a nom deve fazer : pera ho qual digo, quanto ao serviço de Deos, que certo he que tam grande fecto, como este que emprehendees, sem lançardes pedido emcuberto ou manifesto a vossos Vassallos, nom se pode fazer : e no que cada hum, que ouver de ir,despender em sua fazenda, além de vossos fretes, soldos e mantymentos ordenados, se verificará e aprovará o que digo, que nom pode ser cousa mais contraira as determinações dos Santos Padres, em tal guerra, nem mais imiga das Obras da Mizericordia, que, sobre todas, nos são encomendadas, e a vós muyto mais, porque guerra, de sua qualidade e condiçom, mata de fome o farto, e de sede o que teem de beber, e desveste o vestido : e assy descorrendo per todas, as destrue : o que, por brevidade, leixo. Pois, Senhor, provede bem na conta que darees a Deos, neste Officio que vos deu, de governar e deffender seu povoo, seendo vos causa da destruiçam de suas pessoas e fazendas e desolluçom de vossa justiça, com a qual de necessidade averees contra os malfeitores, de dispensar e nom exuquta-la, como sobre todos soes obrigado : ho que he tamanho mal do povoo, que, se Deos ouvir os seus rogos, certo nom deviees ousadamente tal guerra cometer ; e nom digo contra Mouros, mas contra Judeus, que ey por infielidade mais abominavel. E postoque, sem pedido, se podesse fazer, o que d'huma maneira ou doutra he empossivel : ainda devees, Senhor, consirar, em caso que vossa teençam e d'alguns outros seja servir a Deos nesta guerra, que essa nom he a de todos ; cahuns hiram por desejo de honrra, outros com esperança de ganho, e os mais, que são piaaes e gente myuda, porque ho repayro, que tinham ganhado pera suas molheres e filhos, levam consigo

pera o não tornar, e nom lhes fica a esperança de seus suores e trabalhos, em que se mantenham: estes hiram arrenegando, forçados de vosso medo, sem alimpeza e liberdade das vontades, que em tal guerra, de necessidade, se requere; pois Senhor, quem matasse Mouro com tal teençam, nom pecaria menos que se fosse Christaaõ: pollo qual, dar ao Démo tantas almas, certamente mais deve ser desserviço, que serviço nem louvor de Deos. E ainda, Senhor, se per doctrinas e emsinações de Jesus Christo e de seus Apostolos nos avemos de reger, esta guerra dos Mouros nom está muyto certo se he della servido; sei porem que a Santa Scritura, per preegaçoens e virtuosos exempros de vida, os manda converter: e se per outra maneira Deos fora servido, permitira e mandara que, em seus erros e danada contumacia, usara-mos de nossas forças e ferro, atee serem convertidos á sua Fee; e isto ainda nom vy, nem ouvy que se achasse em autentica Scritura. E as indulgencias e remissoens de pecados que, para esta guerra, o Papa outorga, nom tem effectuosa força de Ley pera obedecer, nem de regra pera de necessidade seguir: ca estas presopooem necessidade, que aqui não há, e Santa vontade e boa devaçom, que os menos nella levam. E mais bem sey, que por mil dobras que envyemos a huum Cardeal, pera fazer-mos huã muy pequena Obra de Misericordia, nollas enviára outorgadas do Papa, com graças muyto mayores. Nem os milagres, que nesta guerra aas vezes parecem e por ventura se fazem, nom os ey por certo testemunho de seer a vontade de Deos que a façamos; porque taaes e mayores se fezeram e fazem em terra e sangue de Christaaõs contra Christaaõs: o que, per qualquer interpretaçom, nom he serviço de Deos, e porêm seu incomprensivel Juizo ho permite assy; porque se nas taaes guerras nom

interviessem evidentes milagres, a malicia e ingravidom dos homens he tamanha, que mais atribuyriam á sua fortaleza e saber as vitorias, que aa Potencia Divina. Pello qual, Senhor, pois neste caso ho desserviço de Deos he tam certo e o serviço tam duvidoso, por esta cabeça, digo que tal guerra por siso nom devees cometer: e quanto aa segunda parte, se he honrra fazer-dello, digo, Senhor, que ho siso vollo deffende; porque certo he, que ha principal honrra e estima do Reyno e do povoo está soamente no Rey, por cuja honrra e louvor seus filhos, Regnos e Vassallos sam tambem honrrados e louvados: e assy pello contrayro. E porque Deos, por sua infinda bondade, e pollos grandes e immortaaes merecimentos d'ElRey Nosso Senhor e Padre, lhe deu tanta honrra e vitoria, em que nós, seus filhos e seus Regnos e naturaes teemos muyta parte, que pelo mundo nom he escondida: certamente que assás seria de reprehender quem buscasse caminhos escorregavees em que, asinha caindo, a podesse perder; e desto nos deu exempro Nosso Senhor, que seendo do Imigo ao Pinacolo levado, e delle per a vaam gloria amoestado e induzido que se lançasse a fundo, porque os Anjos o guardariam, pera que seu pee nom fosse offendido; posto que Nosso Senhor soubesse que dezia verdade, nom ho quiz fazer, respondendo-lhe: *Nom tentarás a Deos teu Senhor*. E pois assy he que vós, Senhor, sooes per vossas maaõs e herança, tam honrrado e estimado per todo ho mundo, e vossa Coroa está posta em hum tam alto Pinacolo de honrra: nom he boõ conselho que afaçaes voar daqui com vossa oste a Bellamarim; ca possivel he, o que Deos nunqua queyra, que os Anjos de todo nom teerom cargo de sua salvaçom: e receberes por isso quebra e myngoia; e por pequena que fosse, segundo he grande vossa perfeiçom e limpeza,

mais vos abateria, que aos outros Principes, huuã muy desguerrada fugida. E por tanto, pois jaa teendes a honrra tam certa e segura, e nesta empresa a buscaes tam duvidosa e com perigo certo: polla regra que disse, tal fecto, por siso, non devees cometer. E quanto aa terceira causa do proveito, por esta, Senhor, menos ho devees de fazer; porque, no guanho dos Infiees e tam longe, ha muyta duvyda e incertidam: e a perda, a que eu chamo despesas vossas e de vossos Vassallos, porque primeiro a recebemos, estaa muy conhecida, nom fallando ainda nas outras perdas maiores, que Deos deffenda, que sam mortes, doenças e cativeiros, que nas taaes cousas senpre recrecem e se ham de presopoer; porque fazendo esta empresa tam certa e tam segura, como ja temos a de Cepta, ainda lançadas bem as contas do bem e do mal e das perdas e ganhos, nom seria, pera vos e vossos Regnos, certo proveyto. E mais ey, Senhor, por perda, a vós e a vossos Regnos, a que por esta passagem se podia seguir; porque bem veedes as voltas d’Espanha e a dor rezente da guerra passada, que a brandura da paz presente ainda nom mytigou. Por ventura os que se dam agora por vossos amigos, veendo-vos sem a nobre gente e boa que querees mandar, esforçar-se hiam como imygos, pera vos darem muito trabalho; e por ventura, dariees causa a se perder o d’aaquem, por naõ ganhar o d’aalem: e perder com tudo Portugal, por cobrar Tanger e Arzilla, nom seria honrrado, nem proveitoso escambo. Assy, Senhor, que pois ho dano e a perda parece manifesta e ho proveito duvydoso, nom he razom que este fecto, por siso, ajaaes de o cometer. E quanto ao quarto fundamento do gosto e prazer, se por elle o devees de fazer, certo, nesta guerra, eu vejo muytas despesas, trabalhos, cuidados, perigos do mar e da terra, mortindade, fe-

ridas, aleijoões, doenças, cativeiros, fomes, sedes, frios e quenturas demasiadas, com outras semelhantes paixões, que sam cousas com que a alma, em que he a casa do prazer, se entristece e anoja. Pollas quaaes quatro cousas e razões, ho siso per sua regra, deffende o proseguimento da guerra d'Africa, e que Vossa Mercee a nam deve emprender; mas a honrra, Senhor, tem por sy outras taaes quatro razões, pelas quaes parece, que proseguir esta guerra he Serviço de Deos, honrra, proveyto e prazer. E quanto aa primeira se he Deos servido, certo he que, para governança do mundo, foram tres Estados ordenados, a saber, Oradores, Lavradores e Deffensores: e nesta derradeira qualidade cabees vos, a que nom abasta deffender-des vosso povoo do mal, mas ainda é necessario que offendaaes e impunees os maaos: e esto per justiça e per armas; e sera por justiça, honde vossa jurdiçom e obediencia se ostende: mas per armas, soamente se entende contra Mouros, que verdadeiramente sam dictos maaos, pois que a verdadeira Fee nom tem, nem querem teer, e injustamente possuem a Terra do Senhor, a que nom conhecem nem dam os dinos Louvores que devem. E se contra Christaaõs de Directo nom podemos, e contra Mouros, por razom, nom devessemos fazer guerra: certo, Senhor, vosso officio de Deffensor cessa, porque assy comõ os Lavradores, sem lavrar, e os Oradores, sem Ordens e Beneficios, nom podem viver, nem directamente se chamar de taaes nomes: assy a vida dos Deffensores, que he sua honrra e fama, sem directa guerra, nom pode muyto durar; pelo qual, nom comprindo ho Officio que vos he dado, nom mereceriees ho galardom que vos nosso Senhor, por elle, promete, quando dýz: *Quem quizer vyr a pôs mim, negue sy mesmo e tome sua Cruz e siga-me.* E esta empresa de

tantos trabalhos e perigos, que por a Sancta Fee querees tomar: he verdadeira Cruz que avees de levar, com a qual negaaes a vos mesmo, na privaçam das delectaçoes da carne que renunciáis, e seguys o Senhor por limpa vontade, Sancto proposito e meritorias obras, com que, vos e os que vos seguirem, merecerees hir, apos elle, aa Bemaventurada Gloria, que todo boom deve desejar e querer. Item. Senhor. Para creermos que, nesta guerra, Deos he servido e que vós a devees proseguir, nom ey por de pequeno credito a efficacia as piadosas indulgencias que a Santa Igreja, dos Tesouros da Mizericordia, por remission dos pecados, nesta guerra outorga: e os evidentes milagres que Nosso Senhor, por salvaçom dos que a seguem, mostrou e, cada dia, mostra e faz. E quanto aa segunda parte da honrra, certo, Senhor, a mim parece os que em vosso Estado e preminencia sam postos, nom pode, quanto aa bemaventurança deste mundo, seer dictos boõs e honrrados, se honrra de Cavalaria, per seus degraaos e merecimentos, nom alcançam: a qual directamente, sem guerra ou peleja, se nom pode aver; e ainda, quanto esta for de moor difficultade e mais perigosa, tanto sua vitoria será mais estimada e louvada, e os que ha ouverem, de moor honrra e louvor; pollo qual, Senhor se nome de boõ e honrra desejaes, como he razam e vos obriga o Real Sangue que teendes e de que decendees, buscay e teende guerra. E porque agora contra Christaaõs não teendes, louvado seja Deos, justa querella de guerrear, contra Graada, por sua conquista pertencer a ElRey de Castella, nom tendes justiça: certo nom ha outra no mundo mais razoada, conveniente e legitima que a de Bellamarim que he d'Africa; a qual, por ganhar-des nome de boõ e honrrado, a honrra vos aconselha que a devees proseguir. E quanto he aa terceira

causa do proveyto, certo, Senhor, a mim parece que pouco proveytoso he a ninguem esconder e guardar Tesouros, que em fim logo de huuã maneira, ou de outra se perde; porque a moeda de sua condiçam, ou per ventura, pollo azougue com que he mesturada, com hum pequeno movimento de guerra, ou alvoroço de festas, ou outras taaes vaydades, asy se vay toda em fumo, que della outra cousa nom fica se nam os sacos vazios e çujos. Mas o grande Tesouro licito e proveytoso, que hum leal coração deve procurar, asy he, aver grande terra com muyta gente e nobres Cidades, Villas e Castelllos; e isto se nom pode conseguir, salvo per huuã de tres maneiras, a saber, ou per doaçom, ou per compra, ou per força e tomadia: e por doaçom, he caso desesperado, porque já nom ha tanta nobreza nos Reys e Principes, por muitos Regnos e Principados e Senhorios que possuam, que nom queiram ante o alhêo, que dar ho seu: e per compra, nom he para teer esperança, porque os Tesouros deste Reyno nom abastariam pera compra de grandes Terras e Senhorios. Pois, Senhor, nom vos fica outra em que possaes esperar, se nam ganhar-des as terras per vossas armas e força: e para isto pois, as dos Christaaõs e amigos nom devees, nem as outras mais pertencentes, como já disse, que as dos imigos e Infiees d'Africa, cuja guerra devees proseguir; ao que se poderia dizer, pera o contrariar, que este proveito, em fim, se converteria em conhecida perda, por sêmos poucos e nom mui ricos e mal aparelhados, e querer-mos conquistar gente infynda, rica, manhosa e esforçada: e que, em caso que Deos nos desse poder e forças para os desbaratar e tomar seus lugares e terras, com que as povoaria-mos, ca nos vencidos, quanto mais Infiees, nom era pera ter esperança, cuja Ley, costumes, lingoa e modo de viver são taõ contrayros a nós, a que por odio

natural nunca obedeceriam. A esto, Senhor, responderia, que os que, com taes razões, este proposito contrariassem, nom crêo que dos grandes e semelhantes factos, que no mundo passárom, ouvessem conhecimento e noticia; porque certo he, que no Regno de Macedonia, com que Alexandre soamente emprendêo a Conquista de toda a redondeza do mar e da terra, e a sojugou, nom avia gente, forças e riquezas que fosse siso, nem razom cometêlla; e porêo o esforço e ousadia de hum coração gentio e infiel, abastou soamente pera yssô; e Roma que do mundo foi senhora pacifica, sabido he, com quam pouca gente e riquezas, os Senadores della começaram seu Senhorio. Mas a fortuna, porque, aalem da muita prudencia com que governavam, lhes achou grandeza d'animo pera cometer, os ajudou e prosperou como sabees. E, pera nom buscar e trazer exempros alhêos e emprestados, certo he que ElRey nosso Senhor e Padre, cuja alma Deos aja, se, com a Cidade de Lisboa e com ajuda d'outros poucos boôs servidores, todo ho outro podêr d'Espanha, per batalha, nom cometêra, por ventura oje nom pessuires os Regnos que possuis. Pois, Senhor, menos devees desta emprêsa desistir, por ser-mos pobres: ca hos abastados nas necessidades e contentes das vidas que teem, nom-buscam, com suor e trabalho, os aveeres estranhos; mas os, que das proprias riquezas som mynguados, procuram, com moor cuidado e mais diligencia, as alhêas; e esta cobiça que, sem resistencia, rompe ha fortaleza dos Mouros, e sem mêdo se pooem ás pontas das lanças, muito he necessaria pera tal facto: yssô mesmo, por ser-mos d'armas e artelharias mal repayrados, nom he, pera vosso caso, pejo que embargue; porque os contrayros que teemos em nossa contenda, ho sam muyto pyor que nós: ca nom soamente carecem das armas, mas muyto

mais do exercicio dellas, de que lhe teemos grande vantagem. E assy digo, que sua diversidade de Ley, custumes e linguagem, nom impidem, para vencidos obedecerem; porque assi ho eram, quando no tempo d'ElRey Dom Rodrigo a Espanha ganhárom (1<sup>1</sup>), e por yssso nom ouve Christaão, dos que sujuguáram, por muyto aborrecida que a Aravia lhe fosse, que ha nom entendesse pera obedecer e servir no que lhe mandavam. Pollo qual, Senhor, parece que a honrra por estas razões conselha e aprova esta guerra, pera a aver-des de proseguir, e aalem da fortuna, achando-vos ousado, vos ajudará ainda quem tal fecto, com boa esperança e limpa vontade, cometer. Claro é que, no cuidado, regimento e ordenança delle, averá grande prazer, e na vitoria e prospero effeito, averá muyto mayor; e perdendo nelle as vidas, com tençom de servir a Deos, ganharóm logo outras que seram pera sempre mais vivas, avendo aquelle supremo prazer e deleitaçom da Vysom de Deos, sobre que nom ha outro. Fiz, Senhor, estas duas proposiçoens e pesos de pro e contra, a que neste caso trouxe aquellas cousas que ho grande amor que vos tenho m'ensinou, cuja determinaçom leixo a voos que soo no mundo, por fee, siso, bondade e discripçom, devyees pera yssso ser escolhido e nomeado: poendo-as nas balanças de vosso santo proposito e claro juizo. E encomenday-vos a Deos e aa Bemaventurada Virgem Maria, sua Madre, e ao Anjõ Saõ Myguel: para que carreguem, nestas cousas que disse, sobre a que for mais seu serviço, pera essa seguir-des; porque em qual destas me affirmaria, leixo por agora de ho escolher e determinar. Fique, como disse, a determinaçom a vós, a que, nysso e em todo o que mandar-des, voos ey sempre d'obedecer e servir lealmente.

## CAPITULO XVIII.

*Do voto e conselho, que ho Conde de Barcellos, irmaaõ natural d'ElRey, lhe deu sobreste caso da passagem.*

COMO ho Infante D. Joham se calou, ho Conde de Barcellos disse seu parecer, nesta maneira: « Senhor. Ho Ifante Dom Joham teem, com muyta agudeza e grande prudencia, dito todo o que neste caso, pera o corpo e pera a alma, e pera a honra e proveyto, e pera este mundo e pera o outro, se pôde, por huma parte e por outra, nelle dizer; e porêm, como quer que as quatro razoens, que polla honra derradeiramente propôz, sejam assás frolidas e aparentes, e tenham coor de verdadeiras, eu me affirmo nas outras primeiras quatro do siso; porque nellas ha froll verdadeira sem fingimento, e fruto de gosto sem amargura nem contradicho: pellas quaaes, de meu conselho e parecer, digo que esta guerra nom deviees por agora seguir, e perdoe-me vosso appetito e vontade, se os contradigo; porque do siso e da verdade e da honrra, aconselhando-vos desta maneyra, sey que serey bem relevado, e em nenhuma cousa reprehendido ».

## CAPITULO XIX.

*Do voto e conselho que ho Ifante Dom Pedro deu a ElRey, contradizendo a hida d' Africa.*

HO Conde como acabou seu voto, o Ifante Dom Pedro começou o seu nesta maneira: « Como quer que em totalas cousas, muito Excellente

Principe, eu tomaria por mais proveyto e moor segurança pera mym, antes vos obedecer e servir, que aconselhar: muyto mais e de melhor vontade o faria neste fecto, em que a determinaçom, segundo vejo, vay jaa diante do Conselho: o que, nos semelhantes fectos e que tanto relevam, nam devia asy de ser; porque neste negocio, pella casa que jaa teem fecta em vossa vontade, certo he, que quem vos nelle aconselhar em contradiçom, mais poerá escandalo, que contentamento em vossa alma: e que isto em todos seja geeral, sabeí que, nos Reys e Principes, he proprio e especial. E porque isto me parece mais comprimento que se faz a nossas pessoas, que necessidade de nosso Conselho neste fecto: e tambem porque sey, sendo eu fóra deste Regno, que Vossa Merceê em vida d'ElRey meu Senhor e Padre, que Deos ajaa, teendo com meus irmãos e sobrinhos sobre este caso conselho, fostes aconselhado que esta guerra se nom devya fazer: certo por estas duas razões assás amoestado era não dar-vos; mas ha hy outras duas que, com mayores forças, me constringem que ho faça; aa huuã he a grande fee e muyta lealdade que vos devo, em quanto na terra soees meu Supremo Rey e Senhor: e a outra ho singular e verdadeiro amor que vos tenho, que me obriga, pospostas todas contrariedades e paixoens, que muy desenganadamente vos diga, de fóra, o que a alma verdadeiramente me dentro sentir que seja vosso serviço, honrra, e acrecentamento de vosso Estado. Pollo qual, Senhor, obedecendo ao que neste fecto me mandaaes, digo que ja nom faço duvida em seer bem e serviço de Deos, os Mouros imygos da Fee serem guerreados, com tanto que este bem nom traga consigo danos e males muito maiores: e despoerdes-vos a elles, por servir a Deos e acrecentar em vossa honrra, logo em meu juizo o despensaria, se o podessees fazer.

E ho poder nom tomo aqui por mais, que se tevessees dinheiro, que he nervo principal e parte formal deste negocio, pera soprirdes vossas despesas e a provisam necessaria aos que nelle vos ouvessem de servir; mas eu, como dizem, ladrom som de casa, onde sey que ho nom ha vosso: pois de vossos povooos, sabeo que, pera guerra taõ voluntaria, pubrico nem secreto o nom podees tomar, sem grande cargo de vossa consciencia, o que naõ devees de fazer. E pera mudardes moeda em vosso proveito, com dano de todo vosso Regno, nom podees como Rey: pois nom devees, como justo e Christaaõ; assy que este, como cimento principal da passagem, fallece. Mas, posto caso que passasseis e tomassees Tanger, Alcacer, Arzila, quera, Senhor, saber que lhe fariees; porque povoardelas com Regno tam despovorado e tam minguido de gente, como he este vosso, he impossivel: e se o quisessees fazer, seria torpe comparaçom, como de quem perdesse boa capa por maaõ capêlo; pois era certo perder-se Portugal, e non se ganhar Africa. E para os destroydes, ou fazerdes guardar com atalhos, parece-me que seria pubricardes, sem encuberta, vossa mingoa e fraqueza: e mais non dariees com isso boom exemplo aos Infiees, pera de suas vontades se converterem á nossa Fee, quando vissem seus Logares, chêos de Misquitas, prosperados em seu poder, e no nosso com nossas Igreijas, logo despovorados e destroydos; porque se vós, Senhor, tevesseis esta conquista d'África, como Castella tem a de Grada, em que cada Lugar de Mouros que se toma, se faz logo defensam e recebe emparo d'outro de Christaaõs, seu vezinho, avelloya por bem; mas vós naõ podees aalem tomar Logar, em que possam viver homees vossos, que, com temor dos imigos, ousem sair fóra, nem aproveitar a terra. E isto, Senhor, causa nom teerdes, nem poderdes

laa teer ho Senhorio do campo, sem ho qual, toda conquista será, com razom, de muito perigo e pouco proveito. E bem crêo eu que os Reys destes Regnos vossos antecessores, segundo eram muy ricos e muy poderosos e de valentes coraçoens, e dos imygos da Fee proprios perseguydores, nom lhes passára esta empreza pollas memorias, se nella nom viram mais destroyçom, que acrecentamento de seus Regnos; porque, como prudentes, esguardariam que ho Principe ou Senhor, para conquistar Regnos estranhos, de necessario ha mester poder, com que se faça Senhor dos campos, pera os livremente correr e se aproveytar das preas e despojos delles, e, com pequeno poder, nom se devee fiar em palanques nem artelharias, que convêm mais pera segurança dos Conquistados, que pera honrra nem proveito dos Conquistadores. E esta gente, que ordenaaes, se vay tomar algum Lugar de salto, como alguns fizeram, he muy perigosa ventura: ca, pera se fazer com honrra, proveito e segurança, convem outros ro-dêos e cautellas secretas, pera engano dos imygos, de que nom usaaes: e por este soo caso, aalem d'outros, vos averia grande recêo. E pera cercarem Tanger, certo, Senhor, he cometimento muyto para temer; porque a Cidade he grande e povoada de muyta e nobre gente, e a vossa, aalem de nom ser abastante pera a cercar toda em torno, ainda nom he poderosa de resistir e se defender dos cercados, quanto mais dos Mouros de fóra, que vierem em seu socorro: o que, segundo esta passagem se divulga, non faço nisto duvida, antes me affirmo que, de Tripoly e da Berberia atee Meca, naõ ficará Mouro de peleja, que hy nom venha disposto pera morrer; e assy os nossos cercadores se achariam cercados, cujo socorro a vós e a vosso Regno seria muy duvydoso, ou per ventura impossivel; porque avia de ser, quando

fosse com frota, dinheyro, artelharias e armas, que vós nom terees mais das que mandardes: e sobre tudo per maar, que nom tem certidam nem prazo. E, para a tomarem salteada, nom he d'esperar que d'armada tamanha e tão pubrica, da que he para Africa, nom sejam os Mouros bem avisados e, atee saberem ho fim della, que nom estom, pera defensom e offensom, bem percebidos e aparelhados: mais para dar, que pera receber dano. E aquy, Senhor, nam me esquece o que, pera contrariar estes recêos, se pôde dizer: a saber, que ho preço da grande honrra he soamente trabalho e grande perigo, e que os notavees e honrrosos factos nom se acábaram nunca, sem muyto risco e grande ventura. Mas a isto, Senhor, digo eu, que ho tal aventurar nom ha de ser de todo posto em ventura, specialmente pera quem livremente vay cometer e nom he cometido; mas ha de teer tanta parte na razom e boa prudencia, que nella logo se veja clara esperanza do prospero socedimento: e pera esto, ao menos, a vós converya estardes primeiro ao exame com vossos imygos, pera, em vosso alto juizo e conselho, cotejardes vosso poder, gentes e forças com as suas, e asy estardes aa conta com vossa fazenda, Regnos e Vassallos; pera saberdes ho sofrimento e ajuda que vos farom, e como vo-la farom. Ca per maneira querees fazer esta passagem, que a guerra della, ante que a façaaes aos imygos, ficará primeyro com vossos Vassallos e naturaes? E eu, Senhor, ey esta empresa d'Africa e Bellamarim por tam ardua e difficultosa, que a vós, e aos Reys d'Espanha todos juntos com vosso poder e postos em hum acordo, daria bem que fazer: quanto mais a vós soo, que ainda que a conquistassees, nom teriees gente com que a povorassees e sostevessees, nem fortalezas em que a deffender. Pollo qual, Senhor, concrudo que meu parecer he, que

agora nem em algum tempo, Vossa Mercee nom se deve entremeter nesta guerra d'Africa, pera nella procurardes de ganhar mais do ganhado; porque, esguardadas bem suas condições, e degrãos porque a ella vão, certo a meu juizo, nom he ser-vyço de Deos, nem proveyto, nem honrra d'al-gum: antes ho contrayro disto nella se offerece a todos muy manifestamente; e pois aqui, Senhor, ho principal intento he servir a Deos, peço-vos por mercee, que saybaaes como ho devees fazer, e nom como querees ou podees.

## CAPITULO XX.

*Como pareceo que ElRey queria estar pollo con-selho do Ifante Dom Pedro, e da consulta que por isso fez ao Papa, e da reposta que lhe veeo; e como ELREY em fim non leixou de proseguir e aviar a armada para a passagem.*

ELREY tynha ho Ifante Dom Pedro e seu saber em grande reputaçom e auctoridade, e nom era sem causa; porque neste Reyno e nos estranhos, honde andára (<sup>12</sup>), asi fora de todos estimado; e por tanto, ouvindo seu voto, em que de todo contrariou a ida dos Ifantes, foy a elle muyto inclinado, e pareceo que queria estar por elle: es-picialmente, antre os muytos inconvenientes que nysso avia, lhe mordeo muyto a consciencia os pe-didos que pera ysso lançára; porem, pera com mais descargo e segurança saber o que devia fazer, e porque tambem assy foy acordado, escre-pveo logo ao Conde d'Ourem, que ainda do Con-

cilio de Basilea nom era vindo, que, pelo Doctor Vasco Fernandes, fezesse prepoer e saber do Papa e Cardeaaes se era licito fazer guerra aos Infiees e lançar pera ella pedidos aos povooos, com mostrança e fundamento que, por esta determinaçom, ElRey esperaria atee entom com seu proposito. Ho Conde d'Ourem era ja em caminho pera este Regno, e delle se tornou com este recado ao Papa Eugenyoy, que era em Bolonha: e prepostas em Consistorio estas perguntas, depois de se aver sobrisso madura deliberaçom, lhe deram a resposta per escripto, nesta sustancia: » Que os Livros dos » Sanctos Canones, perque a Sancta See Aposto- » lica se regia, ElRey em seus Regnos os tinha, e » assy Leterados que os bem entenderiam, eom » quem neste caso se devia aconselhar; e com » tudo, satisfazendo a seu desejo, lhe deziã bre- » vemente que, se a questom era dos Infiees que » ocupam as terras que foram de Christaaõs, em » abatimento da Religiom Christãã, tornando-o as » Sanctas Igrejas em malditas Mizquitas, e fazendo » outras abominações: a estes nom era duvida, » com auctoridade do Papa, poder-se e dever-se fa- » zer guerra; e que os Doutores Theologuos, por » mais segura cautella, deziã neste caso, que os » imygos devyam pelos Christaaõs primeiro ser » amoestados e, se podesse seer, convertidos per » pregaçooens e per exempros de boa vida, e que, » quando em suas contumacias as palavras Sanctas » os nom commovessem, com armas os poderiam » forçar, ou guerrear. E, se por ventura a ques- » tom era dos Infiees que ocupam as terras que » nunca foram de Christaaõs, que, em tal caso, » se fazia destinçom: que ou elles faziam dano e » nojo aos Christaaõs, ou nam: e se ho fazem, » que licitamente lhe podiam fazer guerra, e se o » nam faziam, que directamente lha nom podiam » fazer; por que ha terra e abundança della he do

» Senhor, que faz nacer ho Sol sobre os boõs  
» e maos, e da de comer aas Aves do Ceeo : salvo  
» se fossem ydolatras ou pecassem contra natura,  
» ca entom poderiam ser punidos ; porque a Ley  
» da natureza, manda adorar hum soo Deos, que  
» assy punio Sodoma e as outras Cidades, posto  
» que fossem gentios. E que, em qualquer caso  
» que ho Principe possa fazer guerra aos Infiees,  
» devee ser com piedade e discriçom, e que nom  
» desponha o povoo Christaaõ a manifesto perigo,  
» sem evidente necessidade ; porque, se per sua  
» sobeja audacia ou maa providencia se seguissem  
» mortes e dãos, gravemente pecaria : mas quando  
» ho Principe fizesse o que devia, e provesse os  
» casos que podessem acontecer, e seu povoo  
» aventurasse, honde fosse tempo e lugar e com  
» razom : em tal caso, posto que per desventura,  
» ou per juizo escondido de Deos, ou per algum  
» caso nom cuidado percesse muyta gente em  
» guerra justa, nom pecaria ».

E quanto era, se ho Principe podia lançar pedido a seu povoo, pera fazer guerra justa a Infiees, se respondeo : » Que ho Principe, segundo » directo, pode em duas maneyras fazer guerra » justa : huuã he justa necessaria, que se faz para » defensom da terra : e outra justa voluntaria, para » conquistar terra de Infiees ; e que a guerra ne- » cessaria podia ho Principe fazer aa custa de seu » povoo : mas a guerra voluntaria não podia, » nem devia fazer, salvo aa sua propria despesa ; » porque ainda que do mal muytas vezes naça » bem : assi como do pecado d'Adam, a Encarna- » çom do Filho de Deos : porem contudo o mal » se nom devia fazer, com fundamento que delle » naceria bem ; e que por tanto ElRey, para esta » guerra d'África nom devia lançar pedido a seu » povoo, posto que, com ho dinheiro della, espe- » rasse ganhar toda Africa ».

Acabando ElRey, per Agosto, estes conselhos em Leyrea, e assi despachando pera Roma os Avisos que disse, se tornou, no Setembro logo seguinte, a Torres Vedras, onde ha Rainha ficava: e aos dezoyto dias delle do anno de mil quatrocentos e trinta e seis, pario huuã filha, que chamaram Dona Lyanor, que depois foi Emperatriz d'Alemanha. E como quer que ElRey em Leyrea mostrasse desejo e teençom, a cerqua desta passagem, veer primeiro a determinaçom do Papa: porem como foy com a Rainha, ou por cumprir o que lhe requireo, ou por satisfazer a promessa dos Ifantes sem embargo, lembrança dos Conselhos passados e do que mostrou que queria esperar, determinou poer em effecto seu primeyro proposito; e a reposta do Papa, que atras fica somada, por vir a tempo que o fecto era já chegado aa concrusom, nom foy soomente bem vista: de que ElRey foy de todos muyto prasmado, por teer conselho e pedillo a taaes pessoas, de cousa em sua vontade determinada e que, por contrariada que fosse, ja nom avia de leixar de fazer. E deste erro se guardem muyto os Reys e Principes, como de certa queda de Regnos e Senhorios; porque da culpa que ElRey neste caso teve, vimos que a morte, com door e tristeza, segundo a opiniam dos mais, lhe deu depois a paga, como a diante se dira. De Torres Vedras partio ElRey teer o inverno a Santarem, nom cessando de dar á armada todo possivel avyamento: ca huuã parte della se aparelhou e fez prestes na Cidade do Porto, para o Conde d'Arrayollos e os Fidalgos e gente daquella Comarqua nella embarcarem: e a outra em Lixboa, onde ElRey, passada a Pascoa do anno de mil quatrocentos trinta e sete, se foy de Santarem, pera a fazer melhor despachar.

## CAPITULO XXI.

*Como os Ifantes partirom de Lixboa, e do Regimento particular que ElRey deu ao Ifante Dom Anrrique, e como chegãrom a Cepta, e do que logo fezerom.*

**S**EENDO os Ifantes prestes em Lixboa com sua frota, gente, armas, mantimentos e artelharias, aos dezasete dias d'Agosto do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos trinta e sete, foy ElRey e os Ifantes e toda a outra nobre gente da Corte, ouvyr Missa muy solepne, aa See: e como foy acabada, o Bispo d'Evora, Dom Alvaro d'Abreu, assy revestido em Pontifical como a disse: e ElRey e os Ifantes sayrom da See, em muy devota procissam: e o Bispo levava a Bulla da Cruzada nas maaõs, e diante delle, hum Cavalleiro armado, com a Bandeira de Christus; e foy assy todo levado atee a Nao Capitoa, que estava davante a Cidade, honde ficou entregue ao Ifante Dom Anrrique. E, despois de muytas Orações se dizerem e se fazer absoluçom plenaria, se volveo a procissom: e ElRey ficou na Nao, honde comeo aquelle dia, e os Ifantes com elle; e a frota logo se moveo toda pera Restelo, e se fez prestes com as vergas altas. E, aos vinte e dous dias d'Agosto, foy ElRey ouvir Missa a Sancta Caterina de Riba Mar, onde os Ifantes sayrom dos Navyos pera elle: e, acabada a Missa, ElRey se foi a Nao do Ifante Dom Anrrique, onde comeo, e com elle seus irmaaõs, e despois de comer, ElRey se despedio delles com muytas lagrimas que ouve nos olhos de todos, e lhe beijarom as maaõs, e os enviou com a bençam de Deos e a sua. E

em se querendo ElRey recolher ao batel, para sayr em terra, chamou o Ifante Dom Anrique e lhe deu hum regimento scripto todo de sua maaõ, aãlem do outro geeral seu, que levava : o qual, sobre todo, lhe encomendou e mandou que guardasse ; e ho Ifante o tomou e leeo logo perant'elle, e prometeo, quanto lhe fosse possivel, de ho cumprir ; e dezia desta maneira : » Irmaaõ. Como, prazendo a Deos, chegardes a Cepta, logo me escre- » vee ; porque, por mar e por terra, poerey taaes » paradas perque cada dia possa aver boas novas » e recados de vos. E, como hy fordes, da frota, » que levaeas, farees tres partes, e em cada huuã » meterees a mais pouca gente que poderdes : a » huuã destas partes enviarees sobre Alcacer, e a » outra sobre Tanger, e a outra sobre Arzilla ; por » tal que huns, com receo della, por se segurarem » nom ajam razom de socorrer aos outros. E como » aa frota derdes este aviamento, ordenay logo » toda a outra gente por terra, com aazes regra- » das, enviando diante quinhentos ginetes que, » legoa ou mea, como melhor virdes, vaaõ diante » pelos portos mais seguros que souberdes, atee » serdes sobre este lugar ; porque, como fordes » sobr'elle, segundo a muyta artelharia e boõs » aparelhos que levaeas, logo, com a graça de » Deos, som seguro de vos e de vossa gente. Ou- » tro sy poerees vosso arrayal sobre este lugar, » com duas pontas que venham beber ao mar : e » se a gente nom for tanta, que pera isso abaste, » toda via, huuã das pontas do arrayal venha ao » mar : pera da terra daaquem poderdes aver re- » fresco, mantimentos e socorro, e terdes seguro » recolhimento, se vos cumprir. E como assentar- » des vosso arrayal, dahy a tres dias, vos traba- » lhaae de combater o lugar muy rijamente : e se » deste primeiro ho nom poderdes tomar, dahi a » outros dias, o tornay, com todas forças e aperto,

» a cometer: e se deste segundo combate se vos  
» defender e o nom tomardes, dhy a outros dias  
» que vos bem parecer, com muita força e grande  
» determinaçom, ho cometee; e se volo Deos der,  
» como nelle espero, ficarees nelle, com aquella  
» gente que razoadamente abastar pera ho defen-  
» derdes, e a outra me enviae com a frota, por  
» escusar a grande despesa que faz com seus fre-  
» tes. E, se do terceiro combate o nom poderdes  
» tomaar, nom estees mais sobr'elle, dia nem ora,  
» e recolhee-vos logo, com toda vossa gente, aa  
» frota, e vinde-vos a Cepta, onde me esperarees  
» atee ho Março que vem; porque, prazendo a  
» Deos, entom hyrey com quantos ha em meus  
» Regnos.» Este Regimento encomendou ElRey  
ao Ifante, que leesse muytas vezes e nom sahisse  
dellee: e o Ifante lho prometeo, como se a tras  
disse. E acabado, porque ho vento era boom, ho  
Ifante mandou levar as ancoras e desfraldar a frota,  
e seguyo sua vyagem, que acabou em quatro  
dias; porque aos vinte e sette dias d'Agosto, a  
oras de gentar, chegou a Cepta (de que ainda era  
Capitam Dom Pedro de Meneses, primeiro Capi-  
tam della) onde achou já ho Conde de Arrayolos  
e outros Fidalgos, que com elle embarcárom no  
Porto. Sayrom os Ifantes dos Navyos e se foram  
logo drectamente aa Igreja de Sancta Maria d'A-  
frica, onde estiverom em vigilia e devaçoens, a  
parte daquelle dia e nocte: e a outro dia ouvyr-  
rom Missa e se foram aposentar aa Cidade, donde  
no outro dia, com toda a gente, sayrom em muy  
solepne procissom, e ho Bispo d'Evora em Pon-  
tiffical, e foram aa Ribeira tirar da Nao a Ban-  
deira de Christus e d'ElRey, e as trouxerom, com  
grande solenidade, a Sancta Maria a Mayor, onde  
ho Bispo, por guarda e devaçom, com toda a  
Clerezia da Oste e Cidade, ficou aquella nocte.  
E a chegada dos Ifantes nom foy tam secreta, que

logo nom fosse muy divulgada, especialmente peras terras e moradores daquellas Comarquas mais chegadas a Cepta. E estes temerosos do dano que podiam receber, ora ho Ifante estivesse na Cidade, ora passasse em Tanger, como ja antre elles era certificado: por se segurarem, enviaram logo ao Ifante Dom Anrique seus Alfaqueques, pedindo-lhe paz e offerecendo-lhe especificados tributos d'ouro e prata, gados e pam; e o Ifante, como magnanimo e de virtuoso coraçom, lhes disse: como quer que passasse naquellas partes, mais por fazer guerra aos Infiees, que por lhes dar paz: porem, porque a elle nom convinha mostrar suas forças contra hos vencidos e sogeytos como se faziam, que lhe prazia recebellos por Vassallos e servidores d'ElRey seu Senhor; pollo qual fez com elles contrato acerca dos tributos e pagas delles, em que soamente entraram os de Benamade; porque com os da terra d'Alfageja e os das Cabillas de Beneigem e de Beneguym, como quer que ho requeressem, nom se concertou.

## CAPITULO XXII.

*Como ho Ifante fez alardo, e da pouca gente que achou, e como foy aconselhado que nom cometesse ho cerco de Tanger, e ho nom quiz fazer.*

**E** PORQUE o tempo se chegava pera o Ifante proseguir o fim porque alli fora, fez alardo per sy a toda a gente de sua ordenança, e ainda não achou compridos dous mil de Cavallo e mil Beesteiros e tres mil Piaaes: donde, pera comprimento

dos catorze mil homens que lhe foram ordenados, falleciam oito mil: e a causa de tamanha quebra nom foi huuã, mas muytas; porque a gente do Regno, que foi percebida, ouve esta hida por tam pezada, que a mais quiz encorrer nas penas, de perderem as fazendas, que lhes foy posta, antes que se riscarem de perder com ellas as vidas: e principalmente ouve grande fallecimento de dinheiro; porque ha fazenda d'ElRey, nem os pedidos nom abastarom, nem o dinheiro dos Orfaaõs, que se mais pera isso tomou: e tambem deu grande torva a myngoia dos Navios que fallecerom nos fretes, que com os Feitores d'ElRey tynham contratados; porque os de Frandes e Alemanha foram impedidos por guerras que antre sy aviam, e os de Bizcaya, por defesas dos Officiaaes d'ElRey de Castella que ho contrariãrom. E esta gente e frota, ao tempo que hos Ifantes partiram de Lixboa, bem pareceo, que com a do Porto mais nom era abastante para o fecto que se emprendia: e, pera mais ajuda e moor sofrimento disso, foy acordado que a gente, a que no Reyno fallecesse embarçaom, fosse per terra ao Estreito de Gibraltar, te aly em alguuã maneira passariam: pera que se ouve consentimento e mandado d'ElRey Dom Joham de Castella. Mas o Ifante Dom Anrique creendo que a mais da frota, com que avia concerto de fretes, toda via vyria e a gente poderia com tempo passar, e des hy por inconvenientes e difficuldades que se poz a passagem por terra, receando principalmente impedir-se por yssosua ida, elle a apressou, como se disse, parecendo que ho fazia mais com apetiçom, que por razom; pollo qual veendo em Cepta tanta myngoia de gente pera tamanhas forças contra que era sua tençom e contenda, teve conselho sobre o que faria: e os mais de todos lhe conselhãrom que, atee ho notificar a ElRey, devia sobreseer e nom cometer

cousa tam duvidosa e de tanto perygo, e que, em tanto, poderia fazer aos Mouros a guerra e dano que lhe bem parecesse. Mas ho Ifante, seendo de contrayra opiniam, disse: « Bem sey que, pera tam grande fecto, esta gente he assas pouca: mas parece que Deos ordena e ha por bem que nos, assy como aquy aportamos, tomemos por seu Serviço este trabalho, pera mais acrecentamento em nossas honrras e, ante elle, mayores merecimentos; e por tanto avee por certo que, ainda que menos gente tevesse, eu nom estaria nesta Cidade, pella maneira que me aconselhaaes, nem leyxaria de proseguir o fecto pera que venho ».

### CAPITULO XXIII.

*Como ho Ifante mandou fazer os caminhos que atravessam a Ximeira, para hir a Tanger mais directo, e o enconviniente que ouve a se nom fazer: e como o Ifante partio de Cepta e foi per Tutuaõ e Val d'Angera atee Tanger, e na ordenança em que sayo e foy.*

**P**OR quanto ho caminho para Tanger se encurtava mais, atravessando a Serra da Ximeira directo a Alcacer e era muyto fragoso, pollo fazer seguro e despachado, ho Ifante mandou Joham Pereira com mil homens, antre de cavallo e de pee, atentar de ho fazer. E sobre o Porto da Calçada, que he caminho d'Almarça, ouve com hos Imigos peleja assas perygosa e travada, em que o Capitam dos Mouros, que se chamava Jaalle, sobrinho

de Focem, Alcaide d'Alcacer Ceguer, foy morto com outros muytos dos seus: e dos Christaaõs morreo hum soo, e foi Ruy Diz de Sousa, ferido com outros poucos; de que veio nova ao Ifante, per rumor nom certo, como os Christaaõs vinham, em desbarato, perseguidos dos Mouros. E, como aquelle a que nom fallecia esforço, acordo e, pera o caso, grande saber, sayo logo com muita presteza e singular ordenança, na quall chegou atee ho Porto do Liam, onde, sem a afronta que esperava, recolheo João Pereira cõ a gente que lhe encomendára: e delle soube como por aquelle caminho, por suas asperezas e resistencia perygosa que tinha e lhe podiam fazer, nom podia passar; acordou, ainda que muyto rodeasse, ir por Almunhacar e a Torre do Negraõ, e des-y a Tutuaõ e des-y pollo Val d'Angera. E, porque ho Ifante Dom Fernando, por ser doente, nom estava em desposiçam de hir por terra, foyse por mar atee Tanger, com a frota. E o Ifante Dom Anrique, Domingo oyto dias de Setembro, despois de ouvir Missa e pregaçom da Cruzada, recebeo com todolos da Hoste, per virtude della plenaria absoluçom: e aa segunda feira logo seguinte, ante manhaã, enviou diante por descubridores, Ruy de Sousa e Gonçalo Rodrigues seu filho, com trezentos Genetes: e como foy dia, ao dar das trombetas, se pos a gente toda em armas, a qual guardou esta ordenança. Sayo logo primeiro ho Conde d'Arraiolos, sobrinho do Ifante, com a avanguarda e, apos elle, a carriagem: e estas em sahir pose-ram atee meo dia: e, apos elle, veo Dom Fernando de Castro, Governador da Casa do Ifante Dom Anrique, e seus filhos Dom Alvaro e Dom Anrique, que com sua gente levavam a ála derecha: e, logo apos elle, Dom Fernando ho moço, Veeador do Ifante, que per alcunha ho chamárom Çagonho, que levava a ála ezquerda: e apos este,

saio a Bandeira do Ifante, que levava Ruy de Mello, que despois foi Almirante, ho qual esteve quedo fora da porta, esperando a Bandeira d'El-Rey, com que logo sayo Dom Duarte de Meneses, como Alferez Moor, em nome do Conde Dom Pedro seu Pay que ho era: e, apos ella, sayo a Bandeira de Christus, em nome da Cruzada, que levava Joham Falcam: e, apos ella, sayo logo a Imagem de Sancta Maria, e a Imagem do Condestabre Nun'Alvarez, e o Vulto d'ElRey Dom Joham, e logo ho Lenho da Vera Cruz: e, com estas reliquias e devações, sayo ho Bispo d'Evora bem acompanhado de suas gentes e de muytos Religiosos que alli eram: e derradeiro de todos sayo ho Ifante, com sua batalha, que seguyo a gente que disse, atee ho Paul, que sam quatro legoas de Ceita, onde se alojou. E aa terça feira, na mesma ordenança, partio e foi assentar seu arrayal em Tutuaõ, junto com os muros, da parte de fora: ho qual era despovorado; porque avia poucos dias que Dom Duarte de Meneses, per aviamento do Conde seu Pay, fora sobre elle, para por força ho tomar, e a gente nom esperou cerco nem afronta, e Dom Duarte entrou primeiro e leixou-o desportilhado. E aa quarta feira foy repousar a quatro legoas, dentro pelo Val d'Angera, onde se diz a Atalaya do Liam, em que acharom muitas e boas agoas e grande avondança de mantimentos. E aa quinta feira andou outras quatro legoas, pello Valle acima, e se aposentou no cabo delle, em huuã Aldea que se diz a Fonte os Adays, em que acharom grande abastança de provisooens. E, neste caminho atee qui, algum dos Christaõs nom recebeo morte, nem dano: e dos Mouros, que nas Aldeas e pellas faldras das Serras topavam, foram alguns mortos e cativos.

## CAPITULO XXIV.

*Como ho Ifante chegou a Tanger e assentou seu arrayal e do combate e peleja que se logo azou em chegando.*

A Sesta feira, treze dias de Setembro, aballou dalli ho Ifante para Tanger, que eram tres legoas, com sua gente muy regrada, e chegou a Tanger ho Velho, que ja era, como he, despovorado: onde ja achou ho Ifante Dom Fernando com a gente da frota. E depois de avido conselho o que fariam, ho Ifante mandou mover a Hoste pela praya, ao longo do mar, e como passou aalem de huma grande ponte de pedra que hy estava, ordenou suas batalhas e, com grande esperanza de vitoria, mandou desfaldrar suas Bandeiras e fez ally alguns Cavalleyros, e foi assentar ho arrayal, em hum Oiteiro contra ho Cabo d'Espartel, onde estavam grandes Ortas e Pumares, e muitos poços de boas agoas. E, em se começando a gente d'aloujar, sayo huuã voz, com hum rumor sem certidom, que as portas da Cidade estavam abertas e os Mouros fogiam; e a este alvoroco acodiram muytos de Cavallo contra a Cidade, para a entrarem, e cometérom ho fecto muy ardidamente, e se metérom antre o muro e a barreyra, e combatérom as portas tam rija e ousadamente, que de tres juntas que eram, rompéram duas; e a terceira, que se diz o Postigo de Guyrer, cometérom com fogo: e, por ser forrada de ferro e sobrevyr a nocte, nom foi entrada; e tambem porque os Mouros a defendérom mui bravamente. E o Conde d'Arraiolos, per mandado do Ifante, foy recolher a gente que, ally e na porta do Castello e nas ou-

tras da Cidade, estava em combates repartida: em que morrêrom muytos Cavallos e alguns Christaaños, e sayrom muitos feridos: antre os quaes foy ho Conde d'Arroyolos, de huuã sêta por huuã perna, e o Capitam Alvaro Vaaz d'outra per hum braço. E aconteceo neste dia huuã cousa, que pareceo agoyro e nam boõ signal, que foi que, em desfaldrando as Bandeiras, soo a do Ifante Dom Anrique se rompéo, e a levou o vento, atee a áste, em pedaços: sobre que logo ouve murmuraçom que nom dava pera o fecto boa esperança, espicialmente veendo a Cidade tam percebida, na qual estava por Senhor e Capitam Çala Bemçala, Mouro de boom esforço e assas avisado, e com elle sette mil Mouros de peleja: antre os quaaes em espicial, avia muitos Beesteiros de Graada. E, ao Sabado logo seguinte, se acabou d'assentar ho arrayal, com vallo e repairos, como compria: e atee Sesta feira logo seguinte, que erom vinte dias de Setembro, entendeo soamente ho Ifante, em mandar tirar do mar as armas e artelharias e mantimentos que compriam para o combate; nem ouve peleja ordenada, salvo quanto os que sayam, a dar guarda, aviam com os Mouros, que topavam, alguns recontros e pelejas: de que huns e outros nom sayam sem dâno.

## CAPITULO XXV.

*Do primeiro combate que se deu aa Cidade, e como foy repartido.*

**E** a esta Sesta feira que disse, teendo ja ho Ifaute, per conselho, ordenados e repartidos todos os combates e os tiros que, contra ha Cidade, se aviam d'assentar, assy da parte do mar, como da terra, mandou ás trombetas fazer synal de combate. Ao Ifante Dom Fernando foy primeiramente encomendada huuã escala e ordenado seu combate aa porta de Fez: e ao Conde d'Arayolos outra, que ho avya logo de seguir: e ao Bispo d'Evora outra, que avia de combater e entrar a Cidade, per huû postigo que estava no Valle: e a quarta escala ao Marichal a que, junto com ho Bispo, onde ho muro era mais baixo, socedia logo seu combate: e o Ifante Dom Anrique tomou da parte do Castello, onde a mayor resistencia se esperava, e se requeria a principal fortaleza; e levou para isso duas mantas soamente, sem alguuã escala. Começou-se o combate, oras de terça, e por huns e pellos outros com muita ardidez e esforço, que durou atee cinco oras, em que se entrárom logo as barreyras com grande risco, e se combatérom sem proveyto as portas, que pelos Mouros eram ja de pedra e cal fortemente cerradas: e os combates ordenados das escalas naõ aproveitárom aos Christaaõs, nem os cometérom, assi por serem curtas, como por nom aver desposiçam de caminho, perque ao muro podessem chegar; o que foi maa providentia e, nos taaes casos, culpa muyto de reprender. Mas ho Ifante Dom Anrique, vendo que ho cometimento

por aquella vez não socedia como esperava, e que sua gente recebia dos Mouros muito dãno, a fez recolher: de que ficárom atee vinte Christaaõs mortos e quinhentos feridos: e mandou ficar as bombardas e engenhos em seus alojamentos juntos com ho muro donde tiravam, cuja guarda encomendou ao Marichal e ao Capitam Alvaro Vaaz e a outros, que, por estarem afastadas do arrayal e pegadas ao muro, recebêrom dos imigos muyta afronta e trabalho: e elles, na deffensaõ dellas e offensaõ que aos Mouros faziam, dêrom de si claro testemunho de valentes Cavaleiros.

## CAPITULO XXVI.

*Como ho Ifante, para dar ho segundo combate, entendeo em proveer melhor os engenhos e artelharias, e d'alguuãs pellêjas e cometimentos de batalhas, que entretanto se seguiram.*

CONVEO ao Ifante dar grande pressa no corregimento, e emmenda no defecto daquellas escallas e engenhos: e pera yssso enviou logo a Cepa por outras mayores, e assy por duas bombardas grossas, e pedra e polvora; por quanto as que tinha assentadas eram assy pequenas, que nom faziam ho dãno que se requeria. E, em quanto se dava ordem a estas cousas, acertousse Ruy de Sousa e Gonçalo Rodrigues de Sousa, seu filho, e outros, atee sessenta de Cavallo, sayndo aa forragem, recontrárom huuã soma de Mouros, que já eintam mais recreciam, e assy esforçadamente os cometêrom e matárom delles quatorze,

e os mais posérom em fogida. E, em lhe seguindo o encalço, hyndo assy os Mouros vencidos, topárom com outros muytos, que vynham contra ho seu arrayal e em sua ajuda: por cujo esforço e socorro, os fogidos fizeram volta sobre os Christaaõs, que, nom lhes podendo resistir, se retraerom e, por vyrem afiadôs, ante de se recolherem, matárom delles nove: no qual dia Joham d'Albuquerque, em outra parte a que sayo, com salvamento dos seus, matou dos Mouros dez; e assy o faziam outras pessoas que sayam, aa ventura, por esse Campo. E no outro dia, porque os Mouros sobrevynham em grande numero, sayrom fora do arrayal, de Fidalgos e outra nobre gente, atee trezentos de Cavallo, e topárom huuã grande soma de imygos, com que pelejárom muy ousadamente e os poserom em desbarato, matando, no encalço que durou mea legoa, atee cento e cincoenta: e querendo seguylo mais a diante, encontramos com outra infinda gente sua, que vynha de refresco donde, em huuã Serra, tynham seu arrayal; e, por ser em numero muy desyqual, foy aos Christaaõs forçado volver, procurando cada hum sua salvaçom na fogida, de que morreriam atee cincoenta em que entrárom estes Fidalgos; a saber, Dom João de Castro, Fernam Vaaz da Cunha, Gomes Nogueyra, Fernam de Sousa, Martim Lopes d'Azevedo: e Joham Rodrigues Coutinho foy hy ferido, de que veo depois morrer a Cepta: e os outros, que vynham desbaratados, foy ardidamente recolher ho Conde d'Arrayolos, que, com receo do que se seguyo, ja saya darlhes costas e socorro. E neste mesmo dia era fora Dom Alvaro de Crasto, e ho Capitam, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Fernam Lopes d'Ázevedo, com setenta de Cavallo: e, topando com quinhentos Mouros de Cavallo e muytos de pee, pelejárom com elles e, a seu salvo, lhe matárom quo-

renta, e tornarom vitoriosos a recolher-se com ho Conde e com os outros, que dos Mouros vynham bem perseguidos. E pela morte dos Fidalgos e da outra nobre gente, que com elles morreo, ouve no arrayal muyta tristeza: e nestas escaramuças e recontros se passárom, depois do combate, dez dias; e depois delles, em huuã segunda feira, derradeyro dia de Setembro, vierom dos Mouros, segundo ho testemunho dos Alfaqueques, dez mil de Cavallo e atee noventa mil de pee dos Enxouvios, que vynham socorrer a Cidade, e chegárom a hum Outeyro, junto e a vista do arrayal. E o Ifante, veendo-os acordou sair fora e dar-lhe batalha: pera que apartou consigo, em batalhas muy ordenadas, mil e quinhentos de Cavallo, e oytocentos Beesteyros, e dous mil homens de pee; em que eram ho Ifante Dom Fernando e o Conde d'Arraiolos com avanguarda, e assy hyam as alas, na ordenança com que partirom de Cepta: e na reguarda hia ho Ifante Dom Anrique, que diante de si levava a Bandeira d'ElRey e da Cruzada e a Imagem de Nossa Senhora; e assi sayo fora e se poz em determinaçom de pelega, sem os Mouros ho quererem cometer, salvo quanto de huuã parte e da outra se soltárom alguns Cavaleyros, que sem rota huns com os outros escaramuçavam. E, estando assy ho Ifante per tres horas, determinou de os cometer e moveo logo contra elles suas batalhas, hos quaes, com synaes de medrosos, logo volvérom e sem o quererem esperar, se recolhérom aa Serra donde vynham. E o Ifante, depois de star hum grande espaço no lugar, em que os Mouros estavam, se tornou allegre pera seu arrayal; e porem, pelos accidentes que ja vya, ho mandou dhy em diante guardar com maior diligencia. E aa terça feira, primeiro dia d'Octubro, assomárom sobre ho arrayal aquelles mesmos Mouros que d'antes vieram e muytos outros mais:

e ho Ifante, a que ho coração por yssso nom fallacia, sayo fora, na mesma ordenança do dia passado, pera tambem dar-lhe batalha; mas os Mouros, por nom ousarem ou por nom aventurarem entam a certa vitoria, que ao diante esperavam, nom fizeram contra os Christaaõs movimento algum, e se teveram em um teso: contra os quaaes ho Ifante, desejoso ja d'alguuã boa contenda, mandou a seu irmaaõ e ao Conde seu sobrinho, que, com a gente da avanguarda que tynham, fossem a elles, como foram, Bandeiras tendidas; mas os Mouros, veendo esta determinaçom dos Christaaõs, vencidos de medo, leyxárom com desacordo ho Cabeço que tinham, o qual ho Ifante Dom Fernando com esforço tomou: sobre que logo tornou a recrecer muyta mais gente contrayra, com que ho Ifante começou huuã muy brava pelleja: a qual, por a muy desigual multidam dos imygos, nom pode sofrer e, conveo dar-lhe as costas e, com ho melhor tento que pôde, trabalhou de se recolher ao arrayal. E nesta afronta, ho Conde d'Arrayolos, que era em outra parte do cometimento, como acordado Capitam e valente Cavaleyro, acodío rijamente em sua ajuda e socorro, e ambos, desejosos de vingança, fizeram contra os Mouros huuã volta tam rija, que hõs poserom em desbarato, e lhe seguirom ho encalço, atee onde ho outro dia. E morreo ally seu Capitam, que antre elles era pessoa muy principal e de grande estima: e nom seguirom mais ho encalço, por nom fazerem alguuã desordem. E dos Christaaõs, morrérom aquelle dia cinco: e dos Mouros, dezasete.

## CAPITULO XXVII.

*De huuã pellêja que ho Ifante ouve com os Mouros de fora, e do combatee que os da Cidade derom aos do arrayal.*

A quinta feira logo seguinte, tres dias d'Octubro, vierom contra ho arraial os Mouros, que eram ja muytos mais: e, assi como traziam moor ousadia, assi receavam ja menos sua chegada; mas ho Ifante, com a cara tam segura e allegre, como que sempre prometia vitoria, sayo a elles na ordenança primeira, e, por guarda do arrayal, leixou Diogo Lopez de Sousa, e Joham Alvres Pereyra e seu filho Fernam Pereyra, e Lyonel de Lima, e Joham Pereyra, Agostinho e Ruy Mendes Cerveira, e Fernam Lopez d'Azevedo, e Alvaro de Brito: aos quaaes a mesma guarda do arrayal, por aquelle dia, tambem pertencia. E, sendo os Mouros tam chegados, que, antre a praya e as batalhas, aviam ja falla com os da Cidade: porque o Ifante vio que tardava seu cometimento e nam como fora sua mostrança, mandou aas trombetas fazer sinal de pellêja, e fez logo mover as batalhas contra muytos Mouros, que em huum teso estavam: e a ala esquerda, para que, ho Capitam, e Dom Duarte de Meneses se mudaram, foy sobre si da parte do mar: e, antre a ribeyra e esta ala, hya huuã pequena batalha, em que o Marichal e seu filho eram: e o Ifante Dom Anrrique, com a reguarda, ficou na meetade. E, com a voz e nome de Santyago, assi rompérom tam bravamente per todas as partes os Mouros, que hos desbaratárom, e seguindo-os, fezerom nelles grande estrago atee legoa e mea, que durou ho

encalço: ho qual principalmente seguiron os da avanguarda; porque ho Ifante, com a reguarda, sempre ficou com suas batalhas çarradas, com que os esperou e recolheo, atee Sol posto: e se volveo para ho arrayal. E entre tanto os Mouros da Cidade, veendo que ho Ifante com a principal gente era fora e que ho arrayal ficava por isso desacompanhado, abrirom huuã porta, perque vierom sobre elle, e, pellejando muy afficadamente, ho cometérom: mas Diogo Lopez e os outros, que ho guardavam, lhe resistirom com tanto esforço e dãno dos imygos, que nom podendo elles ja soffrer as mortes e feridas que, das armas e tiros de fogo, muytos dos seus recebiam, se recolhérom aa Cidade. E tanto os Christaaõs sam muyto mais de louvar, quanto, ao tempo da moor sua afronta, veendo ja tanta nocte passada, aviam por sem duvida hos Ifantes serem vencidos e desbarátados; porque em lugar de desmayo, como em caso de tanta desesperaçam podia acontecer, elles mostrárom seus coraçõens nom cortados de medo, mas armados de muy novo esforço. Nem padeceo ho Ifante menos agonia, onde andava sentindo a pressa em que os do arrayal estavam: aos quaaes, como quer que enviava recados de boa esperança e grande ousadia, nom socorro em pessoa; porque ouve por menos duvidosa a salvaçam dos Christaaõs que estavam no arrayal, que a dos que em poder dos Mouros ficavam: pelos quaaes ouve por melhor esperar, atee os recolher como disse. E neste dia morrerom muytos dos Mouros e alguns forom cativos: e dos Christaaõs fallecérom soamente cinco. E, durando a afronta deste dia, muytos do arraial, pessoas dinas de fee, certificárom que viram, sobre os Christaaõs, estar no aar huuã Cruz branca.

## CAPITULO XXVIII.

*Do segundo combate que se deu aa Cidade, e do effecto que ouve.*

A A sexta feira logo seguinte, porque ho Ifante tinha já as escallas emendadas, segundo lhe parecia, e concertado hum Castello de madeira, de que aviam de tirar spingardeiros e Beesteiros, determinou, por hum soo lugar, cometer outra vez a Cidade: e, pera yssó, fez chegar as escallas e engenhos para hum lanço do muro, que das bombardas era mais derribado e, por isso, mais baixo: onde fez fundamento dar juntamente todo ho combate. E ao Sabado que se logo seguia, como foy dia claro, mandou que todos se armassem e fizessem logo prestes, e ordenou que ho Ifante Dom Fernando, e o Conde d'Arrayolos, e o Bispo d'Evora com suas gentes e com outros que lhe mais acrecentou, andassem a cavallo e fizessem costas ao arrayal; para que, se os Mouros de fora quisessem, durando ho combate, socorrer aos da Cidade, lhe fizessem, com pellêja, aquella resistencia que compria: e toda a outra gente era a pee, salvo ho Ifante Dom Anrique que soo andava a cavallo, acubertado todo de malha: ho quall, com muyto acordo e grande esforço, fez chegar as escalas e engenho, e mandou aos trombetas fazer sinal de combate; e, com todo, foy a isso taõ mal provido, que das escallas soo a do Marichal chegou e pousou sobre ho muro, que dos Mouros, com fogo d'alcatraõ e muyto linho que de cima lançárom, foi logo toda queimada com dãno d'alguns Christaaõs, que ja per ella sobiam: e as outras, nem ho engenho de madeira

nom ouverom aviamiento, nem desposiçam de chegar ao muro, e ficárom delle afastados. E os Mouros, como sentirom que nom eram os combates repartidos per todo o muro, e que por aquella soo parte podiam receber dapno, carregárom ally a moor defensom de Beesteiros e artilharia, com que feriom dos Christaaõs muytos e matárom sete. E ho Ifante, veendo como nom aproveytava e era grande perigo de teer ally mais a gente, a fez arredar, nom fallecendo em sua cara mostranças d'alegria e segurança, como quer que sua alma começava dentro vestir-se de muyta tristeza; porque hya sentindo os enganos da esperança de sua empresa. E de nom morrerem neste combate dos Christaaõs mais dos que disse, como quer que muitos fossem feridos, foy assás de maravilha; porque dentro na Cidade, assi dos naturaaes como de Graada, avia bem seiscentos Beesteiros e muytos troõs, e huuã bombarda, álle da outra muyta gente que dentro avia.

## CAPITULO XXIX.

*Como ho Ifante quisera dar ho terceiro combate, e como se estorvou pella gente contrayra que sobrevéo.*

COM todos estes revéses que ho Ifante recebia, elle, como Principe muy esforçado e cuja bondade e grandeza de coração todas estas difficuldades, em sua determinaçom, nom enfraqueciam nem embargavam, logo ao Domingo mandou tirar dos Navios huã escälla grande velha, que tomou, e com ella duas aallas a ella ordena-

das. E porque era grande trabalho e muyta detença tirar-se a madeira e levar-se em cóllos de homens ao arrayal e per lugares d'arêa, detevérom-se neste carreto e corregimento, atee a quarta feira logo seguinte. E sendo já muyta parte dos engenhos aparelhados pera outra vez combater, certos Escudeiros do Conde d'Arraiolos, que eram fora aa ventura, trouxerom ao Ifante dous Almogavares cativos, dos quaaes em certo soube que se lhe aparelhava muyto trabalho e grande perigo, affirmando-lhe que ElRey de Fez, e ElRey de Belez, e Lazeraque, e cinco Enxouvias, e ElRey de Marroquos, e Tafilete vynham no mesmo dia sobre elle, e cada huum com todo seu poder, e que fariam de gentes, segundo diziam, atee sessenta mil de cavallo e settecentos mil homeens de pee. Estas novas dérom ao Ifante muyto cuidado e torvaçom: e teendo conselho o que nisso se devia fazer, logo na mesma quarta feira, nove dias d'Octubro, a oras de meio dia, parecêrom a todas as partes tantos Mouros de cavallo e de pee, que soamente huuã serra nem terra darrêdor nom parecia delles vazia; pollo qual veendo que os cativos lhe tynham dito verdade, avisou logo á praya, pera que os mareantes se recolhessem logo, com muyta triguança, aos Navios, e a outra gente ao arraial, onde mandou bem armar todos: e ordenou que os de Cavallo sayssem fora com elle: e na melhor ordenança, que lhe em todo pareceo, poz suas batalhas per huuã ladeira, que acerqua do Castello estava, e sobre as tendas que ho Marichal e Alvaro Vaaz, em guarda d'artelharia, ally tinham. E nisto, os Mouros de fora começârom de se chegar em grande numero, e os da Cidade, que do socorro tinhã certo aviso e conhecimento, nom faziam alguuã provisam nem tento em sair: e com grandes gritas e espantosos alaridos, como he seu custume, se juntârom todos, que com

muita furia movérom logo contra onde estavam as bombardas, engenhos e escallas que ho Marichal principalmente guardava: e tanta foi a força com que cometérom e apertáram, que aos Christaaõs, por salvar as vidas, convêo leyxar as tendas, bombardas e artelharias, que os Mouros logo tomárom e recolhérom: e elles retraérom-se ao Ifante, o qual, veendo tanta afronta e de gente em comparaçom tam desigual pera a sua, acordou de nom pellejar com elles e recolher-se a seu arrayal, onde, ho melhor que podesse, se defendesse; ca ho contrayro parecêra desesperaçom e fraqueza, em que seu coraçom nunca foy culpado: mas ho Ifante, logo entom e despois, muytas vezes disse que, se a Deos prouvera teer ally a gente que lhe ElRey seu Senhor pera ho mesmo facto ordenára, com sua graça e por sua Fee, a aqueles e muytos mais déra batalha e, com sua ajuda, esperára aver delles segura vitoria. E por ho Ifante, ao recolher de sua gente, sempre por sua deffensom ficou de traz: e, veendo-se dos Mouros muy afrontado, com poucos que o acompanhavam, fez huuã volta sobre elles, em que os ferio assy bravamente, que nom ho podendo sofrer, lhes fez voltar as costas atee as portas da Cidade. E ao recolher, ficou ho Ifante tam metido nos Mouros, que correo sua vida e salvaçom grande perigo; porque lhe matárom ho cavallo e ficou a pee: e lembrando-se Deos delle, quiz que hum Page do Ifante seu irmaaõ lhe deu outro cavallo, em ho qual, com seu grande acordo e maravilhoso esforço, ferindo e matando nos contrayros, se salvou. E nesta volta matárom Fernand Alvares Cabral, seu Guarda Moor, que, como leal Vassallo e esforçado Cavaleyro, perdeu a vida em deffensom de seu Senhor: e com elle morrérom dos Christaaõs nesta pelleja vinte e tres.

## CAPITULO XXX.

*Como ho Ifante e os seus foram dos Mouros cercados e combatidos no pallanque, e das muytas afrontas que padecérom.*

TANTO que o Ifante foi dentro de seu arrayal, carregárom logo sobr'elle infindos Mouros, que, de todas partes e com grande ousadia, começaram de ho cercar e combater; pero Nosso Senhor deu tanto esforço e acordo aos Christaaõs, que com mortes e feridas assi os escaramentárom, que lhes convêo afastar-se, maravilhados de tam grande resistencia e tamanha força em tam pouca gente; ca para na verdade ser ainda mais pouca, seguiosse ao tempo que o Ifante, perseguido dos Mouros, se recolheo ao palanque, alguns Fidalgos e muytos Cavalleiros e Escudeiros, e delles seus Criados e outros, que fariam numero de mill, lhe fogirom e se recolhérom aos Navios; per que os batees per ordenança, estavam sempre ao longo da terra: e ho que nestes ouve de vituperio e covardice, ouve de coração e louvor em Dom Pedro de Castro que a frota guardava, e d'outros boõs que ho acompanhárom: os quaaes, veendo a necessidade dos Christaaõs, se lançaram dos Navios, com elles dentro do pallanque, com grande perigo e mais louvor. E posto que ho corpo e humanidade do Ifante, pellos trabalhos e afrontas que passára, padecia com razom muyto cansaço, porem sua alma e seu spiritu, de nocte e de dia, sempre era pronto pera nom fallecer em cousa alguuã das que, em tal necessidade, hum sollicito Capitam e esforçado Cavaleyro compria: e por yssso nom soamente fez logo afortalezar o arrayal,

ho melhor que foy possível, mas ainda, com huuã falsa alegria e duvidosa esperança, que em sua cara e palavras fingia, trabalhava confortar os Christaaõs, de que muyta parte sentia de desmayo cortados; porque, veendo-se cercados de cerco taõ cruu, e de salvaçom e piedade taõ desesperado, alguns braadavam, que todos se lançassem de ventura aa praya, onde nos batees alguns escapariam, sem todos morrerem, como alli esperavam. Outros aborrecidos ja de viver deziam, que, pois aviam, como ovelhas, de morrer em hum curral, melhor sayriam, e morressem todos no campo como Cavaleyros. Mas ho Ifante, como Principe em que avia inteyro esforço e verdadeira fortaleza, e que toda sua fee e esperança punha em Deos, ho nom consentio, dizendo, que era cousa mais fundada em fraqueza e desesperaçom, que ardidez. E deste voto foy ho Conde d'Arrayolos e alguns outros principaaes e poucos, dizendo, que estevessem como estavam, porque Deos, por sua Misericordia, daria outro mais seguro caminho de sua salvaçom. E ho Ifante, quando proveo sobre os mantimentos do arrayal, achou que os nom avia, com que a gente razoadamente se podesse soster, mais que por dous dias: nem avia possebelidade d'outros se tirarem ja dos Navios, dos quaaes no principio se nom tiráram, creendo que a todo tempo livremente ho poderiam fazer; ho que ao Ifante e a todos muyto entristeceo.

## CAPITULO XXXI.

*Do Conselho que os Reys Mouros antre sy tiveram sobre ho combate que aos Cristaaõs dariam, como dêrom.*

No mesmo dia deste combate passado, ElRey de Fez e Maris e Lazeraque e Alcaydes dos Mouros se juntárom todos, e, teendo conselho sobre ho que fariam, disseram alguns: «Certamente nom pode seer mais quebra de nossas honrras, nem mingoa mayor da esperança com que aqui viemos, que seer necessario, para vencimento de tam pouca gente, termos ainda conselho: e porem, segundo ho escarmento que em se defender nos dêrom, e o esforço que mostram pera no lo darem mayor, he forçado que o tenhamos; porque estes homeens, com quanto sam tam poucos, nom os achamos assy ligeiros de vencer como cuidavamos; caa sabees, que nossa presunçom era, que o soo verem-nos abastaria pera logo se darem por vencidos: ou ao menos que pera em alguuã maneyra os leyxassemos ir, moveriam algum partido, em que conhecessem nossa vantagem: o que ou por ousadia, ou por soberba, ou mais certo sandice, nom fazem; e creemos que nom he a outro fim, salvo que partirom de suas terras com teençom de morrer, mais que tomar as nossas, pera viver nellas: e isto nom he per mandamento de sua Ley, pera comprindoa se salvarem, mas he huma sandia presunçam que a estes soos de Portugal deu o desaventurado cativeyro de Cepta, de que nos teem em tam pouca conta e estima, que em nossa deshonrra e abatimento fazem o que veedes, que he, seendo tam poucos, nom soamente vir cercar tantos que sabiam que avia em Tanger,

mas ainda ho fezerom com desprezo deste nosso socorro, que devêram aver por tam certo como agora o vem, fantasiando, que com seu medo lhes aviamos de leyxar nossas terras vazias de contenda e desemparadas de toda defensom. E porque isto, aalem de seer muyta quebra de nossos Estados e sobre tudo grande fraqueza de nossa Ley, convem que todos, assy rijamente e sem medo, os combatamos, e aos combates revezemos nossas gentes: que, afadigados de nos, nom ajam soamente razom de respirar, e matemolos todos; porque no caminho de suas culpas ajam esta pena que merecem, ca suas forças nom sam mais que de homens, e ham de cansar: e com isto poeremos tal exempro com que outros semelhantes se castiguem». Este conselho pareceo bem a todos, e logo ao outro dia, quinta feira, começãrom de mudar pera os pallanques seus arrayaaes, e poer em ordenança suas batalhas pera combate. É o que, com sua gente, primeyro sayo a Bandeiras tendidas e com grande estrondo d'estromentos, foy El-Rey de Feez, e apos elle El-Rey de Beelez, e logo Lazeraque, que na Casa de Feez era poderoso e grande e muy astucioso Marim, e desy logo os Enxouvynos com todollos outros, e com elles os da Cidade, que de sua vingança nom eram esquecidos. Ho Ifante, sentindo dos Mouros esta determinaçom, bem consirou que, pera lhe resistir como compria, sua gente, sem ajuda e graça de Deos, nom era poderosa: e pera a impetrar, muyto cedo ouvynho suas Missas, a elle muy devotamente se encomendou, e, co os giolhos em terra, e as mãos e os olhos ao Ceeo levantados, com perseveradas lagrimas de grande fee e muyta devaçom, sem alguma covardiçe, fez sua Oraçom nesta maneyra: «Oo Senhor, nom por nossos merecimentos que ante ti nom obrigam, mas por tua infinda Misericordia e costumada Piedade, nom te esque-

cendo a Payxam e tua Morte, que por nossa Salvaçom recebeste, lembra-te deste teu povoo Christaão, que por te servir soamente e enxalçar mais tua Fee, está como vees tam afrontado e posto em tamanho perigo, onde cada huum negou sy mesmo e, pera te seguir, traz sua Cruz as costas, como mandaste; e se no cometimento deste fecto, por alguum teu segredo a nos escondido, tua vontade foy ofendida, praza-te que eu soamente por todos padeça, e os outros per tua perfectã clemencia reserva, com suas vidas, salvos para te servirem. E que eu, Senhor, tanto bem nom mereça, permita o assy tua Bondade e Justiça, ao menos porque esta gente infiel e contumaz aja, com nossa salvaçom e vitoria, inteiro conhecimento de teu infindo Poder.» Em acabando sua Oraçom, pôsse logo a cavallo e, com muita triquança e prudencia, ordenou sua gente repartida em combates, como a elle e aos Christaões melhor pareceo. E porque vyo que os Mouros se apreçavam ja pera combater, corria com muyta viveza todallas estancias dos Christaões, e, com a cara prazenteyra e segura, os esforçava, dizendo-lhes palavras para o caso, assy doces e proprias com que dos coraçõens de todos arrancava temor e espanto, se o alguum tynha, e prantava logo huuã nova maneyra d'ardideza e esforço, como nas contenencias de todos bem parecia. Começãrom hos Mouros seu combate ao palanque com muita afronta, que durou quatro oras, em que dêrom muito trabalho e posêrom todas suas forças de fora para entrar os Christaões; mas prouve a Deos que muyto mayor resistencia e fortaleza ouve nos de dentro, para se defender; porque lhe matãrom e ferirom infinda gente, e os fezerom per força afastar dos combates e recolher a seus arrayaes: e dos Christaões fallecêrom cinco ou seis, e alguns outros foram feridos.

## CAPITULO XXXII.

*Como foram os Christaaõs outra vez combatidos, e como se começou per os Mouros de mover pãrtido, que, por salvaçom do arrayal, se desse Cepta.*

E como quer que pelos combates e afrontas passadas que os Christaaõs recebêrom, segundo a desigual comparaçom de huuã gente aa outra, bem craro parecia que Deos os esforçava e defendia: porem, porque sua defensom custava sempre taõ cara, e a esperança de sua salvaçom era muy desesperada e perigosa, ho Ifante como muy prudente nom cessava de teer sobre seu remedio praticas e conselhos: espicialmente veendo-se elie e os seus atalhados do mar pera nom poderem tomar, nem teendo ja, para si nem pera os cavallos, mantymientos com que se podessem sosteer; pollo quall acordãrom por menos mal, ainda que fosse com seu manifesto perigo, darem todos; aquella nocte que vinha, pelos arrayaaes dos Mouros que da banda do mar jaziam, e com forças d'armas e pelleja os romper: pera com qualquer risco, que se offerecesse, se lançarem na praya, onde pelejassem atee se recolherem aos Navios aquelles, que Deos pera viver escolhesse. E na ora que se isto determinou seguio-se, pera se nom cumprir, que hum Martim Vieyra, Clerigo Capellam do Ifante, se lançou co-os Mouros, a que revelou todo o que estava ordenado: e elles o proveêrom de guisa, que aos Christaaõs nom pareceo possivel, nem razom cometello. E quanto este treedor e desaventurado Sacerdote foy dino de tanta reprehensam, como sua

certa perdiçam merece: pois seendo Official da memoria da Morte e Payxam do Filho de Deos, desconfiando de sua Misericordia, arrenegou; tanto com razom louvarémos ho arrependimento de um Elche, que andando, muyto tempo avia, co-os Mouros, conhecendo seu erro, como quer que a salvaçom e vidas dos Christaaõs visse em tanta duvida, se lançou no mesmo dia no pallanque, e com synaaes de muyta contriçom se tornou e reconciliou com a Sancta Fee, que d'antes tinha, com teençom de nella acabar. E aa sexta feira seguinte, os Christaaõs nom forom combatidos dos Mouros: posto que sem o seer, assás combate recebiam da muyta fome e sede, e grande desesperaçom, que os, afficadamente em todallas cousas, perseguia. E logo ao Sabado, como foy menhaã, os Reys e Alcaydes Mouros se juntárom, e teendo conselho sobre o que fariam, dissérom huns nesta maneyra: «Com quanto a força destes Christaaõs parece assaz esforçada, e nossa mingoa e fraqueza seja tamanha: porem pelas grandes necessidades e mingoas, em que jaa estam, sem esperança de socorro, se os bem apertarmos, certo elles todos mortos, ou cativos nossos sam; más que seria, se isto per ventura nos seria pior; porque, cõ suas mortes, nom privamos a necessidade e conquista d'Africa, que tanto nos persegue: antes, pera sua vingança, provocaríamos contra nos toda a outra Christandade, que tendo per si Cepta, tem, como sabemos, as portas abertas pera muyto nosso dãno, sem nenhuuã defeza; e por tanto consirado todo bem, a nos parece que ho melhor seria, leixarmollos hyr pera suas terras vivos, se por si nos quisessem dar Cepta, com todos os nossos cativos que tem: e por aqui cobraríamos o perdido, em que tanto bem e honra perdemos, e do passado alguuma vingança nos ficaria: e sobre tudo, segurariamos nossa paz e

repouso, tirando da maaõ destes a frontaria de Cepta, que cada dia em tantas afrontas nos mete; e pera ysso, se vos bem parecer, façamos que os queremos agora combater, e ante do combate alguns lhe movam o partido, ao qual se per esta maneyra nom quiserem sair, em taõ façamos o que devemos, e sua sandice merece». Este conselho pareceo bem a todos, e acordárom que assy se comprisse, pollo qual logo todos com espantosas gritas, e com synaaes e palavras de certa vitoria, cercárom ho pallanque, postos em ordenança pera outra vez combater, e ante de ho poerem em effecto, alguns delles principaaes, pollo conselho ja praticado, mostrando em suas altas Bandeiras synaaes de paz, se chegarom ao pallanque, e com fundamentos que a ambas as partes pareciam razoados, moveram aos Christaaõs o partido, a saber, que lhes dessem Cepta com todollos cativos do Regno, e leyxassem o arrayal com totalas artelharias, armas, cavallo, tendas e outras cousas, que nelle avia, e que livremente os leyxariam embarcar, e hir seguramente pera suas terras. E porque a extrema necessidade de morte, ou cativeyro, em que ho Ifante, e os Christaaõs estavam, lhe aconselhava, que qualquer caminho de liberdade, e salvaçom que se offercesse, lhe parecesse justo e boõ, prouve ao Ifante com conselho dos principaaes, entender no trato, acerca do qual enviou sobre segurança a ElRey de Feez, e aos Capitaãees dos Enxouvios Ruy Gomez da Silva, Alcayde Moor de Campo Mayor, por ser prudente e boõ Cavalleyro, e com elle Pay Rodriguez, Escripvam da Fazenda d'ElRey: E porque Çala Bem-çala como as armas, e combate, que os Mouros, com grande furia contra hos Christaaõs aparelhavam de hir, de todo contrariavam o effecto do concerto porque foram, doendosse da morte, ou cativeyro de Ruy Gomez, mostrando ao olho a crua determinaçom

dos Mouros, lhe aconselhava, que atee ver ho fim delle ao pallanque nom se tornasse, promettendo-lhe, se o caso não socedesse bem aos Christaaõs, de a seu salvo ho mandar poer em Castella; mas Ruy Gomez, em que avia muita vergonha e lealdade, como boõ Fidalgo, e nom lhe fallecia coração, como a valente Cavaleyro, nem menos fee e devaçom, pera nom recear de morrer por serviço de Deos como Catholico Christaoõ, teve em merce seu conselho, e offercimento, como devia, e por agradecido; mas como Cavalleyro, em que avia as bondades, que disse e outras muytas, se escusou delle, pollo qual na mayor afronta que se esperava, se lançou com muyta honrra, e louvor no pallanque, onde per suas maaõs nom ouciosas, fez o que sempre fezera, e para que tam louvada determinaçom ho movera; mas os Mouros, como incostantes e nom verdadeiros, principalmente os nom vizinhos, nem comarquaaõs a Cepta, nom quiseram esperar pela concrusam delle, antes cobrando por ysso novo atrevimento, remeteram logo ao pallanque, e per todas as partes o combateram muy afrontadamente, em spicial carregou tanto sua força sobre a estancia, que ho Ifante Dom Fernando governava, que sua entrada e desbarato esteve em muy pequena ventura; porque tanto se chegavam, que leyxando as armas mais leves, pellejavam com as agumias, e terçados; mas os Christaoõs tomando ja por salvaçom vingar suas mortes, assy lhes resistiram, e se socorrerom huns aos outros, com tanta defeza sua, e ofensa dos imygos, que desesperados elles, da vitoria que esperavam, com muytos mortos e feridos, se afastarom a fora, e pera sua guerra com effecto teer verdadeyro nome de crueldade, porque por sangue lhe nom socedeo, como cuidavam, tentaram-na per fogo, com o qual no mesmo dia cometerom o pallanque, lançando-lhe muita lenha aceza, e alca-

tram, de que a mayor parte da afronta e perigo, foy na estancia de Dom Fernando de Castro o Velho; mas pollo Ifante foy a todos com tanto proviimento, e esforço socorrido, que os Christaaõs, nom soomente ficaram salvos, mas com grande estrago dos imygos, se viram assaz vingados. O Ifante Dom Anrique andava a cavallo, proveendo as afrontas com palavras, e socorro de singular Capitam, e pellejando nellas, como valente Cavaleyro: E aqui nom hé razom, por seu perpetuu louvor, e boõ exemplo de Religiosos, que passe per esquecimento, o grande esforço nas pellejas, e huuã devota esperança, para os que nellas morressem, bem acabarem, que ho Bispo de Cepta, que depois foy da Guarda neste combate, e em todollos outros aos Christaaõs acrecentava, o qual com as muytas leteras, e boa eloquencia, de que foy bem dotado: e assi com hum viril coraçom, que lhe nom fallecia, vestido nas armas Seculares em que pellejando recebeo muytas feridas e tambem nas Ecclesiasticas, como compria aas vezes os socorria, e esforçava com plenarias asoluçooens da Bulla da Cruzada, que trazia, e as mais os animava cõ ho Verdadeiro Corpo de Nosso Senhor, que a todos mostrava, dizendo em altas vozes, e com perenaes lagrimas nos olhos, palavras de tanto esforço, fee, e devaçao, que os Christaaõs, que ho viam e ouviam, tam sem receio se despunham aos perigos, que ja nom pareciam, que pelejavam por livrar-se das mortes, mas que folgavam perder as vidas em tal auto, por nelle salvar suas almas. Este combate durou sete oras, em que os Mouros com gente sua de refresco, sete ou oyto vezes se revezãrom, e os Christaaõs para pellejar, eram ja tam poucos, que escassamente avia para suprir hum combate, ca todos postos no pallanque, nom acabavam de ho repairar e prover, como requeria; e em fim, os Mouros, nom

podendo sofrer a grande mortindade que padeciam, se afastárom para seus arrayaes; e neste dia dos Christaaõs morrerom poucos, posto que muytos fossem feridos, e dos Mouros, assy em esta pelleja, cõmo em todallas outras passadas, segundo testemunho dos Alfaqueques, morreriam bem quatro mil.

### CAPITULO XXXIII.

*Como os Christaaõs começaram de mudar o palanque contra ho mar e das necessidades mortaaes que sofriam, e como se concordárom cõ os Mouros, e lhe entregáram por a refens ho Ifante Dom Fernando, e elles ho filho de Çala Bem-çala, e da maneyra que se nisso teve.*

**P**ORQUE ho Ifante vio, que ho palanque era mayor do que compria, para de tam pouca gente como ja era a sua, seer bem defendido, acordou que se encurtasse, e pera ysso logo aquella noite, sem embargo da crua pelleja, e grande trabalho do dia passado, em lugar de descanso, conveeo a todos, de que ho Ifante nom foy o segundo, tomar as paas e enxadas nas maaõs, com que fizeram hum atalho forte, e mais defensavel, do que aa primeira estava; e ao Domingo logo seguinte, nom ouve combate, e os Mouros nom fizeram mais dãno, que guardar a praya, e as agoas que em poços darredor do palanque avia, e os do arrayal eram ja postos em

tam apertada necessidade de mantimentos, que aos mais ja tudo fallecia pera comer, salvo carne de cavallos, que por fallecimentos de lenha a comiam nom cozida, e mal assada, porque a muitos conveeo matar as bestas, e desfazer as seellas e albardas, ao menos pera com a palha aquentarem as carnes çujas, e desacustumadas, e as poderem com menos nojo comer, e da agoa, os do arrayal eram ja fallecidos de todo; porque dentro delle nom avia poço, que soprissi a cem pessoas, e a muytos apressados da morte, se vio ho lodo nas bocas apertado dos beiços, com esperança de tirarem alguuã humidade, cõ que sostevessem as vidas; e se Deos, por sua infinda Piedade, nom acorrera com agoas do Ceo, que alguuãs vezes cayrom, nom he de duvidar, que a mais da gente morrera com sede; e porque a soo esperança sua estava no mar, e que soo lhe prometia algum caminho de sua salvaçom, acordaram de a nocte de Domingo, alongarem hum pedaço ho arrayal contra o mar, cõ fundamento, de pouco a pouco, darem com a ponta delle na agoa; e certamente bem pareceo, que per profecia inspirara Deos n'alma d'ElRey Dom Duarte, esta grãde necessidade em que se aviam de veer, quãdo ao tempo, que se ho Ifante delle despedio, lhe deu, o Regimento que atraz se conthem, da qual se o guãrdaram, poderam sem afronta ser livres e seguros; pois lhe amoestou, aconselhou, e mandou, que do arrayal ambas as pontas, ou ao menos huuã, ficasse no mar, como pera ponte de salvaçom e socorro, vindo o fecto ao que veio. Ao Domingo, e segunda feira, e terça, andarom os Mouros com os Christaaõs em tratos de concordia, e a quarta feira os Ifantes com os do conselho que ally erom, finalmente se concordaram nesta maneira: «Que os Mouros leixassem hir, e embarcar livremente nos Navios todos os Christaaõs com seus ves-

tidos soamente, e a elles ficasse ho arrayal com armas, Cavallos, e artelharias, e todas as outras cousas, e mais lhe fosse entregue a Cidade de Cepta com todollos Mouros cativos que nella estevessem, e que ficassem em paz, a qual se obrigou ho Ifante que ElRey dêsse per mar, e per terra a toda a Berberia por cento annos; e pera segurança dos Christaaõs, e que sem contradicam os leyxariam hir, deu Çalla Bemçalla huum seu filho em poder do Ifante, e por o dito filho de Çalla Bem-çalla ficaram em a refens Pedro de Taide, e Joham Gomez do Avellar, e Ayres da Cunha, e Gomez da Cunha; e pera seguridade dos Mouros, que Cepta com os cativos lhe seriam entregues se deu por a refens em seu poder ho Ifante Dom Fernando. » Como quer que ho Ifante Dom Anrique, com um Sancto e proveytoso proposito, assaz insistio pera ficar em a refens, e nom seu irmaaõ, com fundamento despois que os Christaaõs visse salvos, nom consentir que Cepta, nem outra cousa que muito relevasse se desse por elle, mas os do Conselho por justas causas que teverom, nom deram a ysso consentimento; e firmadas as scripturas, e dados a refens de huua parte e da outra, veeo Çalla Bem-çalla ao arrayal onde levou pera Tanger ho Ifante Dom Fernando, com assaz de lagrimas, e de tristeza dos que ficavam, acompanhado d'alguns Officiaaes necessarios que lhe foram ordenados; e teendo Çalla Bem-çalla seu filho pola maaõ, e entregando-o ao Ifante Dom Anrique, o Ifante o tornou a fiar delle, dizendo: « Que avia por bem que seu filho acompanhasse ao Ifante seu irmaaõ, e a elle atee a Cidade, e que depois o emviasse como delle esperava ». O Çalla-Bem-çalla o fez assy, porque logo o tornou a emvyar per Ruy Gomez da Silva, que ho levou aa frota.

## CAPITULO XXXIV.

*Como sem embargo do contrato, en quebramento delle, os Christaaõs foram dos Mouros combatidos, e como com grande pena se recolheram ao mar.*

A quinta feyra como foi menhaã, confiando ho Ifante no concerto que tynha fecto, loguo mandou vyr os batees em terra pera embarcarem; mas os Mouros principalmente Enxouvios, como gente infiel, e imygos em todo da verdade, acodiram com grande furia sobre o palanque, e cercaram-no com mayor streiteza do que d'antes era, defendendo com grande força, que dos Navyos nom viesse aos do arrayal mantimentos, nem socorro, nem tomassem agoa dos poços de fora, em que lançavam caães, e bestas mortas, e outros semelhantes fedores, com vontade pera de huua maneira ou d'outra, nom darem aos Christaaõs vida, o que deu causa, que alguns fracos Christaaõs com desesperaçom se lançaram com elles. Quisera Çalla Bem-çalla, que ho Ifante com os Christaaõs, por mais sua segurança, entraram pelo Albacar, e embarcassem pela Coyraça, mostrando que assy convinha, porque nom se podia resistir aa contumacia dos Enxouvios, e o Ifante por experimentar a verdade de sua teençom, mandou pela mesma Coyraça levar aos Navios alguns doentes, e em quanto nom passaram de dous e trez, poseram-nos em salvo; mas ho Ifante acrecentou ho numero delles, atee quinze ou dezaseis juntamente, os Enxouvios com outros de volta deram nelles, e os que nom mataram, levaram todos cativos, sem algum remedio de emmenda nem restitui-

com, e assy fizeram a outros tantos Christaaõs, que confiando no trauto da paz, sayram fora do arrayal tomar agoa dos poços, sem aproveytar nenhum requerimento pera se remediar; pello qual, veendo ho Ifante o engano tam manifesto, e sendo mais verdadeiramente avisado, que em algum trato dos Mouros se nom fiasse, porque sua teençom, no concerto que fizeram, nom fora outra cousa salvos matallos de fome e sede; porque com as armas ja nom ousavam; acordou de poer a si, e aos seus em ventura, e pera isso, ainda que fosse com grande perigo, e muyto trabalho dos Christaaõs, ordenou de mudar loguo, como mudou, ho pallanque atee o mar, como per tres, ou quatro vezes o tynhã mudado; e quando veeo ao Sabado pela menhaã dezanove dias d'Outubro, prouve a Deos, que ho palanque era ja assy a agoa chegado e tam forte, que a elle sem impedimento os mantymientos podiam vyr dos Navios, de que os Mouros mostraram grande sentimento; porque se viram desesperados da crua vitoria que contra os Christaaõs fantasiavam, e por tentar se d'outra maneira a podiam cobrar, huuã grande multidom delles postos em armas, recorreram ao palanque e o cercaram; mas ho Ifante, que sua segurança tynha nas armas e forças dos seus, mais que na paz e segurança dos Mouros, veendo tamanha treyçom, ordenou assy sua gente ao longo do palanque; e começou assi com tiros de daneficar aos contrayros, que com sua perda os fezerom retraer a seus alojamentos; maravillados cada vez mais da fortaleza, bondade, e esforço dos Christaaõs, assy do trabalho, que com tanta fome e sede por se repairarem soportavam, como da singular deestrezza e acordo, com que sabiam matar e ferir. Os que eram na frota, assy pelos continos e mortaaes combates, que aos Christaaõs viam dar e padecer, como pelas tristes

novas que os que fogiam delles davam, foy maravilha, e ordenança de Deos, nom se partirem pera o Regno, porque afirmando antre sy, que os Christaaõs pelas afrontas que padeciam eram todos mortos e cativos, como aquelles a que a sua estada podia trazer dâno, ou perdiçom, e nenhum proveyto acordavam muitas vezes de levar suas ancoras e se partirem, mas muito os segurou e fez deter Ruy Gomes da Silva, quando aos Navios levou ho filho de Çalla Bem-çalla, com que ainda de prazer nom seguravam ; mas quando sobre tanta desesperaçom e temor virom ho Ifante seguro e defendido em seu palanque ao longuo do mar, ouveram grande prazer, e com muyta presteza vierom loguo todos os batees ao porto, onde ho Ifante com muyto resguardo fez recolher a gente, e encomendou ao Marichal, e ao Capitam Alvaro Vaaz, que com alguuã soma de Beesteiros ficassem sobre ho atalhamento do palanque, em hum arrife que hi sobre o mar se fazia, donde contrariassem os Mouros per maneyra, que os Christaaõs embarcassem com moor segurança, e depois se recolhessem com sua ventura o melhor que podessem ; e certamente assy como este encargo era de grande perigo a estes dous nobres homens, assy nelle como esforçados, se aproveitaram de muyta honrra e boa fama que nelle guanharom, e nom soomente nesta, mas em todallas outras afrontas neste fecto passadas, elles por sua bondade d'armas, e grandeza de coraçom, foram avidos por espiciaes Capitaães, e notavees Cavaleyros. A gente myuda, com desejo de salvar as vidas de que foram desesperados, embarcavam com grande desordenança a que se nom podia proveer, ca se lançavam ao mar soltamente, nom esguardando se ho bateel era do Navio, em que vierom, se doutro algum, e muytos delles por fazerem os m̄reantes em sua salvaçom mais atentos e deligen-

tes, tentavamos com cobyça, offerecendo-lhes loguo nas maaõs, alguuã proveza que ainda escapara; e isto começou de dar grande desaviamento aa embarçaom, e causar algum dãno, porque a todos os Ministros do mar veenceo tanto esta aborrecivel cobyça, que suspendiam a entrada dos que alguuã cousa lhe nom peytavam, e os despunham por isso a grande perigo, do que ElRey ouve despois sabendo-o, gram desprazer, e segundo a mostrança de seu desejo, certamente este erro nom ficara sem grave punyçom, se delle podéra achar os certos autores. Ho marichal, e o Capitam, como a gente que guardavam viram embarcada, começaram de se recolher na melhor ordenança que poderam, mas os Mouros por acabarem de mostrar sua falsa concordia, e verdadeira imizade, como os viram mover pera embarcar, ordenarom dos pavezes que acharam no palanque, huuã forte pavesada, com que tam rijamente os cometerom, que muytos dos Christaaõs, especialmente os Beesteiros, nom podendo sofrer huum duvidoso perigo, tomarom pera suas vidas outro mayor, e mais certo, lançando-se sem algum tento ao mar, honde morreriam atee quorenta. E tanto era ho primor da honrra nestes dous Cavaleyros, que em cheguando ao bateel, que pera seu recolhimento os esperava, e trazendo com a persiguiçom dos Mouros a morte nas costás, aa entrada delle ambos se rogarom, afrontando huum ao outro a primeyra entrada, procurando com palavras de muyta cortesia e grande esforço, por cada huum ficar por derradeiro em guarda do outro; e porem cõ todos estes reveses, ao Domingo pela menhaã eram ja todos aa frota recolhidos.

## CAPITULO XXXV.

*Como ho Ifante Dom Anrrique se recolheo ao mar, e reteve ho filho de Çala Bem-çalla, e alguns seus Officiaaes, e se foy a Cepta.*

O IFANTE, pela verdade e concerto que os Mouros, e Çalla Bem-çalla maliciosamente lhe quebrantaram, fez reter nos Navios, certos seus Cavaleyros e huum scripvam de Çalla Bem-çalla, que elle deputou pera screpver e recolherem ho despojo do arrayal, e os fez levar a Cepta, e recolheosse aa Nao do Conde d'Arrayolos, onde com todollos do conselho acordou, que ho Conde e Dom Fernando de Castro, com todollos Fidalgos, e Cavaleyros, que nom eram proprios do Ifante se tornassem, como tornarom ao Regno, e elle se foy a Cepta, de que ja era Capitam Dom Fernando de Noronha, genro do Conde Dom Pedro, que durando este cerco de Tangere ja muyto velho adoeceo, e com muita honrra e bem merecida acabou seus dias, e aa ora de sua morte, chegou Dom Duarte de Menezes seu filho, e partio de Tanger per licença do Ifante, ante do cerco do palanque. Assy que, ho Ifante esteve sobre Tanger trinta e sette dias, nos quaes foi vinte e cinco cercador, e os doze cercado, em que dos Christaaõs morrerom atee quinhentos, de que foram oyto Fidalgos com Joham Rodrigues Coutinho, que ferido foy morrer a Cepta, e dos Mouros morreriam bem quatro mil, como se já disse.

## CAPITULO XXXVI.

*Como ElRey D. Duarte foy primeiramente avisado do cerco em que seus irmaaõs estavam, e depois como ho fecto todo passou, e do que sobre isso fez.*

A O tempo que a frota partio de Lixboa, ElRey por causas necessarias que podiam ocorrer, acordou estar nella, e com elle o Ifante Dom Pedro, e enviou ho Ifante Dom Joham ao Regno do Algarve, pera com gente e mantymentos mais em breve proveer aos Ifantes, se lhe comprisse; e porque começaram de morrer de pestenença em Lixboa, mandou ElRey a Rainha sua molher, e os Ifantes seus filhos a Sintra, e elle se foi a huuã Quintaã que se diz Monte Olivete, junto com Sancto Antam, onde esteve alguns dias, e dhi por evitar perigos dos aares corrutos que se cada vez mais acendiam, se foy a Santarem, onde aos dezanove dias d'Octubro aas Missas lhe foy certo recado, que os Ifantes seus irmaaõs eram dos Mouros estreitamente cercados, e como sentio que pella desordem do arrayal, contraria a seu Regimento, nom avia esperança de socorro, recebeo por isso muyta mais paixam e tristeza, e ainda a recebera muyto mayor se com elle nom estivera ho Ifante Dom Pedro, que por ser muy prudente e de grande coração sempre o esforçava e lhe dava grandes esperanças de remedio e socorro, fazendo que continuoadamente fosse remedeado, e vesitado per Fisicos e homens de boa vida, spicialmente fez que o viesse logo veer e estar com elle, hum Meem de Seabra, homem bem discreto, Criado d'ElRey Dom Joham, a quem nas guerras passadas servira como valente Cavaleyro, e apar-

tou-se do mundo, e fez junto com Setuvel huuã Casa d'Oratorio da Regra da Serra d'Ossa, a que dizem agora a de Meendo: por que deste recebia ElRey pera Deos e pera o mundo, per autorizados exemplos muy evidentes confortos. Ho Ifante Dom Joham, como no Algarve honde estava, soube da afronta em que seus irmaaõs estavam, pera lhe socorrer se fez prestes em Navios com a mais gente, armas, e mantimentos, que pode, mas os ventos depois de ser no mar foram a sua viagem assi contrayros, que nom soomente nom aproveytou, mas ainda por fortuna que correo se ouvera de perder; e em fim certificado do caso, foy surgir sobre Arzila, onde ja era ho Ifante Dom Fernando, sobre cuja deliberaçom porque cõ Çalla Bem-çalla tratou hum pouco, ElRey de Feez receoso que nom seria como a elle compria, o fez por isso levar logo a Fez. E o Ifante Dom Pedro, como sentio o coraçom d'ElRey em algum mais assossego, lhe pedio licença pera trigosamente e o melhor que podesse, de Lixboa socorrer a seus irmaaõs, e a ElRey aprouve, e se veeo logo apos elle a Aldea de Carnide junto cõ Sancta Maria da Luz, porque a Cidade estava perygosa de pestenença; mas porque ordenou, que ho socorro fosse com muyta gente e grande poder, em se aviando pera isso as cousas necessarias, chegaram em tanto a Lixboa dos que vinham de Tanger, muytos Navios que certificaram o caso como finalmente passara, de que ElRey foy logo avisado, e certamente foy muy aspero de ouvir, que o Ifante seu irmaaõ ficava em poder de Mouros; mas por saber, que a mais da sua gente era em salvo, deu por isso muytas graças a Deos, e como Rey virtuoso humano e agasalhado, deteve-se naquella Aldea, pera veer e agasalhar os que vynham do cerco, dos quaaes muytos, ao tempo que hiam fazer-lhe reverencia, em disformes semelhanças e tristes ves-

tidos, que pera yssso de industria vestiam, e com palavras a desaventura conformes, se lhe mostravam, e delles fingiam ser muyto mais danificados do que na verdade ho foram, com fundamento de carregarem mais na obrigaçom pera o fecto de seus requerimentos, que alguns logo faziam e outros esperavam fazer, de que ElRey recebia publica door e tristeza; mas a estes foy muyto contrayro, o nobre e valente Cavaleyro Alvaro Vaaz d'Almadaã, Capitam Mor do Mar, que como quer que no cerco de Tanger de sua fazenda perdesse muyta, e da honrra por merecimentos d'armas nom ganhasse pouca, como chegou a Lixboa ante de ir fallar a ElRey, logo de finos panos e alegres coores se vestio, a sy e a todollos seus, e com sua barba feyta e o rosto cheo d'alegria, chegou a Carnide onde ElRey andava passeando fora das casas, e com elle ho Ifante Dom Pedro, e depois de lhe beijar as maaõs e lhe dizer palavras de grande conforto, ElRey o recebeu muyto graciosamente, e louvou muito sua hida naquella maneyra, que nom soomente lhe apontou cousas e razõões, pera nom dever por aquelle caso ter nojo nem tristeza, mas ainda que por elle devia seer muyto alegre e contente, estimando em nada ho cativo do Ifante seu irmaaõ, que era huum homem soo e mortal, em que avia muytos remedios, em respecto da grande fama que naquelle fecto em seu nome se ganhara, aconselhando-lhe mais o repique e alvorço dos sinos, pera honrra e prazer dos vivos, que ho dobrar delles que houvia, por tristeza e pelas almas dos mortos; pollo que ElRey começou a mostrar, que aquelle era ho primeyro descanso que seu coraçom recebia, e por isso e por seus boõs merecimentos lhe prometeo muyta merce, e grande acrescentamento; e sem duvida assy ho fizera, se sua antecipada morte o nom atalhara.

## CAPITULO XXXVII.

*De quam virtuosamente os Andaluzes se ouverom com os Portugueses que vnyham do cerco.*

**E** AQUI nom he razom que fique em volta em esquecimento, por louvor dos Castelhanos d'Andaluzia, a virtuosa piedade que com os Portugueses nesta fortuna usarom, porque muyta gente dos nossos pobres, feridos e doentes e sayndo do cerco, nom esperando poder ja sofrer a passagem do mar foram per seu requerimento lançados em terra, e por seer inverno, e noctes grandes e frias, e elles mal roupados, offerecendo-se-lhes tamanho perigo per terras estranhas, certo deveram teer de suas vidas pequenas esperanças; mas os Andaluzes, principalmente os da Costa do Mar, sabendo o muyto padecimento e grandes trabalhos que polla Fee naquelle cerco padecerom, como Catholicos e agardecidos Christaaõs, pelos lugares, perque os Portugueses hiam, sayam de suas casas aos receber, e com huuma louvada humanidade competiam antre sy, quem mais levaria e melhor agasalharia, dando-lhes de graça mantymentos em abastança, pera saaõs e doentes, como a cada hum pertencia, curandoos das feridas e doenças, e fazendo-lhes as camas das mais limpas roupas que tynham, e cobrindo com vestidos e calçados as carnes de muytos que pareciam nuas, e fazendo-lhes outras obras e ajudas pera ho caminho, de perfecta Misericordia, e Caridade. Mas ElRey Dom Duarte que desto foy sabedor, ouve grande prazer e como Principe agardecido e muy virtuoso, a Sevilha e a outros lugares que o mereciam, ho enviou per suas Cartas agardecer como convinha.

## CAPITULO XXXVIII.

*Como ho Ifante Dom Anrrique notificou o caso do cerco a ElRey seu irmaaõ, e assy a ElRey e a outros grandes de Castella, convocando-os aa redençom do Ifante.*

HO Ifante Dom Anrrique como foy em Cepta, enviou logo requerer a Çalla Bem-çalla, que lhe entregasse o Ifante seu irmaaõ, e lhe daria seu filho; pois o tracto antre elles fecto, sabia que nõ fora per elles guardado, e que a salvaçam dos Christaaõs fora em suas armas e força, mais que na verdade e segurança dos Mouros; e porque Çalla Bem-çalla a esto nom satisfiez, escusando-se com razooens que ho Ifante Dom Fernando com elle aprovou, ho Ifante enviou logo ao Algarve seu filho, e os Alcaydes Mouros que com elle retevera, e escrepveo a ElRey seu irmaaõ o caso do cerco como passara, confortando-o muito no contrayro socedimento dele, com palavras e exempros de Principe virtuoso e Catholico, e esforçado Cavaleyro, e assy o fez logo saber a ElRey de Castella, e a muytos Senhores e Grandes daquelles Regnos, e a outros Comarquaaõs, convocando-os por causas e razooens muy urgentes e piadosas, aa redençom do Ifante seu irmaaõ, por se nom dar por elle Cepta, de que aa Christandade e principalmente a Espanha, muyto dãno e destroiçom se podia seguir. ElRey Dom Duarte, como da conclusam em que os fectos ficavam acabou de seer certificado, escrepveo ao Ifante Dom Anrrique, que se viesse loguo de Cepta, e assy ho Conde Dom Fernando que nom fizesse guerra aos Mouros, pellos mais nom indinar, pera pior trato do Ifante Dom Fernando em quanto em seu

poder estevesse, e por o Conde assy ho cumprir, costringido mais da obediencia d'ElRey que do temor dos Mouros, tomarom tanta soltura e ousadia em guerrear a Cidade de Cepta, que nom o podendo ho Conde ja sofrer, com morte e cativeiros que aos Christaaõs via sem resistencia padecer, foy necessario sayr desta obediencia, e aquebrou com justa vingança e grande estrago dos contrairos, o que deu alguma mais causa de o Ifante Dom Fernando padecer cativeyro mais aspero. ElRey por causa da pouca saude que avia em Lixboa e seu termo, se foy a Santarem pera onde remeteo os requerimentos do que vynham da armada, a que satisfez com graças e merces, como melhor pode e sentio, que cada hum merecia; e dahi se foy a Tomar, onde escrepveo e mandou a todallas pessoas principaaes, e aas Cidades e Villas do Regno, que no Janeyro seguinte, em que entrava o anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezu Christu de mil quatrocentos trinta e oyto, fossem em Leyrea pera Cortes, que pera Conselho, e remedio do caso passado queria ter.

## CAPITULO XXXIX.

*Como ElRey teve Cortes em Leiria sobre a redempçam do Ifante, e do que se nellas prepoz.*

A ESTE tempo foy ElRey em Leyrea, onde com elle se ajuntarom logo os Ifantes Dom Pedro e Dom Joham, e asi todollos outros que pera as Cortes foram chamados e ordenados, e o Ifante Dom Anrique nom veeo, porque despois do cerco de Tanger, esperou em Cepta cinco mezes, por

veer a conclusam que no livramento do Ifante Dom Fernando se tomava; e finalmente, depois que vio o caso padecer de necessidade alguuãs dilaçooens, se veeo ao Algarve, e dahy foy falar a ElRey em Portel, donde se loguo tornou a Laguos e a Sagres, onde despois sempre esteve atee o fallecimento d'ElRey seu irmaaõ; porque entam veeo aa Corte, como em seu lugar se dira. E seendo em Leyrea todos juntos em huuã casa, para Cortes e Conselhos ordenada, ElRey em seu nome, fez pello Doctor Joham Dosem, prepoer huuã falla, cuja sustancia foy: «Que bem sabiam todos, como per alguuãs razooens em que se fundara, e nas Cortes d'Evora foram declaradas, mandara os Ifantes seus irmaaõs cercar a Cidade de Tanger, onde foram, e que pera conseguir o efecto de seu preposito, era certo que por elles e por todollos-outros, que com elles foram, nom ficou; porque por isso, como a todos era notorio, trabalharam insistirom e padecerom, mais do que parece que a humanidade podia sofrer, e com tudo quizera Deos, ou por seus pecados delle ou por algum outro Juizo secreto, que nom ouvessem aquella vitoria que todos desejavam; mas ainda que em tam extrema necessidade, e manifesto perygo se vissem, que por remedeo e salvacom de todos fosse necessario prometerse a cidade de Cepta com todos os mouros cativos deste regno, e asy darse ho Ifante Dom Fernando seu irmaaõ em arefees por segurança disso. E que por isto ser auto de guerra, cujo fim e esperança era sempre muy dovidosa, por tanto este acontecimento nom devia ser estimado por cousa nova, pois os poucos foram dos muytos vencidos, e nam os muytos dos poucos, como já muytas vezes acontecera. E que ao tempo da embarcaçom, veendo a grande quebra da gente que para este effecto ordenara, a que ho falecimento dos navyos

fretados, ou por ventura a fraqueza de sua fazenda deram causa, bem consirara ho perygo a que se despunham, e esto pella desigual comparaçam dos seus poucos, aa grande multidam dos infiees, que sabia certo durando ho fecto se haverem de juntar, como juntaram. E que por ysso mandara e defendera ao Ifante Dom Anrique, que ao cercar do lugar, nom deixasse ho mar; e sobrelle nom estivesse mais que oyto dias; nos quaes soamente repartisse e desse seus combates, e se ho nom podesse tomar loguo, se tornasse, porque em tam pouco tempo, bem lhe parecia que nam podiam recrecer tantos contrayros a que os seus nom podessem resistir, ao menos para sem perygo se salvar. Mas segundo soubera, ho Ifante nom achara tal disposiçam, para que comprindo seu mandado, podesse aver desejado efecto de sua passagem. E porem como quer que fosse, o fecto estava naquelle ponto que sabiam, para cujo remedio queria seu conselho, porque em caso, que em seu livre poder estevesse, fazer da cidade de Cepta o que lhe prouvesse, e assy dalla aos mouros como lhe fora prometida; que porem lhe nom parecia justo nem honesto, tiralla assy de sua coroa sem primeiro lho fazer saber. Assy por muytos delles e seus padres com suas armas, serem em ajuda de a el Rey seu senhor guanhar aos infiees, como por lhe tambem pertencer parte do senhorio, pois eram membros do corpo, de que elle era cabeça e senhor. E principalmente porque pois elle e os do Regno, eram huuã sustancia e hum coraçom da Republica de Portugal, asi no extremo deste concerto que fecto era, lhê ajudassem buscar algum meo, de que se menos mal seguisse que dar Cepta; e que porem lhes rogava e encomendava, que consirassem algum remedio para o Ifante seu irmaaõ sair do poder dos mouros, sem a cidade lhes seer dada; e tambem nom aveendo outro se

a devia por elle de dar, e dandosse que meo de segurança se teeria para a entrega della e recebimento do Ifante, pois avia causas para de huuã parte e da outra, huuns dos outros nom se fiarem. E encomendou a todos, que cada huum seu parecer possesse em scripto e o desse a ElRey, para sua melhor e mais repousada enformaçom. E em acabando ho Doctor esta preposiçom, ElRey mandou leer loguo em publico hum scripto d'apontamentos, que ho Ifante Dom Fernando estando ainda em Arzila enviou a elle e a seu conselho, em que desejoso sair de cativo, apontava alguuãs causas e razões porque nom era serviço del Rei, nem bem de seus Regnos manter-se Cepta pelos Christaaõs, asynando os danos e perdas e grandes despezas, que Portugal pela sosteer recebia; e asy alegando outras muytas fundadas em huuã natural piedade, por as quaes Cepta se devia dar por elle, como ficara concordado, escusando os mouros que nom quebrantaram o contrauto como lhes queriam poer, antes carregando mais a culpa sobre os Christaaõs: Os quaes apontamentos ouve el Rey por bem que todos vissem, para melhor e mais livremente poderem dar seus votos e conselhos.

## CAPITULO XL.

*Como ho Conselho dos das Cortes foy devyso em quatro teenções desvayradas, e quaaes foram os que as sosteverom.*

COMPRIO-SE o que ElRey ordenou ácerqua de dar cada huum per scripto seu voto, em que ouve assás de scriptura. E porêm o que de todos

se pôde comprehender, he que todo o Conselho segundo suas sentenças foy partido em quatro teençoens. A primeira que ho Ifante devia ser tirado de cativo, e dar-se Cepta por elle sem alguuã mais detença, nem impedimento, visto como por salvacam e remedeo de todollos cercados offerecera sua vida aa morte, e arriscára sua liberdade a cativeyro, e mais que ho contracto fecto com os Mouros, e firmado pelo Ifante Dom Anrique com todollos outros principaaes que com elle eram, sendo quebrado e nom mantehudo trazeria grande infamia a ElRey, e a seu Regno e naturaes, e nesta teençom foram, ho Ifante Dom Pedro, e o Ifante Dom Joham com alguns outros poucos principaaes, e seguiram no amór parte das Cidades, e Villas do Regno. E a segunda teençom foy, que ElRey posto que quizesse, nom podia de directo dar Cepta aos Mouros, sem expressa outorga e auctoridade do Sancto Padre, acordada primeiro em seu muy alto e sagrado Consistorio. E esto por razam dos Sanctos Sacrificios que por muytos annos nella foram já celebrados, e das muytas Igrejas Sagradas e Altares alevantados, e outras muytas cousas a Deos já dedicadas, o que por salvaçãõ d'alguuã humanal pessoa em o contrayro se nom devia converter; esta parte seguio Dom Fernando Arcebispo de Bragaa, com ho qual acordarom mais pessoas que com os da primeira. Os da terceira teençom, aconselhárom misticamente, dizendo que ElRey devia a redençom do Ifante seu irmaaõ per boas maneiras a longuar por algum tempo, para nelle trabalhar de ho tirar per dinheyro, ou grande numero de cativos, ou convocando para ysso ho Papa, e outros Reys Christaaõs, e passando muy poderosamente contra os Mouros, de que se ganharia equivalencia, com que ho Ifante por ella saysse, e quando per cada hum destes meos nom se tirasse, que em tal caso se devia dar Cepta,

seendo ElRey per determinaçom, e conselho de grandes Teologos e Canonistas primeiro certificado, que de directo e sem quebra nem ofensa de serviço de Deos se podia por tal respecto dar. A quarta tençon foy, que ElRey nom devia, nem podia de sy tirar a Cidade de Cepta pello Ifante seu irmaaõ, nem ainda por seu filho herdeiro, ainda que cativo jovesse; e esta conclusom sosteve principalmente o Conde d'Arrayolos com outros muytos, pera que trouxe muytas auctoridades e razooens aprovadas pela Sancta Scriptura, e per exempros autorizados e dinos de feé; e foram taaes a que ElRey e seu Conselho muyto se inclinou, porque ho Conde era homem muyto experimentado por muyto sesudo e prudente, amigo e temeroso de Deos, e justificado e muy directo em todas suas obras, e por tal era estimado d'ElRei e do Regno, e certo bem mostrou Deos em sua vida, que sua teençom e serviço-lhe prazia, de que conseguiu por seu galardam merecer de ser nelle legitimamente ajuntada, a herança do Condestabre seu Avoõ, e a do Duque Dom Affonso seu Padre, e a do Conde d'Ourem seu irmaaõ com outra muyta, que por seus grandes merecimentos ouve da Corõa de Portugal; e neste Conselho que assy deu, respondeo mais como testemunha de vista aos apontamentos do Ifante Dom Fernando, impedindo muy onestamente ho effecto delles, com a verdade que directamente contrariavam, e elle vira e sabia; e quanto por esta cabeça pareceo que enfraquentava os requerimentos do Ifante com rezoões muy evidentes, tanto com outras muy licitas os afortelezou, pera ser muyta razam e devida obrigaçom, averem-no per qualquer outra maneyra tirar de cativo, nom soamente os Portugueses, mas todollos os Christaaõs, e os de Espanha principalmente, por se nom abrirem as portas para outra sua perdiçom dando-se Cepta, a qual elle e os de sua parte

affirmáram, que assy como sem expressa autoridade d'ElRey, aos Mouros se nom podia prometter per contrato, assy ElRey nom era obrigado de ho manfeer, seendo principalmente fecto em tempo e caso assy necessitado e perigoso, que huum constante baram pera salvar-se o podera entam prometter, e despois nom ser ao cumprir de directo obrigado; quanto mais seendo cousa muyto contra serviço de Deos, e honrra d'ElRey e do Regno, trazendo pera cada huuã destas cousas muytas autoridades nom vulgares, e razooens muy efficazes que no mesmo caso consirados os inconvenientes delles, facilmente se pôdem entender; e por tanto escusey por brevidade assentallas, assy por extenso como as achei per elle escriptas.

## CAPITULO XLI.

*Como ElRey tomou das Cortes por mais expediente mêo, dilatar ho caso, e fazello saber ao Papa, e aos Reys Christãos.*

ESTES conselhos ouve ElRey todos á sua maaõ, e nom podia sobre elles consirar, que de cada huum nom ficasse muy triste; porque se executasse o voto dos Ifantes, e dêsse aos Mouros Cepta como aconselhavam, achava em seu juizo grandes contradicções, ca por serem irmaaõs do Ifante Dom Fernando seu conselho era sospeito, e mais por seer a teençom que menos vozes seguiron, e principalmente punha ante sy, que perdia a mayor honrra que Portugal tinha guanhada, e arrancava, de sua Corõa o titulo do Senhorio de Cepta que ElRey Dom Joham seu Padre tam honrradamente ganhára, e lho leixára em sua sepultura excripto

em Pedra sobre seus ossos, mais pera ho elle acrecentar, que minguar; e que emfim tanta honrra e tam boõ nome, se perdia por huuã pessoa mortal, que em sayndo do cativeiro podia logo morrer, e principalmente pera o fazer achava-se muyto impedido por amoor parte do Conselho lho contradizer, lembrando-se quanta paixam e represam tinha recebido, por cometer no principio este facto contra conselho e vontade dos mais e mais principaaes do Regno, o que fôra causa do fim desastrado delle. Tambem doutra parte se ho nam fizesse era sua alma de grande door atormentada, leyxando perder em podêr de Infiees huum irmaaõ legitimo muyto amado, e que por seu serviço posera sua vida em penhor, e por salvaçom de muytos seus Vassallos, e por tanto lhe parecia ingraticam consentir em morte desonrrada, a quem devia dar vida com honrra e nobres titulos; e finalmente despois de muytos debates que ouve, consigo mesmo e com seu conselho, tomou por conclusam dilatar a redençom do Ifante atê ho notificar ao Papa, e aos Reys e Principes Christaaõs com que tynha razom, a que sobre este caso envyrou com piedosos respectos pedir conselho ajuda e favor, dos quaaes ElRey como quer que sua necessidade outra ajuda requeresse, nom ouve mais que promessa de rogarem a Deos por ho boõ e prospero fim do caso, e da hy ávante louvando muyto tam sancto e tam piedoso exempro de fiel Catholico, como fôra ho do Ifante Dom Fernando por se dar nas maaõs dos Infiees por salvar aos Christaaõs, contradizendo todos com vivas razoões a ver-se de dar Cepta por elle, offercendo pera qualquer outro seu remedio e deliberaçam palavras doces e confortativas, e porêm muy ysentas de obrigaçom pera as obras que mais eram necessareas.

## CAPITULO XLII.

*Como ho Ifante Dom Fernando foy levado a Feez,  
e ElRey se vio com ho Ifante Dom Anrrique,  
e do que sobre o caso do Ifante  
passaram.*

Estas noteficações fez ElRey de Leyréa acabados os Conselhos; e dahy se partio loguo pera a Cidade d'Evora, onde foy avisado que Lazeraque Maim de Abdelac Rey que entom era de Feez, vendo que a entrega de Cepta se refusava e nom se compria como pelo contracto esperava, levava d'Arzila pera Feez ho Ifante Dom Fernando, de que ElRey mostrou grande nôjo e sentimento, especialmente porque ho Ifante lhe escrepveo d'Arzilla as ásperas mudanças que em seu cativeyro já começava de receber, pedindo-lhe sua redençom com palavras assy de razom, e piedosas, que moviam os olhos d'ElRey pera muytas lagrimas, e punham seu coração em muyta tristeza; e porque atéé este tempo que era Junho do anno de mil quatrocentos trinta e oyto annos, ainda depois do cêrco nom vira ho Ifante Dom Anrrique que já era no Algarve, nem tynha neste fecto visto seu intimo e determinado parecer, porque conhecia delle que era Principe inclinado ao serviço de Deos, e assáz prudente e de muy esforçado coração, desejou muyto de se veer com elle pera o saber: e para isso lhe escrepvêo, encomendando-lhe que loguo fosse com elle; porque de veer sua pessoa tinha muyto desejo, e de seu conselho muyta necessidade. E o Ifante como tinha lealdade e obediencia por principaaes virtudes, cuberto de doó se veeo loguo a Portel quatro legoas

d'Evora, donde enviou pedir a ElRey por mercee que ho escuzasse d'entrar na sua Corte. Aa qual seu proposito era nom vir, atee que a ella nom trouxesse ho Ifante Dom Fernando seu irmaaõ, donde ho levára, pelo qual ElRey por lhe satisfazer se foy aforrado a Portel, onde se viram, e despois que falláram e praticáram sobre as cousas que lhes pareceram necessareas, o Ifante se tornou pera ho Algarve, e ElRey pera Evora, muy suspenso e com a cara sem alguã mostrança de prazer, porque segundo se despois soube, achou ho Ifante muy firme em Cepta por alguã maneyra se nom dar aos Mouros, assy por nom ser serviço de Deos principalmente, como por elles quebrarem e nom guardarem ho contracto, e noni seer razom, que por isso lho comprissem, affirmando que quando insistira pera ficar em a refens como o Ifante ficára, nom fôra com outro proposito e fundamento, salvo em nom consentir que Cepta se dêsse aos imygos por elle, e que folgára dar por isso a Deos sua vida e liberdade em offerta; e que ainda nom estava fóra dêsse desejo, pois a nom poderá melhor empregar, e isto que ambos alli passáram revelou despois ElRey, e que tambem ambos praticáram sobre o resgate do Ifante, que podia ser a dinheiro, ou por grande numero de cativos, que em Espanha se podia aver, de que tomariam por medianeyro e segurador ElRey de Graada, e que, quando cada huuã destas cousas, ou ambas nom satisfizessem aa sua soltura, que entam ordenasse passar muy poderosamente em Africa, esforçando-se ho Ifante e afirmando, que pera ElRey resistir e dar batalha a todos los Reys Mouros que sobre si vira, e esperar d'elles certa victoria, que nom era mais gente necessaria que vinte e quatro mil homeens, a saber seis mil de cavallo, e seis mil Beesteiros, e doze mil homens, de peé, os quaaes poderia passando muy bem

ajuntar, assy de seu Reyno, como do sReys Christaaõs seus parentes e amigos que pera yssso devia requerer, e elles com justa causa e razom satisfazer a seu requerimento, dando-lhe o Ifante sobre yssso grandes esforços, e minguando na desaventura do caso passado, por acrecentar nelle algum prazêr e descanso, que pello caso ser tam rezente nom podia receber em seu coração.

### CAPITULO XLIII.

*Como ElRey e os Ifantes por causa da pestenença, se afforrâram e apartârom, e como ElRey se foy a Tomar onde faleceo, e quaaes foram as tençoões de sua morte.*

**P**OR quanto sobrevêo pestenença em Evora, ElRey e a Rainha com seus filhos se foram a Aviz, onde tambem eram o Ifante Dom Pedro, e o Ifante Dom Joham, e o Conde d'Arrayolos, e outras pessoas principaaes e Fidalgos do Regno com que ElRey per nêcessidade do tempo, e por muytas outras cousas que occuriam era necessario teer muytas vezes conselho. E no mez de Julho chegou alli de Cepta Dom Duarte de Menezes, filho natural do Conde Dom Pedro, que fôra primeiro Capitam de Cepta, com Dona Lianor sua irmaam legitima, ca pelo falecimento do dicto Conde, e hida do Conde Dom Fernando, seu genro, por Capitam a Cepta, como se disse, nom quiseram estar mais na Cidade, e se vyeram a ElRey, de que foram mui graciosamente, e com assas honrra recebidos. E porque ElRey ainda nom vira Dom Duarte fallando com elle, como quer

que fosse muy mancebo, porque em todaalas cousas ho achou de boom siso e descripçom, álle do esforço de seu coraçom, que muytas vezes fôra experimentado, ho fez de seu Conselho; porque ainda em aquelle tempo se nom dava tal honrra, salvo a homens de limpo sangue, e por sy muy entendidos e prudentes. E quando ElRey vio, e conheceo bem seu entender e descripçom, que era muyto em contrayro, do que lhe fizeram entender que nom era para ter a Capitania de Cepta, quando lhe foi pedida pera quem casasse com Dona Lianor sua irmaam, poendo os olhos nelle, e com vontade magoada perante os Ifantes, e outros senhores que eram presentes, lhe disse: «Dom Duarte, perdõe Deos a quem de vós me nom disse a verdade do que eu vejo, e conheço em vós muí claro; e assy a quem contradisse vossa vynda quando sobre o requerimento da Capitania de Cepta desejei de vos veer; porque, se vos vira, ou verdadeiramente me disséram o que há em vós, eu pôlla dar a hum meu filho vo-la nom tirara; pois tam verdadeiramente vos pertencia: mas, porque já agora nom pôde ser, contentayvos em tanto com serdes meu Alferes Moor, como era o Conde vosso Pay, e assi de averdes o Castello de Beeja com suas rendas: e daqui em diante vossos merecimentos, e serviços sam taaes, que elles por si vos requererám aquella mercee, honrra, e acrecentamento que bem merecees, de que serey sempre bem lembrado. Dom Duarte lhe beijou por isso as maaõs, e lho remerceou, como taaes obras com tanta boa vontade requeriam; e despois, os dias que ElRey vivêo, foy delle mui estimado, e o casou logo com Dona Isabel de Mello, molher que fôra de Joham Rodrigues Coutinho, que pouco avia morrera em Cepta, como já disse; porque era Dona virtuosa, e tinha boa erança: e della ouve Dona Maria de Meneses,

Condessa que depois foy de Monsanto. E porque no Regno geeralmente avia pestenença, specialmente naquellas Comarcas, e a Corte pelas necessidades passadas andava mais acompanhada, do que ho tempo requeria; por se evitarem perigos contagiosos, que se podiaom seguir, acordou El-Rey com os Ifantes, e Senhores, que cada hum se apartasse onde quizesse, pera melhor se poderem guardar. Ho Ifante Dom Pedro foy a Coimbra, e o Ifante Dom Joham a Alcacer do Sal, onde tinham suas molheres: e ElRey no fim d'Agosto do dito anno de mil quatrocentos trinta e oyto se partio d'Aviz com a Rainha sua molher e filhos, e foy aa Ponte do Soor, onde pera repayro dos caminhantes, e alguuma segurança do Regno mandava fazer huma cerca que ainda ora está começada; e dahy se foy a Tomar, e pousou nos Paços da Ribeyra, onde loguo adoeção de febre mortal, que doze dias nunca o leixou: e entrando nos treze, que eram nove dias de Setembro, anno de mil quatrocentos trinta e oyto, em que grande parte do Sol foy cris, deu sua alma a Deos jaa nos Paços do Convento a que foy levado; e vivêo quorenta e sette annos, e regnou cinco e vinte cinco dias: e certo, segundo ho grande arrependimento de seus pecados, que mostrou, e a fervente devaçom com que todollos Sacramentos recebeo, e o testamento de descargos que fez, assy he de crer piedosamente. E porque sua morte pareceo ser aquem do termo da vida, que naturalmente nelle se esperava, foy de todos sua vida muy desejada, e sua morte muy sentida; e nom era sem causa; porque nelle avia qualidades e perfeições para assy seer. E por tanto, pella impaciencia que de seu fallecimento em todos avia, todos ho choravam e pranteávam, como que todos se vissem com elle acabar. E na causa de sua morte assy arrebatada, em sette muy singulares

Fisicos seus e dos Ifantes, que hi foram juntos, ouve muitas openioões; huuns disseram, que, quando' passára pela Ponte de Soor mostrando rijamente com a maaom direyta a altura de hum Cubêlo que hi mandava fazer, se desencaixára o braço, a que depois correra humôr com que se apostemou, de que sua fim se causára: outros tynham, que fôra febre muy aguda: e outros, que fôra pestenença: e porém a teençom em que os mais se affirmáram, que a ElRey causára sua morte, foy a desigual tristeza e continoa paixaaam que pella desventura do socedimento do cerco de Tanger tomou; e nom pela teençom e emprêsa nom ser em sy sancta e boa e tal, que por ella merecia a gloria e louvor que já outros ouvêram; mas por se nom fazer, como devia: e porque El-Rey aquella hida dos Ifantes nom soómente a consentio sem o conselho que devera; mas ainda contra conselho e vontade dos mais e de moor auctoridade com que se nella aconselhou, como a traz já se disse: e a lembrança desta culpa lhe deu tanta pena e tormento, que seu coração com rebates de door, que continoadamente recebia, se apostemou em tanto graao de que acabou sua vida; porque o meo que se no descerco de Tanger tomou, o pôz em hum de dous extremos mortaaes; porque ou avia de perder Cepta, pedra tam perciosa de sua Corôa, e daila aos Mouros; ou leyxar em seu podêr, para morrer desesperado, ou com nome de desemparado, o Ifante seu Irmaaom, que por seu serviço e por salvaçom de seus Vassallos se oferecéra e posera em tamanho perigo. E nesta causa nom acrecentou pouca payxam a ElRey em saber que publicamente o culpavam, que fezera isto sem prazer, nem consentimento de sy mesmo, forçado de rogos da Rainha sua Moller, que por pagar ao Ifante Dom Anrique, e ao Ifante Dom Fernando a adopçam que ao Ifante

Dom Fernando seu Filho d'ElRey e da Rainha fizeram, entreviera nisso, e o acabára; em caso que ho principio nom parecia entam de tanto erro, como o fim socedeo desastrado; pelo qual seendo sua morte, segundo a opiniam dos mais, por desobediencia, e desprezo do conselho finalmente causada, fica por claro exempro aos que cousas publicas regem, que mais esperança de bem, e moor descanço teeram suas vidas, pera com honrra e louvor viverem, errando-se o fim desejado das cousas seguindo devído conselho, que conseguyllo sem elle per comissam de fortuna, ou per apetitosa vontade.

#### CAPITULO XLIV.

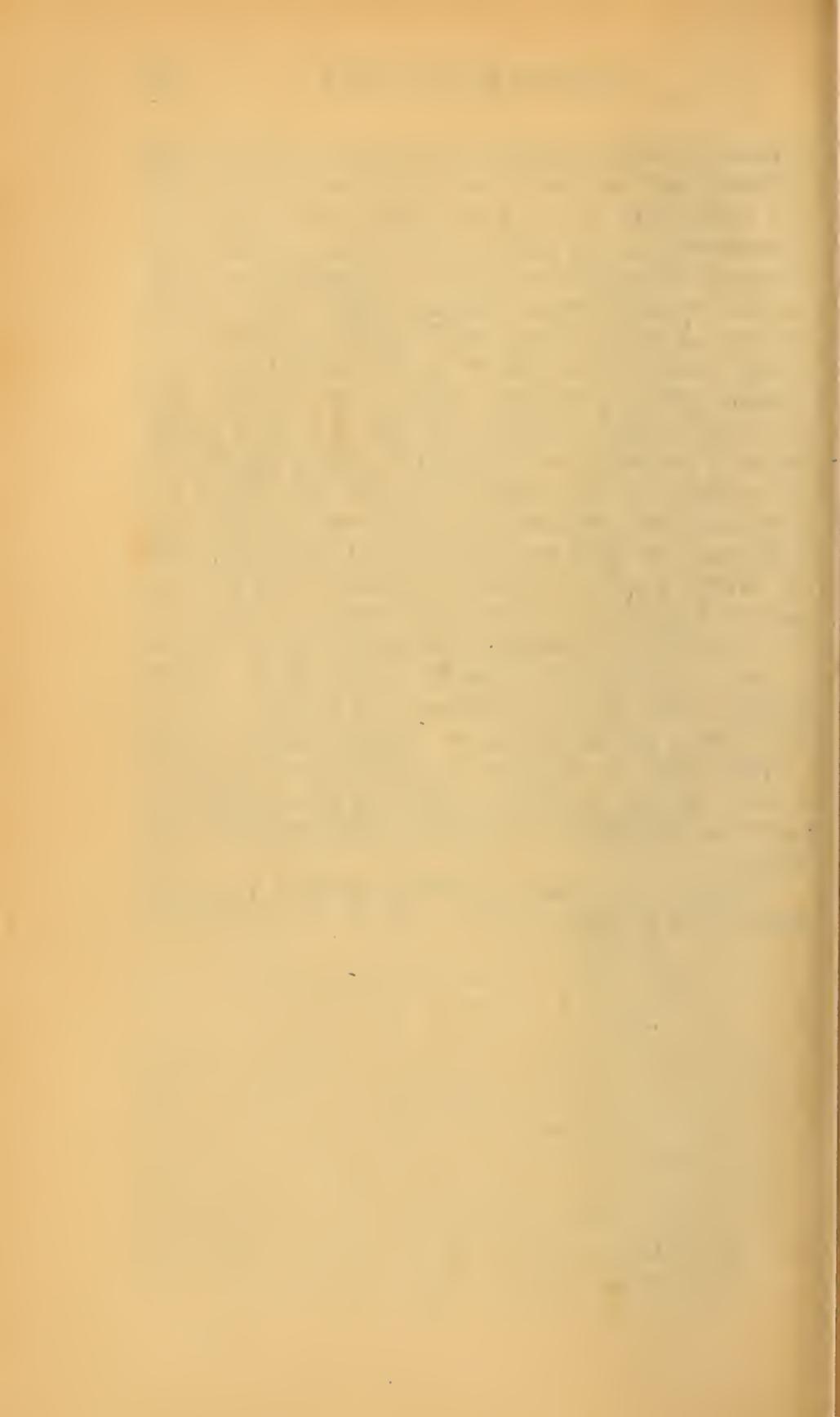
*Como ho Côrpo d'ElRey foi levado ao Moesteiro da Batalha, e ho Príncipe Dom Affonso seu Filho alevantado por Rey, e se vio seu testamento.*

TANTO que ElRey adoeceo, porque seus synaes e accidentes nom pareceram de vida, os Ifantes e Condes d'Arrayolos e Barcellos foraõ loguo de sua doença e perygosa desposiçam avisados, salvo ho Ifante Dom Joham que por ser doente, a Ifante sua Molher teve maneyra, que atée ser convalecido nem a doença, nem a morte d'ElRey lhe nom fossem descubertas. Como quer que cada huum com toda diligencia apressasse sua vynda pera ho ver, nom se acertou ao tempo de seu falecimento, salvo ho Ifante Dom Pedro, que veeo de Coimbra, o qual por dar ordem aas cousas que ho tal tempo requeria despensou algum tanto

com seu retraymento e principalmente com sua door e tristeza, que, segundo as mostranças de suas palavras e obras, certo parecerom cabo de sentimento, a que em tal caso se podia chegar. Foy o Corpo d'ElRey loguo metido em huuma tumba, e com tochas e cruces e Religiosos e Clerigos e com outra nobre companhia levado a sepultar ao Moesteiro da Batalha, onde foy sepultado junto com o Altar Moor. E o Ifante Dom Pedro ficou, e nom foy com elle, pera ordenar o alevantamentõ do Principe Dom Affonso em Rey, que com a devyda cerimonia se fez no outro dia quinta feyra, dez dias de Setembro, como na Cronica d'ElRey Dom Affonso mais largamente he escripto. Per fallecimento d'ElRey ficárom legitimos dous filhos, e quatro filhas, a saber, o Principe Dom Affonso primogenito herdeyro, que logo foy por Rei alevantado, e obedecido em idade de seis annos, e hia para sete; e o Ifante Dom Fernando, que logo foy jurado por Principe herdeiro, quando d'ElRey seu Irmaom ao tempo de seu fallecimento nom ficasse filho legitimo socessor; e a Ifante Dona Filipa, que em idade de onze annos, loguo a poucos dias falleceo de pestenença em Lisboa; e a Ifante Dona Lianor, que depois foi Emperatriz d'Alemanha, casada com ho Emperador Frederico, e a Ifante Dona Caterina, que sem casar acabou sanctamente sua vida, e seu corpo jáz em Sant'Eloy de Lixboa; e a Ifante Dona Johanna, de que a Raynha ficou prenhe, que foy depois Raynha de Castella, casada com ElRey Dom Anrique o Quarto deste nome. E a Raynha assy como jazia revolta em lagrimas e burell por comprir o que devia e lhe era encomendado, enviou pedir ao Ifante Dom Pedro, e a Dom Pedro Arcebispo de Lixboa seu Primo della, que com as principaaes pessoas e do Conselho que hy ficáram, fossem, como loguo foram, honde estava, e

perante Notayros publicos fez abrir o testamento d'ElRey, em que antre outras cousas foy achado ella sem ajuda doutra pessoa ficar em solido Testamenteyra de sua alma e Titor e Curador de seus Filhos e Regedor do Regno e Herdeira de todo movel: e assy leyxou encomendado, que por dinheiro, ou por algum outro partido tirassem ho Ifante Dom Fernando de podêr de Mouros; e quando per esta maneyra nom fosse possivel, que toda via Cepta se dêsse por elle. Da qual cousa loguo a Raynha por sua guarda tomou estromentos publicos; e por entom começou loguo usar do Regimento inteiramente sem alguma publica contradicôm: na qual governança per determinações de Cortes que se despois algumas vezes fizeram antre a Raynha e o Ifante Dom Pedro ouve grandes divisões e mudanças, de que a ella se seguio e causou despois sua morte, e sua sayda destes Regnos com muyto trãbalho, e ao Regno e naturaes d'elle pouco descanso. Segundo esto, e assy o que sobre ho livramento do Ifante Dom Fernando se fez, na Cronica DelRey Dom Affonso, onde propriamente convem, compridamente se declãra.

Escripto per mim dicto Ruy de Pina Cronista Moor. *Deo gratias.*



# INDEX

## DOS CAPITULOS, QUE CONTE'M ESTA CHRONICA.

<i>Prologo da Chronica . . . . .</i>	69
<i>CAPITULO I. Em que summariamente se toca ho fallecimentro d'ElRey Dom Joham ho primeiro, e honde, e como seu Corpo logo foy sepultado . . . . .</i>	73
<i>CAP. II. Como ho Ifante Dom Duarte foy alevantado por Rey, e como foi aconse- lhado, que naquella ora se nom alevan- tasse . . . . .</i>	78
<i>CAP. III. Das feiçoões corporaaes, virtudes, e costumes d'ElRey Dom Duarte . . . . .</i>	81
<i>CAP. IV. De hum singular conselho que ho Infante Dom Pedro enviou a ElRey Dom Duarte seu Irmaaõ, ante de ho veer, des- pois de ser alevantado por Rey . . . . .</i>	83
<i>CAP. V. Como ho Ifante Dom Pedro veeo aa Corte, e como juráram o Ifante Dom Affonso por Princepe, e como se acordou, e fez a trelladaçam do Corpo d'ElRei Dom Joham para o Moesteiro da Ba- talha . . . . .</i>	88
<i>CAP. VI. Como ElRey se foi a Leyrea, onde lhe foi dada ha obediencia e feitas as menagees, e dahy se foi a Santarem teer Cortes, e do que nellas fêz . . . . .</i>	95
<i>CAP. VII. Como ElRey com seu Conselho entendeo nas cousas da Justiça, e seu</i>	

- Estado e Fazenda, e mandou fazer moedas.* . . . . . 96
- CAP. VIII. *Como ElRey enviou seus Embaixadores ao Concilio da Basilea, e a causa porque ho dicto Concilio se ordenou, e o que nelle foi determinado.* . . . . . 98
- CAP. IX. *Como ElRey leixou de fazer as festas que, no poér do Sancto Olio a seus filhos, ordenava: e esto por ElRey de Napoles e ElRey de Navarra e o Ifante Dom Anrrique, irmaaõs da Raynha, serem prêsos em Italia; em que se conthem a causa deste fecto.* . . . . . 104
- CAP. X. *De huuã falla que ho Ifante Dom Fernando fêz a ElRey, em que ouve fundamento a hida sua e do Ifante Dom Anrrique sobre a Cidade de Tanger em Africa.* . . . . . 108
- CAP. XI. *Como ElRey disse ao Ifante D. Anrrique a teençom e requerimento do Ifante Dom Fernando, e a resposta que ho Ifante lhe deu.* . . . . . 112
- CAP. XII. *Como ho Ifante Dom Anrrique pelo grande desejo que tynha da passagem d' Africa, teve maneiras como a Rainha ho ajudasse a aver licença d' ElRey pera ysso.* . . . . . 115
- CAP. XIII. *Como ho Papa enviou a ElRey a Bulla da Cruzada, e do que ho Ifante Dom Anrrique sobrisso lhe fallou, obrigando-o á licença da passagem em Africa: e como ElRey, a requerimento da Raynha e sem conselho, lha deu.* . . . . . 119
- CAP. XIV. *Como ElRey e ho Ifante acordaram a gente com que passariam em Africa, e a provisõo que lhe dariam, pera que conveo a ElRey lançar pedidos aos Povoos.* . . . . . 123

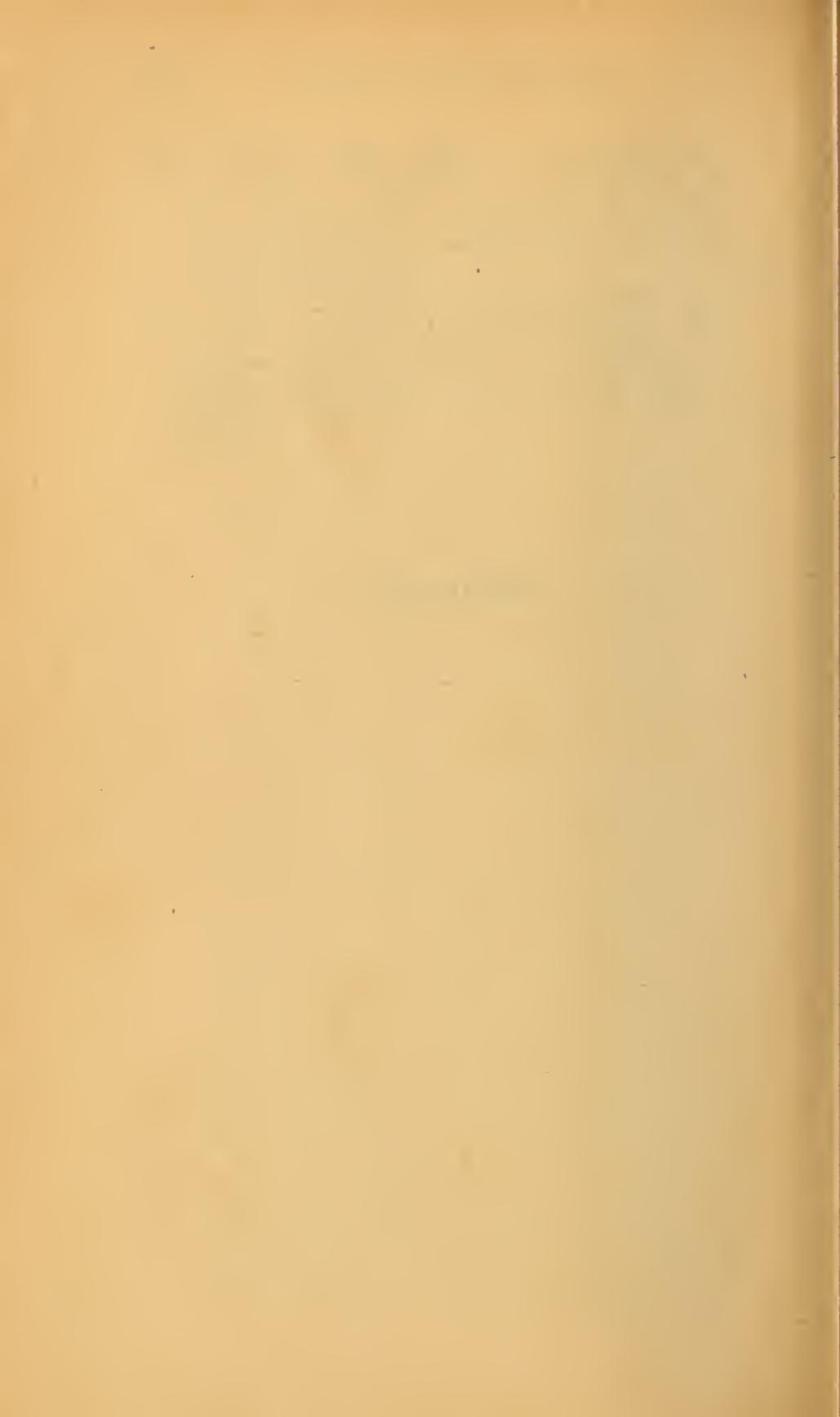
- CAP. XV. *Dos Capitaães e Fidalgos, e pessoas principaaes que ElRey pera este fecto ordenou, e o provimento que a ysso se deu.* . . . . . 125
- CAP. XVI. *Como ElRey pedio ao Ifante Dom Pedro, e ao Ifante D. Joham, e Conde de Barcellos, seus irmaaõs, conselho sobresta passagem, e lhes disse as razões que ho a ella moviam.* . . . . . 127
- CAP. XVII. *Do voto e conselho que ho Ifante Dom Joham deu aa proposiçam d'ElRey, sobre a passagem dos Ifantes em Africa.* . . . . . 130
- CAP. XVIII. *Do voto e conselho, que ho Conde de Barcellos, irmaaõ natural d'ElRey, lhe deu sobreste caso da passagem.* . . . . . 140
- CAP. XIX. *Do voto e conselho que ho Ifante Dom Pedro deu a Elrey, contradizendo a hida d'Africa.* . . . . . 140
- CAP. XX. *Como pareceo que ElRey queria estar pollo conselho do Ifante Dom Pedro, e da consulta que por isso fez ao Papa, e da reposta que lhe veeo; e como ElRey em fim non leixou de proseguir e aviar a armada para a passagem.* . . . . 145
- CAP. XXI. *Como os Ifantes partirom de Lixboa, e do Regimento particular que ElRey deu ao Ifante Dom Anrrique, e como chegárom a Cepta, e do que logo fizeram.* . . . . . 149
- CAP. XXII. *Como ho Ifante fez alardo, e da pouca gente que achou, e como foy aconselhado que nom cometesse ho cerco de Tanger, e ho nom quiz fazer.* . . . . 152
- CAP. XXIII. *Como ho Ifante mandou fazer os caminhos que atravessam a Ximeira, para hir a Tanger mais directo, e o enconviniente que ouve a se nom fazer: e*

- como o Ifante partio de Cepta e foi per Tutuaõ e Val d'Angera atee Tanger, e na ordenança em que sayo e foy. . . . .* 154
- CAP. XXIV. *Como ho Ifante chegou à Tanger e assentou seu arrayal e do combate e peleja que se logo azou em chegando. . . . .* 157
- CAP. XXV. *Do primeiro combate que se deu aa Cidade, e como foy repartido. . . . .* 159
- CAP. XXVI. *Como ho Ifante, para dar ho segundo combate, entendeo em proveer melhor os engenhos e artelharias, e d'alguaãs pellêjas e cometimentos de batalhas, que entretanto se seguiram. . . . .* 160
- CAP. XXVII. *De huuã pellêja que ho Ifante ouve com os Mouros de fora, e do combate que os da Cidade derom aos do arrayal. . . . .* 164
- CAP. XXVIII. *Do segundo combate que se deu aa Cidade, e do effecto que ouve. . . . .* 166
- CAP. XXIX. *Como ho Ifante quisera dar ho terceiro combate, e como se estorvou pella gente contrayra que sobrevêo. . . . .* 167
- CAP. XXX. *Como ho Ifante e os seus foram dos Mouros cercados e combatidos no pellanque, e das muytas afrontas que padecêrom. . . . .* 170
- CAP. XXXI. *Do conselho que os Reis Mouros antre si tiveram sobre ho combate que aos Christaaõs dariam como dêrom. . . . .* 172
- CAP. XXXII. *Como foram os Christaaõs ontra vez combatidos, e como se começou per os Mouros de mover partido, que, por salvaçom do arrayal, se desse Cepta. . . . .* 175
- CAP. XXXIII. *Como os Christaaõs começaram de mudar o pellanque contra ho mar e das necessidades mortaaes que sofriam, e como se concordârom cõ os Mouros, e*

- lhe entregáram por a refens ho Ifante Dom Fernando, e elles ho filho de Çala Bem-çala, e da maneyra que se nisso teve. . . . .* 180
- CAP. XXXIV. *Como sem embargo do contrato, en quebramento delle, os Christaaõs foram dos Mouros combatidos, e como com grande pena se recolheram ao mar. . . . .* 183
- CAP. XXXV. *Como ho Ifante Dom Anrique se recolheo ao mar, e reteve ho filho de Çala Bem-çalla, e alguns seus Officiaaes, e se foy a Cepta. . . . .* 187
- CAP. XXXVI. *Como ElRey D. Duarte foy primeiramente avisado do cerco em que seus irmaaõs estavam, e despois como ho fecto todo passou, e do que sobre isso fez. . . . .* 188
- CAP. XXXVII. *De quam virtuosamente os Andaluzes se ouverom com os Portugueses que vynham do cerquo. . . . .* 191
- CAP. XXXVIII. *Como ho Ifante Dom Anrique notificou o caso do cerco a ElRey seu irmaaõ, e assy a ElRey e a outros grandes de Castella, convocando-os aa redençom do Ifante. . . . .* 192
- CAP. XXXIX. *Como ElRey teve Cortes em Leiria sobre a redempçam do Ifante, e do que se nellas prepoz . . . . .* 193
- CAP. XL. *Como ho Conselho dos das Cortes foy devyso em quatro teenções desvayradas, e quaaes foram os que as sosteverom. . . . .* 196
- CAP. XLI. *Como ElRey tomou das Cortes por mais expediente mêo, dilatar ho caso, e fazello saber ao Papa, e aos Reys Christaãos . . . . .* 199
- CAP. XLII. *Como ho Ifante Dom Fernando foy levado a Feez, e ElRey se vio com ho Ifante Dom Anrique, e do que sobre o caso do Ifante passaram. . . . .* 201

- CAP. XLIII. *Como ElRey e os Ifantes por causa da pestenença, se afforrãram e apartãrom, e como ElRey se foy a Tomar onde faleceo, e quaaes foram as tençoões de sua morte . . . . .* 203
- CAP. XLIV. *Como ho Côrpo d'ElRey foi levado ao Moesteiro da Batalha, e ho Principe Dom Affonso seu Filho levantado por Rey, e se vio seu testamento . . . . .* 207

ANOTAÇÕES



## ANOTAÇÕES AO “ESTUDO CRÍTICO” (1)

(Pag. 10) *O fim nacionalizador do ensino da historia:* É nossa opinião, como já accentuámos, que a educação historica, em Portugal, neste momento, deve tender, especialmente, a despertar e avigorar o sentimento da nacionalidade, creando nos portuguezes um fundo e consciente amôr ás suas cousas, confiança no seu esforço, altas necessidades moraes e um ideal colectivo. Herculano (« Cartas sobre a Historia de Portugal », nos « Opusculos », tomo II, das « Controversias e estudos historicos », 2.<sup>a</sup> ed., pag. 135) reconhece já que o sentimento da nacionalidade, entre nós, está esmorecido e quasi apagado, não sabe se por culpa nossa se alheia, entendendo que é á edade-media que devemos remontar, se porventura queremos vigorá-lo, pois foi nos fins do seculo XV que se completou a virilidade da nação portugueza, começando, immediatamente, a sua decadencia como corpo social.

(Pag. 10) *A decadencia de Portugal revelada por Camões:* O grande Epico comprehendeu, admiravelmente, que, depois de realisada a obra das Navegações, entrámos num periodo de decadencia que a educação jesuitica e a Inquisição vieram agravar, enfraquecendo-nos a vontade e entenebrecendo-nos a alma. Revelou-o nos « Lusíadas », Canto x, est. 145.<sup>a</sup>:

« Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de vêr que venho  
Cantar a gente surda e endurecida;  
O favor com que mais se acende o engenho

(1) Na esperanza de que será possível, d'algum modo, popularisar a leitura dos volumes que constituirão a « Bibliotheca Lusitana », acompanhámos este de notas sobre assumptos que suppomos conhecidos de leitores illustrados. Desejariamos fazer edições para o pòvo e, especialmente, para as escolas, e, nesse caso, as notas do presente volume são, reconhecêmo-lo, insufficientes. Em outros volumes, procuraremos torná-las mais completas, tanto quanto o permittirem as circumstancias.

Não no dá a Patria, não, que está mettida  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 D'uma austera, apagada e vil tristeza ».

(Pag. 12) *O Sebastianismo*: Fallâmos, incidentalmente, da « lenda sebastianista », identificando, na interpretação que lhe dâmos, o pòvo portuguez, na sua anciedade de viver, com D. Sebastião que, para elle, representava a patria. O « Sebastianismo » é, assim, um symptoma de vitalidade, um esforço da alma lusitana para se libertar dos varios elementos que a desnacionalisavam, uma esperança de continuo renascimento. Talvez haja demasiado optimismo em tal interpretação, a contrastar com o pessimismo de Oliveira Martins. Escreve o grande historiador :

« O Sebastianismo era, pois, uma explosão simples da desesperança, uma manifestação do genio natural intimo da raça, e uma abdicação da historia. Portugal renegava, por um mytho, a realidade; morria para a historia, desfeito num sonho; envolvia-se, para entrar no sepulcro, na mortalha de uma esperança messianica (« Historia de Portugal », tomo II, ed. de 1908, pag. 83).

Não estranhará estas palavras de Oliveira Martins quem souber que, para elle, os « Lusíadas » « cantam um passado e são um epitaphio ». Mas nós pensâmos, differentemente: os « Lusíadas », são um hymno em que a nota mais viva é a da Esperança, hymno de glorificação do « illustre peito lusitano » que se cansara, mas não morrera. O « Sebastianismo » é a lembrança do passado e o desejo de o reviver, mais perfeito. (1) « Sebastianismo » e « saudosismo » conciliam-se. Que nos perdôe estas herezias, não Oliveira Martins, mas José Agostinho de Macedo, o immoralissimo e mediocre poeta dos « Burros » e admiravel prosador da « Besta esfolada ». Para elle, o « Sebastianismo » foi apenas uma arma forjada pelos jesuitas, primeiramente para socegarem o povo e depois para se insinuarem no espirito de João IV e metterem-se no paço. Ora registemos, por curiosidade, uma passagem de « Os Sebastianistas », obra de José Agostinho que suppômos pouco conhecida :

« Viram estes homens (os jesuitas, particularmente o P.<sup>e</sup> Antonio Vieira e Manuel Fernandes), sempre moquencos, sempre dissimulados, e verdadeiros Gatos na melancolia, e na caça, que subira ao Throno o Senhor Rei D. João IV; era preciso que elles entrassem no governo, que não desamparassem

(1) Aplicâmos, aqui, a definição de saudade de Teixeira de Pascoaes. Vide, a proposito das considerações que ficam feitas, um artigo de Jayme Cortesão, publicado na *Agua*, V volume, 2.a serie, pag. 142 e 143, e intitulado « Idealisação legendaria do povo portuguez ».

o Paço, que se possassem da educação do Príncipe D. Theodosio, que Jacintho Freire de Andrade tinha rejeitado; era preciso dissimular o antigo odio, e introduzir-se na boa graça daquelle grande Monarca; era preciso, para o lisongear, mostrar que elle era o Rei promettido, o Rei encoberto, o Rei em que se havia de animar a XVI geração attenuada. Eis repentinamente aparece a alluvião das trovas, e dos trovistas, mostrando nellas, como logo veremos, que elRey D. Sebastião era o morto, e o sr. D. João IV o encoberto, e isto com os mesmos commentarios que tnhão servido para mostrar a existencia e a vinda d'elRey D. Sebastião » (Vide obra cit., ed. de 1810, pag. 39 e 40 da 1.<sup>a</sup> parte).

(Pag. 12) *Camões e a expedição a Alcacer-Kibir*: É innegavel que Camões incitou D. Sebastião a realizar a expedição a Alcacer-Kibir, e fê-lo, porque via nella a reabilitação da patria. É o que se conclue dos « Lusíadas » (Canto I, est. 6.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup> e 16.<sup>a</sup>, e parte final do Canto X) e, especialmente, d'uma « epistola » que começa « Mui alto Rei, a quem os Ceos em sorte », dirigida áquelle monarcha. Sobre a partida da armada e os sentimentos que dominavam Camões, nesse momento, vide a obra de Oliveira Martins « Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal », ed. de 1891, pag. 108 a 119.

(Pag. 14) *O Velho do Restello*: Constitue este episodio dos « Lusíadas », que é um dos mais bellos, senão o mais bello do poema, a parte final do Canto IV. Poderá alguém entender que Camões interpreta ahi um sentimento colectivo: a dôr dos humildes que, não comprehendendo o alcance da obra das Navegações, viam apenas que ella era realisada á custa do seu esforço e da sua vida. Supporão outros que o Poeta pretendeu pôr, com nitidez, o problema africano, condemnando o abandono á que fôra votada a Africa, no tempo de D. João 3.<sup>o</sup>. Tudo isto se contém naquelle admiravel episodio, mas, acima de tudo, elle revela a anciedade de perfeição moral que só as almas grandes, como a de Camões, pôdem idealisar e viver.

(Pag. 14) *Gil Vicente e a decadencia de Portugal*: O creador do Theatro portuguez, cuja vida decorre dos fins do seculo XV a meados do seculo XVI (1470? a 1540) e cuja obra tem um caracter profundamente nacional, pelo seu aspecto popular, religioso e patriótico, comprehendeu como a obra das Navegações e das Descobertas, pondo-nos em contacto com o Oriente, contribuiu para a nossa decadencia moral e social. Deprehende-se isso, por exemplo, da tragi-comedia « Exhortação da Guerra » (« Obras de Gil Vicente », ed. do sr. Dr. Mendes dos Remedios, tom. I, pag. 208 a 221), de que destacâmos, entre outras passagens caracteristicas, a seguinte:

« Oh! deixae de edificar  
 Tantas camaras dobradas,  
 Mui pintadas e douradas,  
 Que he gastar sem prestar.  
 Alabardas, alabardas!  
 Espingardas, espingardas!  
 Não queirais ser Genoezes,  
 Senão muito Portuguezes,  
 E morar em casas pardas.  
 Cobrae fama de ferozes,  
 Não de ricos, qu'he p'rigosa;  
 Dourae a patria vossa  
 Com mais nozes que as vozes ».

. . . . .

É ainda particularmente reveladora de que Gil Vicente viu a transformação moral que se exerceu em nós, depois que chegámos ao Oriente, uma passagem da Farça chamada « Auto da Índia » (Ed. cit., tomo II, pag. 256 a 269), a que já fizemos referencia e que registámos, agora, textualmente:

« Fomos ao rio de Meca,  
 Pelejámos e roubámos,  
 E muito risco passámos »

. . . . .

(Pag. 18) *Amadis de Gaula*: A novella de cavallaria d'este nome, que se filia nas canções de gesta francezas e que tem como base a absoluta fidelidade no amôr, foi redigida em prosa, originariamente em Portugal, no seculo XIV, por Vasco de Lobeira. Suppõe-se que existira uma redacção primitiva feita pelo pae d'este, de nome João Lobeira e contemporaneo de D. Diniz, e que Pedro Lobeira, por iniciativa do Ifante D. Pedro, Duque de Coimbra, introduzira algumas modificações na redacção de Vasco de Lobeira. (Vide « Historia da Litteratura Portugueza. I Edade Média », do sr. Theophilo Braga, ed. de 1909, pag. 299 a 346). O original portuguez, que não chegou a ser impresso, perdeu-se, definitivamente. Nos meados do seculo XVIII, existia apenas um exemplar do precioso manuscripto, que era propriedade do Duque d'Aveiro, exemplar esse que desapareceu, por occasião do terramoto de 1755. Tal desaparecimento determinou que se começasse a considerar como o original do « Amadis de Gaula » uma traducção hespanhola de Montalvo, feita nos fins do seculo XV. Ha, felizmente, provas de que nos pertence a prioridade da redacção da novella que foi traduzida e adaptada em diversos paizes, exercendo, assim, como diz o sr. Theophilo Braga, uma plena hegemonia nas litteraturas modernas. (Vide sobre este problema: « Novos Ensaios Criticos », de Pinheiro Chagas, ed. de 1890, pag. 77 a 83; « Opusculos », de Alexandre Herculano, tomo I da « Litteratura », 2.<sup>a</sup> ed., pag.

87 a 99; «The Romance of Amadis of Gaul», por Henry Thomas, annunciada na «Revista de Historia», 1913, n.º 8, pag. 297; e o referido trabalho do sr. Theophilo Braga.

(Pag. 19) *Antologia de poetas líricos castellanos*: O tomo VII deste notavel trabalho do eminente crítico hespanhol, D. Marcelino Menéndez y Pelayo, tem, para nós, particular interesse, não só porque trata dos poetas do «Cancioneiro Geral», de Garcia de Rezende, mas ainda porque encerra (pag. 163 a 225) um admiravel estudo sobre a obra vicentina.

(Pag. 20) *Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão*: Pertencem ao seculo XVI (Época de esplendor, escola nacional) estes dois poetas, que são dos maiores de Portugal pela belleza lyrira da sua obra e pelo que esta revela da alma amorosa portugueza. O primeiro escreveu, além de cinco «éclogas», a novella «Menina e Moça» ou «Saudades», e o segundo, a «Ecloga Chrisfal», obras estas que fazem parte da 1.ª serie, já annunciada, da «Bibliotheca Lusitana». Negou-se a existencia de Christovão Falcão, como poeta, pretendendo-se reivindicar para Bernardim aquella «écloga», que é porventura a mais bella poesia d'amôr portugueza, mas não se produziu ainda argumento nenhum de valor comprovativo de tal opinião.

(Pag. 21) *Fernão Lopes*: São escassissimos os elementos para a biographia de Fernão Lopes. Ignora-se a data do seu nascimento, como não se sabe, ao certo, o anno em que morreu. Pode apenas affirmar-se que nasceu no ultimo quartel do seculo XIV, por 1380, pouco mais ou menos, e que ainda vivia em 1459. Foi secretario de D. Duarte, emquanto infante, e de D. Fernando, sendo nomeado, em 1418, por D. João I, guarda do Real Archivo, logar que exerceu durante trinta e seis annos, e no qual foi substituído, com o seu consentimento, por Gomes Eannes d'Azurara, quando, sentindo-se velho e fraco, reconheceu que não podia continuar a desempenhá-lo.

(Pag. 28) *Gomes Eannes Azurara*: Ignora-se, como a respeito de Fernão Lopes, a data do seu nascimento, suppondo-se que morreu em 1474. Entrou muito novo na ordem de cavallaria de Christo. Além de guarda da Torre do Tombo, foi bibliothecario da livraria real, recebendo de D. Affonso V varias doações. Azurara, que visitou a Africa, com o fim de se informar dos logares sobre que tinha de escrever, deixou, além das duas chronicas já referidas, mais as seguintes: «Chronica de D. Pedro de Menezes» e «Chronica dos feitos de D. Duarte de Menezes», publicadas ambas na «Collecção de livros inéditos de historia portugueza», respectivamente no tomo II e III.

(Pag. 34) *Damião de Goes*: É um dos maiores historiadores portuguezes do seculo XVI, destacando-se, póde dizer-se, entre todos, pela imparcialidade e independencia do seu es-

pirito que formou nos principaes meios cultos da Europa, na convivencia com extraordinarias figuras dessa época, como Luthero, Melancton e Erasmo. A maneira como criticou alguns factos do reinado de D. Manuel explica a perseguição que a Inquisição lhe moveu, accusando-o de perfilhar as doutrinas da Reforma. Damião de Goes, além d'algumas obras em latim, escreveu a « Chronica do Principe D. João » e a « Chronica d'ElRei D. Manuel ».

(Pag. 34) *Ruy de Pina*: Era natural da Guarda, suppondo-se que nasceu em 1440 e que falleceu em 1521. Fez parte, como já referimos, de varias embaixadas, no tempo de D. João II, de quem recebeu muitas mercês, as quaes fôram confirmadas e augmentadas por D. Manuel que lhe deu os cargos de Chronista-mor e guarda-mor da Torre do Tombo e da livraria real. Ruy de Pina parece ter gosado de grande prestigio, chegando João de Barros a affirmar que Affonso d'Albuquerque lhe enviou joias, pedindo-lhe que se não esquecesse d'elle na sua historia.

(Pag. 35) *D. Affonso, o Bastardo*: Oliveira Martins (Vide « Os filhos de D. João I », 2.<sup>a</sup> ed., tomo I, pag. 4 e 5) conta do seguinte modo a origem do Conde de Barcellos, filho illegitimo de D. João I:

« Nas suas (do Mestre d'Aviz) cavallarias alentejanas, á volta de alguma monteria aos lobos, ou aos castelhanos, perdeu-se pelos olhos negros da filha de Mendo da Guada, em Veiros. Amou-a, seduziu-a, e trouxe-a para o convento de Santos, em Lisboa. O velho Mendo, de raiva, não cortou mais as barbas, donde lhe pozeram por alcunha o Barbadão. « Não haveis já de acabar com essa melancolia? » perguntou-lhe uma vez a rir o mestre, passando em Veiros de cavalgada. « Sim: quando acabar comvosco! » E arremetteu numa furia. Um galão do cavallo salvou o mestre, que partiu scismando. O barbadão era o riso respeitoso das gentes de Veiros; mas conformando-se afinal, veio á corte e recebeu as mercês do rei,

Das travessuras da mocidade trazia, pois, comsigo D. João I um filho, duramente amamentado na escola dos acampamentos... »

O filho illegitimo do Mestre d'Aviz recebeu o Condado de Barcellos, quando casou com a filha do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que era quem então o possuia, dispondo d'elle, espontaneamente, a favor do genro; e foi feito duque de Bragança, em 1442, pelo Infante D. Pedro. Na « Chronica d'El-Rey D. Duarte » figuram dois filhos seus: o Conde d'Ourem e o Conde d'Arrayolos.

(Pag. 38) *Unidade monarchica*: Este facto, a que fazemos referencia, para explicar o character palaciano que se nota já na « Chronica d'ElRey D. João II », de Ruy de Pina, e que

mais accentuadamente se revela na Chronica sobre o mesmo monarcha, de Garcia de Rezende, não é exclusivo de Portugal. É antes commum a diversos paizes, entre elles a Hespanha e a França. Representa a tendencia para o absolutismo, pela concentração de todos os poderes num individuo apenas, que é o rei, e constitue o aspecto politico da Renascença.

(Pag. 38) *Garcia de Rezende*: Era natural d'Evora, suppondo-se que nasceu em 1470 e que falleceu por 1540. Foi pagem da escrivanhinha (secretario particular) de D. João II com quem conviveu, muito intimamente, e fez parte da deslumbrante embaixada que D. Manuel enviou ao Papa, em 1514. Garcia de Rezende que, além de poeta e de chronista, foi musico e desenhador, deixou a «Chronica de D. João II» e umas trovas com o nome de «Miscellanea», em que allude a factos interessantes da época e refere varios costumes dos povos orientaes, além do «Cancioneiro Geral», publicado pela primeira vez, em 1516, no qual reuniu a obra dos poetas palacianos do seculo XV.

(Pag. 41) *A Tragedia do Infante Santo*: Este capitulo, que alguns julgarão deslocado num estudo critico, é feito, em grande parte, como fica dito, de palavras da «Chronica», que constitue o presente volume, e da que Frei João Alvares escreveu sobre D. Fernando. Pareceu-nos que poderia ter a utilidade de servir de iniciação á leitura d'uma obra do seculo XV, para aquelles que não estêjam familiarisados com o portuguez archaico, e por isso mesmo tivemos o cuidado de, muitas vezes, empregarmos as proprias expressões dos chronistas, e, quando as alterámos, fizemo-lo muito ligeiramente. Demais, suppomos que é sobretudo interessante, na «Chronica d'ElRey D. Duarte», destacar os factos e as attitudes que possam contribuir para a reconstituição do character de D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando, e, especialmente, o grande exemplo de heroismo, revelado em bondade e em resignação, que o Infante Santo nos deixou. Eis os motivos que nos levaram a escrever o referido capitulo que pouco mais é do que um resumo apressado da «Chronica», agora reeditada. De quanto fica dito se deprehende que á «Bibliotheca Lusitana» attribuimos, antes de tudo, um fim educativo, tomada esta expressão no sentido nacional e humano.

#### ANOTAÇÕES Á «CHRONICA»

(1) *A nossa edição*: Cumprindo uma promessa feita no programma da «Bibliotheca Lusitana», respeitámos, na presente edição, a linguagem original, tendo reproduzido, tanto quanto foi possivel, a edição dos «Inéditos da historia portu-

guesa». Convencemo-nos de que modernisar a linguagem, como se fez na «Bibliotheca de Classicos portuguezes», seria realizar uma pessima obra. A lingua, na sua evolução, tambem vae revelando aspectos da alma e da vida social do povo que a elabora. A eminente professora sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos chega a afirmar, estranhando que em Portugal se desdenhe do saber linguistico: «a lingua é a mais genial, a mais original e nacional obra de arte que cada nação cria e desenvolve» (Vide «Saudade Portuguesa», ed. de 1914, pag. 45). As condições, em que tratámos da presente edição, não foram as melhores. Em todo o caso, algum cuidado puzemos na revisão, parecendo-nos de necessidade rectificar apenas o seguinte: a pag. 81, devem acrescentar-se no fim da linha 11 as palavras — a Bandeira, — e nas pags. 87, linha 18, e 96, linha 7, deve lêr-se, respectivamente, — sooes — e — sinaaes — em vez de — foomes — e — finaaes —.

(2) *Torre do Tombo*: A «Torre albarrã», de que falla Fernão Lopes, dizendo que ficava «em cima da porta do castello e era muito forte» («Chronica d'ElRey D. Pedro», ed. da «Bibliotheca de Classicos Portuguezes», 1895, pag. 50) (1) era utilizada, primitivamente, para se guardar o thesouro real. Foi no tempo de D. Fernando que começou a aproveitar-se a Torre de Menage do Castello para archivar os livros das Chancellarias, d'onde proveio o nome de «Torre do Tombo». Os primeiros guardas do Archivo Nacional cumularam as suas funcções com as de Vedores (administradores, thesoureiros) da Fazenda. Só mais tarde é que os dois cargos passaram a ser desempenhados por individuos differentes. E' de suppor que tal facto se tenha dado, em 1418, data em que Fernão Lopes foi nomeado guarda-mor da Torre do Tombo, ainda em vida do seu antecessor Gonçalo Gonçalves que, provavelmente, ficou a desempenhar apenas as funcções de thesoureiro.

(3) *O alevantamento de D. Duarte*: Considerámos muito interessante o capitulo II da «Chronica», em que Ruy de Pina narra a cerimonia do «alevantamento» (aclamação) d'el-rei D. Duarte, e refere o conselho que o Fisico e Astrologo Guedelha lhe dera para que se não deixasse aclear, antes do meio dia, pois lia nos astros que, se o fizesse, o seu reinado seria cheio de infelicidades. Pinheiro Chagas («Historia de Portugal», 3.<sup>a</sup> edição, tomo II, pag. 118) duvida que Mestre Guedelha tivesse dito a D. Duarte o que Ruy de Pina lhe attribue. Registe-se, de passagem, que aquelle historiador pertence ao numero dos que desconfiam, exaggeradamente, da obra dos chronistas, sendo, em todo o caso, certo, e por

(1) Não citámos a ed. dos «Inéditos da hist. port.», porque não a temos, neste momento, á mão.

isso mesmo estranhavel, que, muitas vezes, nella se baseia, chegando, frequentemente, a reproduzi-la com ligeiras alterações ou a transcrevê-la, textualmente. Pela nossa parte, não perfilhâmos a incredulidade de Pinheiro Chagas, até pela resposta que, segundo Ruy de Pina, D. Duarte deu a Mestre Guedelha. Que respeitava a Sciencia, mas acima della collocava Deus em cuja protecção confiava, o que está inteiramente d'harmonia com opiniões do Rei Eloquentemente, expostas no *Leal Conselheiro* (vide nota 6.<sup>a</sup>) aonde diz, por exemplo:

«E porem he de teer sem duvyda que as pranetas nos enduzem, e dam inclinaçom a bem e a mal, como fazem as outras partes suso escriptas, mas nom em tal guysa que lhe nom possamos contradizer com a graça de Nosso Senhor . . .»

(4) *Torre de Menage do Castello*: Chama-se «torre de menage», a principal d'um castello, na qual se realisam os actos de investidura do governador ou castellão. Vide a nota (2).

(5) *A alegria de D. Duarte*: No capitulo III, Ruy de Pina, procurando revelar ElRey D. Duarte, sob o ponto de vista physico, moral e intellectual, faz, entre outras affirmações, a de que elle «foi homem alegre e de gracioso recebimento». Não devemos attribuir ás palavras «homem alegre» o sentido vulgar, que poderia levar-nos a concluir que D. Duarte era dotado d'uma alegria expansiva, de tal modo que se communicava áquelles com quem convivia. Pelo contrario, temos supposto sempre o Rei Eloquentemente uma alma melancholica, mas nem por isso desamando a vida, cuja belleza encontrava na propria Dôr. A Desgraça do Infante Santo, que lhe deu momentos eternos de sacrificio moral, foi um dos motivos por que elle mais a amou, pois sentia, com o soffrimento, o coração encher-se-lhe de Bondade. E era esta virtude, a mais bella da alma humana, que dava a D. Duarte alegria—a alegria dos Bons, quasi sempre feita de Tristeza. O que se passa na aldeia de Carnide confirma o que acabâmos de dizer. (Vide «Estudo critico», pag. 61 e 62).

(6) *O «Leal Conselheiro»*: Allude Ruy de Pina aos trabalhos litterarios de D. Duarte que tem um lugar de destaque entre os escriptores do seculo XV. A sua principal obra é o «Leal Conselheiro» que elle escreveu, a pedido da Rainha, «per boo regimento de suas conciencias e vontades». No «Leal Conselheiro» está reflectida a alma de D. Duarte e a vida moral da Côrte de D. João I. E' ahi que temos de ir buscar os principaes elementos para reconstituir o Espirito do Principe eloquentemente. Fallâmos na nota 5.<sup>a</sup> do seu estado de melancolia: do seu «humor merencorico» falla elle nos capitulos XIX e XX d'aquella obra. A saudade — «sentido do coração» — viveu-a como ninguem, e della trata, belissimamente, no capitulo XXV. Na côrte de D. João I, illuminada pela alma de D. Filipa de Lencastre, vivia-se das mais nobres

virtudes: para o sentir, é preciso ler o «Leal Conselheiro». A filha do Duque de Alencastro, que é um extraordinario exemplo de auto-educação, produziu uma transformação moral enorme na Côrte portugueza, para o que, em verdade, era preciso possuir um excepcional poder de honestidade, visto como deveria ter sido fecunda a vida escandalosa da sua antecessora — a «aposta» barregã. D. Duarte mostra que o esforço da mãe deu os melhores resultados: a fidelidade das mulheres dos cavalleiros do seu tempo era um facto incontestavel. São d'elle estas palavras:

«Se disserem, poucas som as boas, eu digo que muytas em este caso, pois ao presente eu nom sei, nem ouço molher de cavalleiro, nem outro homem de boa conta em todos meus Reynos que aja fama contraria de sua honra em guarda de lealdade; e passaram de cem molheres que ElRey e a Rainha, cujas almas Deos aja, e nos casamos de nossas casas e prouve a Nosso Senhor Deos que alguã que eu saiba nunca falleceo em tal erro des que foy casada; e parece-me que pois em andando por donzellas dalguã fama contraira se dizia, que semelhante quando fallecerom scendo casadas se dissera.»

Estas ligeiras referencias mostram como é interessante e indispensavel para o estudo da época de D. João I o «Leal Conselheiro» no qual, demais, são tratados diversos problemas de philosophia moral. Além da ed. de Paris, 1842, existe uma outra publicada em Lisbôa, em 1843. Ambas ellas contém o «Livro da ensynança de bem cavalgar toda sela», a que o chronista tambem faz referencia, e que mostra que D. Duarte conhecia com profundeza a arte de equitação, não só theorica como praticamente, pois d'ella escreveu com saber e cultivou-a de maneira notavel. (1)

(7) *A divisa de D. João I*: «Pour bien» é a divisa do Mestre d'Aviz. Significa bôa intenção e desejo de ser honesto. É interessante a interpretação que a legenda popular lhe deu. Registemo-la, resumidamente, e conforme a refere Pinheiro Chagas: D. João passeava em Cintra com a Rainha e as suas Damas. Suppondo D. Filipa distrahida, furtou um beijo a uma das damas. A Rainha surprehendeu-o em flagrante. D. João justificou-se, immediatamente: «Foi por bem». Uma pêga, ouvindo-o, repetiu a phrase, volteiando em torno da Rainha. Em memoria do caso, se construiu nos paços em Cintra a celebre sala das pêgas, onde innumeradas d'estas aves estão pintadas com a divisa «Por bem» a saír-lhes do bico.

(8) *Guerra dos cem annos*: É conhecida por este nome a guerra entre a França e a Inglaterra a que o chronista allude no capitulo VIII e que durou com intervallos desde 1339 até

(1) Vide a indicação completa das obras de D. Duarte, nos «Filhos de D. João I», de Oliveira Martins, ed. cit., vol. 1., pag. 215.

1453. É extraordinariamente sympathica a attitude de D. Duarte a respeito d'aquella guerra, intervindo para que se realisasse a paz entre as duas nações. E de alguma coisa valeu a sua intervenção. Prova-o o seguinte facto: O duque de Borgonha, Filipe «o Bom», cunhado do rei portuguez, havia-se ligado com a Inglaterra contra a França. No congresso diplomatico, em que se tratou de assentar nas bases da paz, os inglezes não acceitaram as propostas da França. Em face d'isto, Filipe «o Bom» desligou-se da Inglaterra, reconciliando-se com o rei francez, Carlos VII, o que contribuiu para que a guerra entrasse numa phase auspiciosa para a França a quem coube, dentro em breve, a victoria. Para aquella resolução do duque de Borgonha muito deveria ter contribuido D. Duarte, ou directamente, ou por intermedio da irmã, a mulher de Filipe «o Bom». É interessante registar ainda que a Infanta portugueza foi encarregada pelo marido de varias e delicadas negociações politicas. (Vide a sua indicação, por exemplo na "Historia de Portugal", da Empreza litteraria de Lisbôa, 3.º vol., pag. 29).

(9) *D. Isabel, duqueza de Borgonha*: A irmã a quem D. Duarte se referia era a Infanta D. Isabel que casara com Filipe o «Bom», duque de Borgonha, e a qual elle estimava muito, como affirma, na seguinte passagem do «Leal Conselheiro»: «E a Duqueza de Borgonha, mynha muyto presada e amada Irmãa, nunca tam perfeitamente sentyio minha boa vontade como des que foy destes reynos partida». A duqueza de Borgonha desempenhou um papel muito importante na politica da sua epoca. Vide nota 8.<sup>a</sup>

(10) *A divisa do Infante D. Henrique*: Adoptou o Infante de Sagres a seguinte divisa: *talent de bien faire*. A palavra talent ("talante", em portuguez, ainda hoje empregada) significa "vontade". É, assim, a divisa de D. Henrique inteiramente reveladora do seu character e historicamente verdadeira, se apreciarmos os actos do Infante, segundo um criterio alto e largo. Havemos de suppôr que nem sempre obrou com justiça, se baixarmos os olhos, por exemplo, para as intrigas que tiveram como epilogo a Tragedia de Alfarrobeira e verificarmos que não interveio, decididamente, a favor do irmão, parecendo haver desmentido a divisa. Mas convencer-nos-hemos de que a cumpriu sempre, se, levantando os olhos para as Navegações e Descobertas, virmos como elle viveu, num constante e heroico sacrificio pela realisação d'uma obra de extraordinario alcance humano.

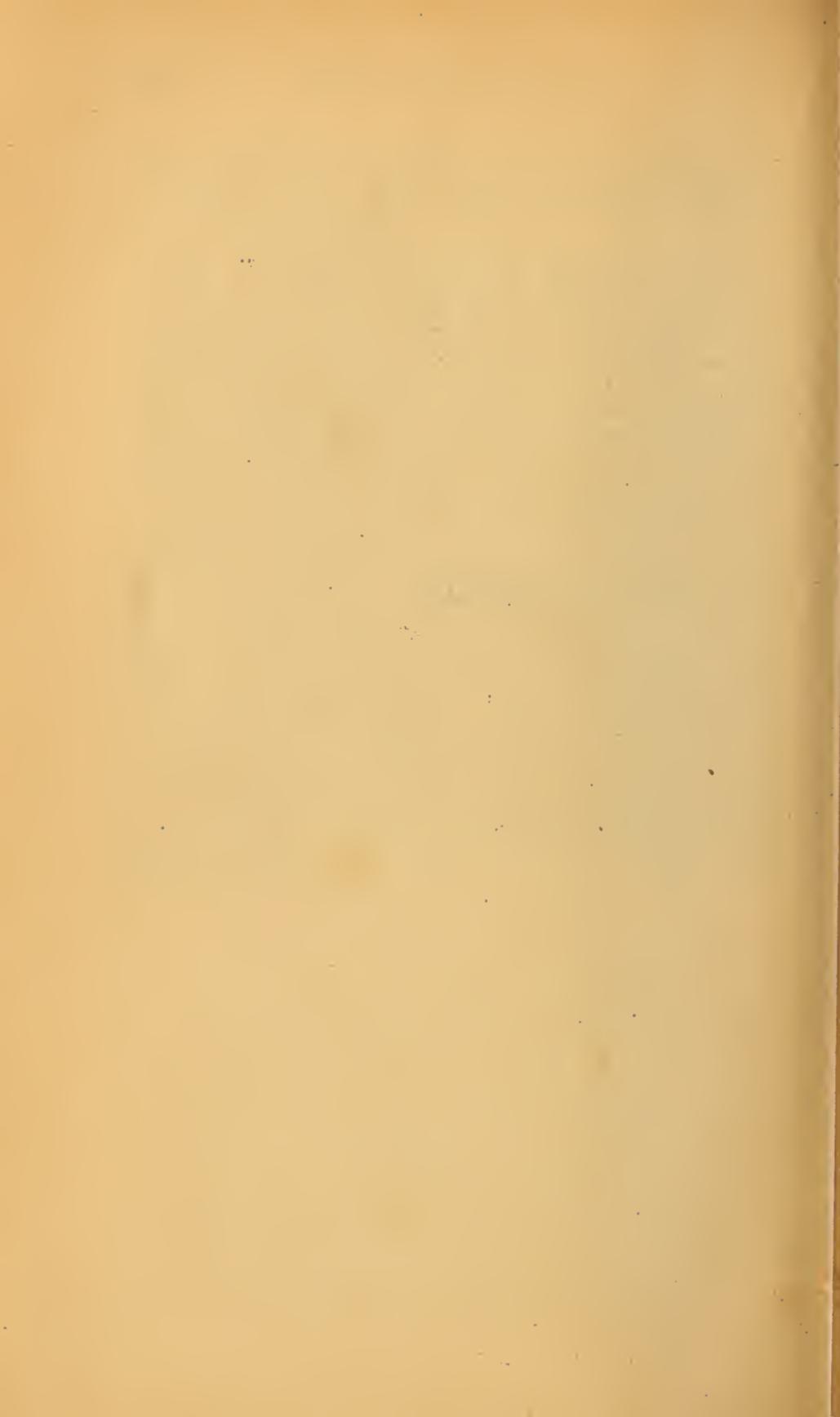
Registemos, porque vem a proposito e porque delle tanto se falla na "Chronica d'El-Rei D. Duarte", a divisa do Infante D. Pedro. Era uma palavra apenas: "désir", moto enigmatico, ou vago, para Oliveira Martins. (Vide "Os filhos de D. João I", tomo I, pag. 20). Toda a grandeza moral do Duque de Coimbra

vive naquella humilde palavra: ella traduz a sua anciedade de suprêma perfeição que attingiu, com Alvaro Vaz d'Almada, no momento da sua Morte — para elles o inicio da vida que sempre desejáram viver.

(11) *A invasão sarracena na peninsula*: Allude o chronista á invasão dos Arabes na peninsula iberica, nos principios do seculo VIII. Poderá dar a entender, pela maneira como se exprime, que os christãos se submeteram, cheios de resignação, aos vencedores. Foi, é certo, a peninsula conquistada, rapidamente, pelos mahometanos, o que se explica pelo estado de decadencia moral e social do imperio wisigothico. (Vide, por exemplo, o 1.º capitulo do romance historico «O Eurico», de Alexandre Herculano). Mas certo é tambem que, realisada a conquista, começou, immediatamente, o movimento de reconquista, que durou até ao fim do seculo XV.

(12) *As «sete partidas» do Duque de Coimbra*: Alude o chronista, no principio do capitulo XX, ás viagens do Infante D. Pedro que elle iniciou, em 1418, com alguns companheiros, entre os quaes contava o seu lealissimo amigo D. Alvaro Vaz d'Almada. Visitou grande parte da Europa e esteve em Jerusalem. As viagens do Infante acham-se envolvidas na lenda, tendo-as o povo revestido do maravilhoso da sua idealisação. Ha até quem julgue apocripho o folheto em que ellas vêm descriptas, intitulado «Livro (ou «auto» como dizia a 1.ª ed. de 1544) do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas (partes) do mundo, feito por Gomes de Santo Estevam, um dos doze que foram na sua companhia,, (Vide sobre as viagens do Infante «Os filhos de D. João I,,», tomo I, pag. 109 a 180; e sobre aquelle folheto, a mesma obra, tomo II, pag. 167 a 179).

GLOSSARIO



## A

**Aazes** (pl. de *aaz*, do latim *acies*)—ala, acampamento.

**Absoluçom** — absolvição.

**Acordado** (163) (\*) reflectido, prudente.

**Acupado** — occupado.

**Aderençado** — adereçado, endereçado, dirigido.

**Aferrar** — agarrar, apertar; teimar, obstinar-se.

**Aficar** — insistir, teimar.

**Aficado** — firme, constante.

**Aficadamente** — com insistencia.

**Aferrado** — disfarçado em traje que não é seu; apressado.

**Agumia** (*agonia*) — especie de faca ou navalha em forma de fouce, usada pelos mouros.

**Alardo** — revista de tropas.

**Albacar** — porta de fortaleza mourisca; barbacan.

**Aleivoso, a** — o que procede com aleive (fraude, calumnia); o que levanta calumnia.

**Alfaqueque** — emissario.

**Ambalas** — ambas as.

**Andas** ou **andes** (?) — varaes

em que se collôca a tumba; cama ou liteira sobre varaes.

**Annal** ou **Annaal** — annual.

**Anojar** — desgostar, enluctar.

**Antre** — entre.

**Apassyonado** — apaixonado.

**Apostemar** — criar apostema (abcesso).

**Aposto, a** — adornado, asseado, limpo.

**Apulha** — Apulia.

**Aravia** — lingua arabe.

**Ardideza** (e não *ardileza*, como, por lapso, saiu na linha 26 da pag. 53) — ardor, valentia.

**Ardidamente** — corajosamente.

**Arrife** — recife (um ou mais rochedos no mar, á flor da agua ou perto da costa).

**Asinado** ou **asynado** — assignado, notavel.

**Asinha** ou **asynha** — depressa.

**Asmo** (forma popular de *asimo*) — não fermentado.

**Assentamento** — morada, residencia.

**Atem, atee** ou **ateé** — até.

**Auto** — acto.

**Avelloya** — havê-lo-ia.

**Avondança** — abundancia.

**Aventagee** ou **aventagem** — vantagem.

**Azemala** (*Azémula*) — besta de carga.

(\*) O n.º indica a pag. em que se encontra a respectiva palavra. Pareceu-nos conveniente adoptar este processo, algumas vezes, para evitar confusões.

## B

- Balsam** — estandarte antigo; bandeira.
- Bardom?** (*barda?*) — armadura de ferro para defender o peito do cavallo.
- Beesteiro** ou **besteiro** — soldado armado de bésta.
- Bésta** — arma antiga que disparava peloiros ou settas.
- Britar** — partir, quebrar, arrombar.
- Brocado** — estofo de seda, com flores e figuras em relevo, e entretecido de oiro ou prata.
- Broslar** — bordar.
- Broslamento** — bordado.

## C

- Ca** ou **caa** — porque, pois.
- Caronyca** — chronica.
- Carraca** — grande embarcação antiga.
- Carriagem** — serie de carros.
- Carta de creença** (*credencial*) carta que dá credito ou poderes para representar um paiz perante o governo de outro.
- Cepta** ou **Ceita** — Ceuta.
- Consirar** ou **consyrar** — considerar.
- Contenença** — aspecto, semblante.
- Contrayro** — contrario.
- Crys** — eclipsado.
- Cubêlo** — torreão de fortificações antigas.

## D

- Deestro** — direito; que fica ao lado direito.
- Deesazo** — falta de habilidade; descuido.
- Descurso** — frequencia.
- Desempachar** — alliviar, desembaraçar.
- Despejado** — desimpedido, livre.
- Desportilhar** — Derribar (as portas de um muro).
- Desvairado** ou **desvayrado** — vario, diferente.
- Desy** — também, alem d'isso.
- Determinaçom** (e não *deternaçom*) como, por lapso, saiu na linha 27 de pag. 173) — determinação.
- Dinheiro** — (98) Antiga moeda portugueza de cobre.

## E

- Elche** (*elxe*) — christão ou mouro renegado.
- Emburilhar** — embrulhar.
- Empacho** — embaraço, estorvo.
- Enfraquentar** — enfraquecer.
- Exemplo, enxepro** ou **exemplo** — exemplo.
- Escala** — escada (assalto a uma

praça ou cidade por meio de escadas).  
**Escambo** — troca.  
**Esguardar** — ter em consideração, notar.  
**Essa** — (usualmente, escreve-se **eça**, forma esta que é

considerada erronea) — catafalco; estrado erguido numa igreja, no qual se collocam os caixões durante as cerimoniaes funebres.  
**Esto** — isto.

## F

**Facha** (*acha*) — arma antiga do feitto de machada.  
**Fecto** — feito.  
**Fim** — (Este termo apparece, algumas vezes, como feminino; assim o foi entre os

classicos, e ainda o é, na linguagem popular, em algumas regiões).  
**Fisico** — medico.  
**Frolido, a** — florido, a.  
**Froll** — flôr.

## G

**Graado** — grato, digno de reconhecimento; generoso.  
**Genoa** — Genova.  
**Genoês** — genovês.

**Gentar** — jantar.  
**Giolho** — joelho.  
**Guisa** — maneira.

## H

**Historico** (81) — historiador, historiographo.  
**Hystorial** (*historial*) — relativo

á historia, ou aos historia-dores.  
**Ho** — o.  
**Hu** — onde.

## I

**Imigo** ou **Imygo** — inimigo.  
**Imizade** — inimizade.  
**Impunees** (2.<sup>a</sup> pes. do pl. do

pres. do conj. do verbo *impunar?*) — castigueis.  
**Intento, a** (107) — com attenção; com cuidado.

## L

**Leaal** — Moeda, correspondente a dez reis, no tempo de D. João I.

**Leixar** ou **leyxar** — deixar.

## M

<b>Madre</b> (do lat. <i>matrem</i> )—mãe.	<b>Mesteiral</b> (de <i>mestér</i> )—artífice.
<b>Manhas</b> (82)—aptidões.	<b>Mostrança</b> —apparencia.

## N

<b>Nocto</b> —noite.		<b>Nom</b> —não.
<b>Nojo</b> —descontentamento, pesar, lucto.		

## O

<b>Onzeng</b> —undecimo.		<b>Ouida</b> (69)—acto d'ouvir; ( <i>per ouvida</i> —por haver ouvido).
<b>Ostender</b> —ostentar, mostrar.		

## P

<b>Padre</b> (do lat. <i>patrem</i> )—pae.		<b>Per</b> —por.
<b>Palanque</b> ( <i>palanca</i> )—obra de fortificação de estacas, cobertas de terra.		<b>Perfecto</b> —perfeito.
<b>Partido</b> —expediente, determinação, vantagem.		<b>Pero</b> —porém.
<b>Paveza</b> ( <i>pavês</i> )—escudo grande; armação de madeira para resguardo da tripulação de um navio.		<b>Peros</b> —pelos.
<b>Pavesada</b> : Resguardo feito de paveses.		<b>Peytar</b> —tentar corromper com dadivas; subornar.
		<b>Poer</b> (do lat. <i>ponere</i> )—pôr.
		<b>Pousar</b> —residir.
		<b>Prepedor</b> —o que propõe; proponente.
		<b>Prasmar</b> —censurar, criticar.
		<b>Prea</b> (do lat. <i>praeda</i> )—prêsa.

## R

<b>Raame</b> —o reino ou o governo do reino.		<b>Regnado</b> —reinado.
<b>Refresco</b> —reforços, auxilios.		<b>Reguarda</b> —rectaguarda.
<b>Refusar</b> —recusar.		<b>Remercear</b> —agradecer.
<b>Regnar</b> —reinar.		<b>Rezente</b> —recente.
<b>Regno</b> —reino.		<b>Romaão</b> —romano.
		<b>Rota</b> —peleja.

## S

**Sandio, a** — insensato.  
**Senhos** (adj. pl.; o mesmo que *sendos*) — cada um com o seu.  
**Sezilia** ou **Sizilia** — Sicilia.  
**Schreaser** ou **sobresser** (o mesmo que *sobrestar*) — não proseguir, cessar, abster-se.

**Som** (3.<sup>a</sup> pes. do pl. do pres. do ind. do verbo *ser*) — são.  
**Soma** — grande quantidade.  
**Somar** — resumir.  
**Soya** (Pret. imp. do ind. do verbo *soer*, do lat. *solere*) — costumava.

## T

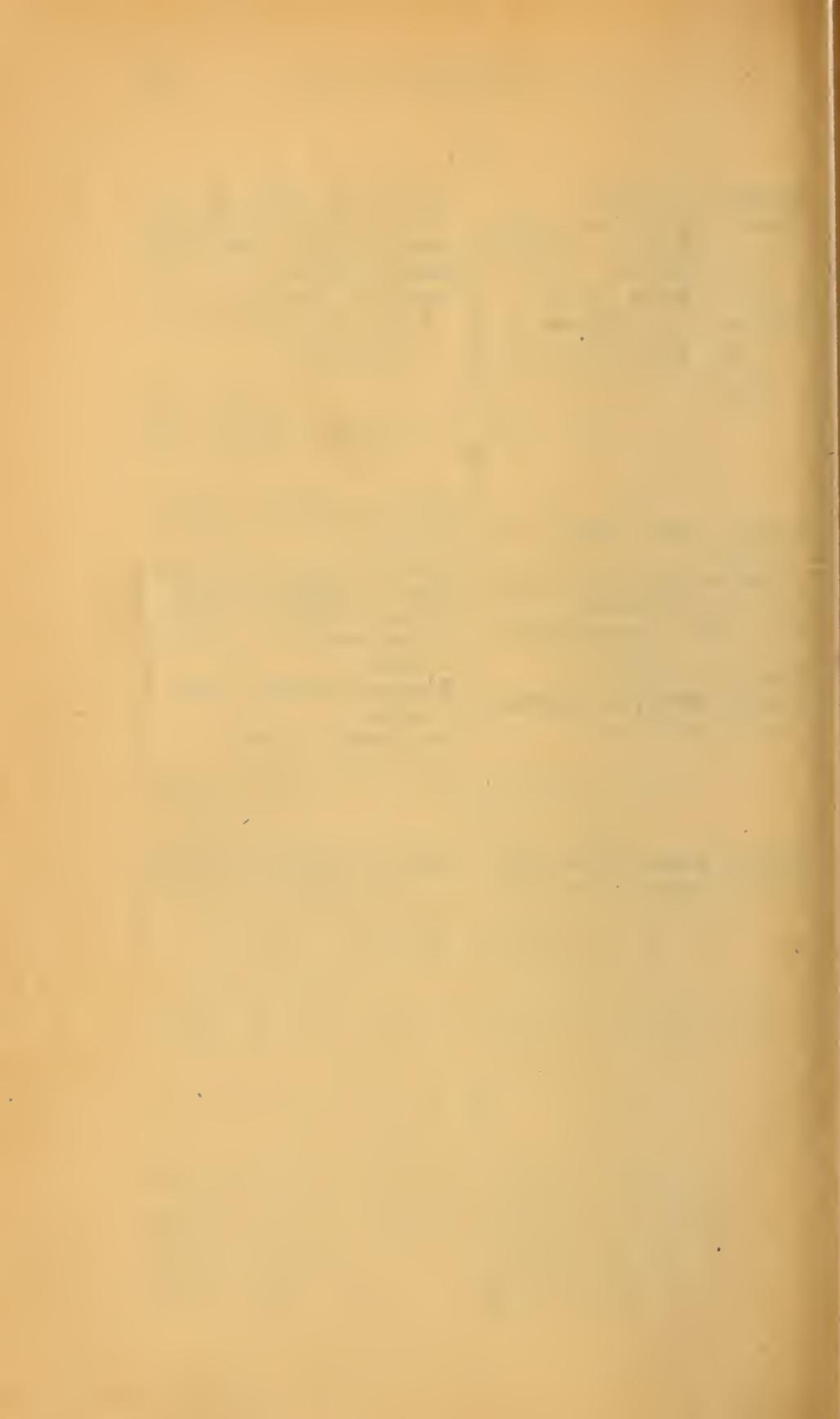
**Tamiça** — cordel delgado de esparto.  
**Tender** (do lat. *tendere*) — estender, desfraldar.  
**Teso** (subs.) — monte alcantilado; cimo do monte.  
**Todo** (112) — tudo.  
**Todolos, todellos** ou **todoolos, as** — todos os, as.

**Torva** — embaraço, perturbação.  
**Trauto** (*trato*) — convenção.  
**Tredor** ou **treador** — traidor.  
**Tribolo** — thuribulo.  
**Trigosamente** — apressadamente.  
**Triguança** (*trigança, triga*) — pressa.  
**Troõ** (trom) — canhão.

## V

**Vedor** ou **Veedor** — administrador, inspector, intendente.

**Vaso** (76) — antiga fazenda de lã preta para lucto.



## INDICE GERAL

### *Estudo critico:*

I. A Historia Patria e o Problema da Educação Nacional . . . . .	9
II. Os Primeiros Historiadores Portuguezes . . . . .	17
III. A Tragedia do Infante Santo . . . . .	41
Prologo da Cronica D'ElRey Dom Duarte . . . . .	69
Chronica do Senhor Rey Dom Duarte. . . . .	73
Index dos Capitulos da Chronica . . . . .	211
Annotações . . . . .	219
Glossario. . . . .	233

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA «RENASÇENÇA PORTUGUESA»  
PRAÇA DA REPUBLICA, 160, 161, 162, PORTO,  
A 12 DE SETEMBRO DE 1914,  
TIRANDO-SE DEZ EXEMPLARES  
EM PAPEL COUCHÉ  
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR.



◻ **BIBLIOTECA LUSITANA** ◻

SOB A DIRECÇÃO

DE

**JAIME CORTESÃO e ALFREDO  
COELHO DE MAGALHÃES**

E

COM A COLABORAÇÃO

DE

◻ ◻ ◻ ◻ Teófilo Braga ◻ ◻ ◻ ◻  
D. Carolina Micaélis de Vasconcelos  
◻ ◻ ◻ ◻ Ricardo Jorge ◻ ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ Leite de Vasconcelos ◻ ◻  
José Pereira de Sampaio (Bruno)  
◻ ◻ Joaquim de Vasconcelos ◻ ◻  
◻ ◻ Teixeira de Pascoaes ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ ◻ António Sérgio ◻ ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ Afonso Lopes Vieira ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ ◻ Virgílio Correia ◻ ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ José Teixeira Rego ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ Francisco Torrinha ◻ ◻ ◻  
◻ ◻ ◻ ◻ etc., etc. ◻ ◻ ◻ ◻



A SEGUIR

**ROMANCEIRO** por **TEÓFILO BRAGA**  
**AUTOS DE GIL VICENTE** por **AFONSO  
LOPES VIEIRA**





PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

DP

592

P5

1914

Pina, Ruy de

Chronica d'el-rei D. Duarte

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 07 05 01 015 8